

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

LUOYUAN LIU

**INTERCÂMBIO UNIVERSITÁRIO BRASIL-CHINA: TRAJETÓRIAS FORMADORAS DE ESTUDANTES DO RIO GRANDE DO SUL PARTICIPANTES DO PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS**

Porto Alegre

2018

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

LUOYUAN LIU

**Intercâmbio Universitário Brasil-China: trajetórias formadoras de estudantes do Rio  
Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras**

Porto Alegre

2018

LUOYUAN LIU

**Intercâmbio Universitário Brasil-China: trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Edla Eggert

Porto Alegre

2018

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

### Ficha Catalográfica

L783i Liu, Luoyuan

Intercâmbio Universitário Brasil-China : trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras / Luoyuan Liu . – 2018.

94 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Edla Eggert.

1. Programa Ciência sem Fronteiras. 2. Intercâmbio Brasil-China. 3. Mobilidade acadêmica. 4. Experiência. 5. Cidadania global. I. Eggert, Edla. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Bibliotecário responsável: Marcelo Votto Teixeira CRB-10/1974

LUOYUAN LIU

**Intercâmbio Universitário Brasil-China: Trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: 26 de fevereiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA:

---

Profa. Dra. Edla Eggert - PUCRS

---

Profa. Dra. Ho Yeh Chia - USP

---

Prof. Dr. Marcos Villela Pereira - PUCRS

Porto Alegre

2018

Ao meu pai, pela confiança, pelo apoio,  
e pela aceitação da minha decisão de fazer mestrado no Brasil.

## AGRADECIMENTOS

Ao escrever essa dissertação, cruzei meu caminho com muitas pessoas incríveis que me inspiraram e me incentivaram nesses dois anos de aprendizagem e autodescobrimento. A realização desse mestrado foi cheio de desafios, crescimentos e experiências inesquecíveis. Agradeço, sinceramente, pela amizade, ajuda, paciência, empatia, carinho e acompanhamento por toda essa caminhada.

Em primeiro lugar, aos meus pais, que me apoiaram todos os dias nesses dois anos e nunca reclamaram mesmo quando estavam morrendo de saudades na China.

Aos meus professores, desde jardim infantil até a faculdade, pelo profissionalismo e pela dedicação. A educação, ao longo desse caminho, se tornou as minhas asas para voar.

Ao professor Carlos Alberto Shimote Martins e à professora Sônia Lourenço, pela introdução da língua portuguesa de um jeito muito entusiasta e pelas conversas inspiradoras depois de almoço em ErWai.

Ao professor Amilcar Bettega Barbosa e à Emilie pelo conselho, pela recepção carinhosa em casa, pela partilha das experiências e pelo arroz chinês que vocês cozinharam, trazendo um pouco da China para cá.

Um agradecimento especial à minha orientadora Edla Eggert, por me guiar durante a elaboração desse trabalho e pela paciência e carinho todo esse tempo.

A todos os professores e secretários do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela convivência, ajuda e gentileza.

Aos colegas e amigos muito queridos que encontrei ou reencontrei no Brasil, em especial, o *Teamshade* - Aninha Veríssimo, Caroline Becker, Caroline Tavares de Souza, Julian Silveira Diogo de Ávila Fontoura, Lorena Machado do Nascimento e Lucas Rech, pela amizade, amor, carinho, força e ajuda, por ser minha família brasileira aqui em Porto Alegre e por tantas piadas legais, viagens maravilhosas, encontros com risadas e momentos preciosos nessa jornada de mestrado.

À professora Isabel Carvalho, por me receber em sua casa quando eu cheguei na PUCRS e não conhecia ninguém.

À Chantal e à Nadège, por todas as comidas compartilhadas comigo e todos os conhecimentos que passaram para mim, também por corrigir meus inúmeros erros de português.

À professora Flávia Thiesen, pelo carinho e por compartilhar os materiais sobre o tema da minha pesquisa.

Aos participantes do CsF que responderam ao questionário e realizaram entrevistas comigo, por compartilhar suas experiências e reflexões.

Aos professores da minha banca de qualificação, pelos conselhos, dicas e indicações.

Ao Mateus, por ler repetidas vezes as transcrições e as minhas escritas para corrigir os erros de gramática.

Aos colegas do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, a convivência com vocês foi proveitosa e a experiência de trabalhar no museu foi única.

À PUCRS e ao CNPq, pela oportunidade e bolsa para realizar esse trabalho.

Por fim, a todos aqueles que durante esses dois anos, direta ou indiretamente contribuíram para minha pesquisa e/ou adoçaram a minha aprendizagem aqui no Brasil.

Caminante,  
no hay camino,  
se hace camino al andar.  
—— Antonio Machado

## RESUMO

Esta dissertação buscou analisar os processos formadores que estudantes do Rio Grande do Sul viveram ao participarem do Programa Ciência sem Fronteiras num país como a China. Com base nos dados coletados por meio de um questionário (vinte respostas) e de quatro entrevistas com estudantes do Rio Grande do Sul que realizaram o intercâmbio na China, a presente pesquisa analisou as experiências desses participantes gaúchos em suas estadas na China via Programa CsF e revelou certas correlações entre a mobilidade acadêmica com a formação da cidadania global para esses estudantes. As experiências foram diversas e com muitos descobrimentos sobre o país oriental e seu povo. O crescimento pessoal dos próprios participantes brasileiros foi um forte destaque encontrado nos relatos. Embora o CsF tenha sido criticado, de acordo com os relatos desses participantes entrevistados, a realização desse intercâmbio aprimorou a sua competência linguística, auxiliou o entendimento e respeito à diversidade e à diferença cultural. O conhecimento sobre o país destinatário, ampliou a visão do mundo, fortaleceu a independência e aumentou a autoconfiança para vencer seus medos. Desse modo, é possível afirmar que as experiências vivenciadas no exterior possibilitaram a formação da cidadania global desses estudantes.

Palavras-chave: Programa Ciência sem Fronteiras. Intercâmbio Brasil-China. Mobilidade acadêmica. Experiência. Cidadania global.

## **ABSTRACT**

This dissertation sought to analyze the global citizenship development process of students from Rio Grande do Sul who participated in the Science without Borders Program and chose China as destination for the exchange experience. Data analyzed for the study was collected via the distribution of a questionnaire to former Program participants, which elicited twenty responses, and through in-depth interviews conducted with four undergraduate students from Rio Grande do Sul. This study, in particular, sought to draw a correlation between academic mobility and the development of global citizenship. The experiences of the students were diverse: with participants detailing both insights gained about China and its people as a result of the Program, as well as a variety of personal developments. Whilst students identified some flaws with the Science without Borders Program, they emphasized a number of key practical benefits, including an improved proficiency in their chosen language and an enhanced understanding of their recipient country. Students also more generally noted a deepened understanding of and respect for cultural diversity and cultural differences, a broadened world view, and an elevated sense of independence and self-confidence. Above all, research revealed a strong correlation between the experience of academic mobility and the students' development of global citizenship.

Key words: Science without Borders Program. Brazil-China exchange program. Academic mobility. Experience. Global citizenship.

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Novas disciplinas na China.....	24
Quadro 2 - Uma descoberta ou um ponto forte da experiência na China.....	26
Quadro 3 - Qual atividade para desenvolver na China?.....	28
Quadro 4 - Uma experiência marcante no intercâmbio.....	30

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Modos de moradia .....	22
Gráfico 2 - Carga horária nas universidades na China .....	23

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- A distribuição de bolsas implementadas por modalidades.....	12
Tabela 2- Áreas de concentração e números de bolsas implementadas.....	12
Tabela 3 - Escolaridade e Profissão dos pais .....	19
Tabela 4 - A razão de escolher a China .....	20
Tabela 5 - A principal dificuldade .....	26
Tabela 6 - Questão de gênero .....	30

## LISTA DE SIGLAS

APQN - Asia-Pacific Quality Network

BISU - Beijing International Studies University

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COSBAN - Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação

CPLP - Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

CsF - Ciência sem Fronteiras

C,T&I - Ciência, Tecnologia e Inovação

ECG - Educação para a Cidadania Global

ENQA - European Association for Quality Assurance in Higher Education

FIES - Fundo de Financiamento Estudantil

FURG - Universidade Federal do Rio Grande

IBGEN - Instituto Brasileiro de Gestão de Negócios

IC - Iniciação Científica

IES - Instituições de Ensino Superior

INPE - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais

MEC - Ministério da Educação (do Brasil)

MCTI - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (do Brasil)

PAC - Plano de Ação Conjunta 2010-2014

PDC - Projeto de Decreto Legislativo

PDE - O Plano de Desenvolvimento da Educação

PNE - Plano Nacional de Educação

PPGEdu - Faculdade de Educação Programa de Pós-Graduação em Educação (da PUCRS)

PROUNI - Programa Universidade para Todos

PT - Partido dos Trabalhadores

PUCRIO - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

PUCSP - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SICA - Students International Communication Association

SINAES - Sistema Nacional de Avaliação da Educação Superior

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFPEL - Universidade Federal de Pelotas

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

ULBRA - Universidade Luterana do Brasil

UNICEF - United Nations Children's Fund

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

UNIPAMPA - Universidade Federal do Pampa

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos

UNILASALLE - Centro Universitário La Salle Canoas - RS

UNIVATES - Centro Universitário Univates

USP - Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 O Contexto da Pesquisa.....	5
1.2 Uma visão panorâmica sobre cooperações sino-brasileiras.....	8
1.3 O Programa Ciência sem Fronteiras.....	11
1.4 O que já foi pesquisado sobre o Programa Ciência sem Fronteiras.....	13
1.5 O uso do questionário online como introdução para a entrevista.....	16
1.6 As entrevistas e os caminhos para fazer a análise.....	33
1.7 A aprendizagem sobre as relações de gênero como auxílio para a análise desse estudo.....	36
1.8 A internacionalização do Ensino Superior e a formação de cidadania global como estudo e auxílio para as análises.....	38
2 A LÍNGUA, OS CURSOS E A CULTURA CHINESA.....	44
2.1 A língua e os cursos - as primeiras aprendizagens.....	44
2.2 A aproximação da cultura chinesa - os pequenos grandes espantos.....	49
2.3 Os limites da língua que dificultaram a compreensão da cultura.....	53
3 A VISÃO DE QUEM É ESTRANGEIRO(A) DEPOIS QUE RETORNA AO SEU PAÍS.....	57
3.1 Os retratos dos chineses na visão dos brasileiros.....	57
3.2 A Vida Sem Fronteiras - depois da China, eu posso me adaptar em qualquer outro lugar.....	64
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72
5 REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE A - Questionário - Intercâmbio Universitário Brasil-China: estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa de Ciência sem Fronteiras.....	87
APÊNDICE B - As perguntas preparadas.....	90
APÊNDICE C - Os trabalhos encontrados para o Estado do Conhecimento.....	91
ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	93

# 1 INTRODUÇÃO

No nosso cotidiano, as marcas de globalização são evidentes: nosso Cristo é judeu, nosso carro é japonês, nossa pizza é italiana, nosso café é brasileiro, nossa roupa é chinesa. Os países, sejam desenvolvidos, sejam em desenvolvimento, não escapam dessa tendência, desse fluxo global. Neste contexto, nossa educação também procura um sistema globalizado, oferecendo cursos internacionalizados, recrutando professores estrangeiros, entre outros. Na perspectiva dos estudantes, realizar um intercâmbio em outros países se torna um objetivo cada vez mais desejado. No nível universitário, hoje em dia existem vários tipos de mobilidade, desde programas de curta duração de determinadas semanas como “*summer camp*” com o intuito de experimentar um estilo de vida diferente e ampliar horizontes até intercâmbios acadêmicos que duram um ano letivo ou mais a fim de desenvolver pesquisas e usufruir da cooperação científica.

O foco dessa pesquisa é o reflexo deste processo num contexto específico: aquele das trajetórias de alunos brasileiros, mais especificamente do Rio Grande do Sul, que realizaram intercâmbio na China via o Programa Ciência sem Fronteiras (CsF)<sup>1</sup>.

Criado pelo governo federal em 2011, com previsão de 101 mil bolsas, o Programa CsF, no atual momento, está suspenso. A nova chamada da concessão das bolsas para modalidade sanduíche de graduação não aconteceu (CUNHA, et al., 2016, p. 153). Para abordar este Programa, precisamos falar primeiro do cenário político no qual se insere. Durante o primeiro mandato presidencial de Dilma Rousseff, o Programa CsF concedeu, no total 101.446 bolsas<sup>2</sup> de 2011 até 2014. Mas, ainda na gestão do governo do PT (Partido dos Trabalhadores) em 2016, o Programa já não teve novos financiamentos nem recursos para sua continuação. Segundo a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), há intenção de retomá-lo com uma nova ênfase na aprendizagem de idiomas e em bolsas de pós-graduação<sup>3</sup>. A atual suspensão da concessão das bolsas e a mudança da gestão deste Programa de internacionalização refletem o contexto político brasileiro de maneira geral e mais particularmente o contexto do Ensino Superior neste país (ALMEIDA, 2014, p. 504).

---

<sup>1</sup> A apresentação detalhada sobre o Programa CsF consta em 3.2 desse projeto.

<sup>2</sup> Fonte: CAPES, disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/36-salaimprensa/noticias/7933-capes-divulga-numeros-referentes-ao-ciencia-sem-fronteiras>>. Acesso em 22/03/2017.

<sup>3</sup> Fonte: CAPES, disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/36-salaimprensa/noticias/8052-programa-ciencia-sem-fronteiras-tera-novo-foco-com-objetivo-de-beneficiar-alunos-mais-pobres>>. Acesso em 17/03/2017.

No entanto, a mudança política recente do país está influenciando os programas no campo educacional. A Revista Educação & Sociedade publicou recentemente o editorial “O Contexto Político e A Educação Nacional” (abr.-jun de 2016), afirmando que o *impeachment* representa “um risco sem precedentes aos direitos sociais, educacionais e de cidadania” (O CONTEXTO..., 2016, p. 329). Já no editorial do número jul.-set. de 2016 desta mesma revista, os editores salientaram que:

As iniciativas já tomadas pelo governo Temer são uma mostra de desafios a serem enfrentados no campo educacional nos próximos anos. As propostas e as medidas adotadas indicam mudança radical de orientação em praticamente todas as frentes de realização do direito à educação. Há indícios concretos de que pactos de desenvolvimento educacional inscritos no Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2014) não serão mantidos, a começar pelo mais importante deles: o compromisso de continuidade da elevação gradual do investimento em educação. (TEMPOS..., 2016, p. 591)

Ainda no mesmo editorial:

Ao que tudo indica, a contenção das oportunidades educacionais da população trabalhadora, público majoritário da escola pública, será acompanhada por ações que interferem diretamente no acesso ao conhecimento. O cenário de ajuste fiscal tende a acelerar reformas educacionais com foco na eficiência econômica da educação, o que constitui ameaça severa ao direito à educação. (TEMPOS..., 2016, p. 594).

O atual presidente, Michel Temer, tomou posse depois do *impeachment* da ex-presidente, Dilma Rousseff. A continuação dos programas educacionais anteriores, incluindo o Ciência sem Fronteiras, enfrenta grandes desafios e inclusive interrupções.

Para além da reflexão deste contexto político do país, o Programa representava um avanço da internacionalização do Ensino Superior do Brasil. Este trabalho visa analisar as experiências dos participantes deste Programa e, mais especificamente, as trajetórias dos estudantes do Rio Grande do Sul que haviam estudado na China. Não é objetivo deste trabalho analisar a interrupção do Programa e nem suas consequências.

Quanto à internacionalização do Ensino Superior do Brasil, podemos observar que a expansão das matrículas neste nível de ensino ocorreu sobretudo nas últimas duas décadas. Segundo Vilma Aguiar (2016, p. 113), em 1995, havia 1.700.000 pessoas matriculadas no Ensino Superior no Brasil, enquanto em em 2010, já se tinha 6.300.000 matrículas, um aumento superior a três vezes: “Nesse sentido, a onda brasileira [de expansão do Ensino Superior] se inscreveu em um movimento internacional”. Considerando a expansão da Educação Superior e a fim de se inserir no mundo globalizado, a internacionalização das Instituições de Ensino Superior (IES) no Brasil é uma estratégia importante “seja para

produzir conhecimento ligado diretamente à pesquisa, seja para a formação de recursos humanos voltados à cidadania e/ou à Sociedade do Conhecimento, com foco no mercado ou, ainda, num âmbito ampliado a um conceito, também ambíguo, de cidadão global” (MOROSINI, 2016). Assim, essa pesquisa se contextualiza na expansão da internacionalização do Ensino Superior brasileiro. Um modo de ampliar a internacionalização que o governo brasileiro adotou foi a concessão de bolsas de estudo, como o CsF, para os alunos realizarem a mobilidade acadêmica no exterior. Considerando as relações sino-brasileiras cada vez mais fortes (cf. será detalhado no item 1.2), a presente pesquisa intenciona conhecer as trajetórias formadoras, durante a estada na China, dos participantes do Programa CsF e compreender a relação entre o intercâmbio e a formação da cidadania global.

Conforme o contexto do Programa CsF e da Internacionalização da Educação Superior do Brasil, sugere-se a pergunta principal dessa pesquisa: **Quais são as experiências de intercâmbio de estudantes universitários do Rio Grande do Sul em suas estadas na China via Programa Ciência sem Fronteiras na formação da cidadania global?** Enquanto a pergunta geral desempenha o papel de guia para a construção da presente pesquisa, as perguntas específicas e os objetivos que constam abaixo auxiliam a esclarecer a sua composição.

Perguntas que se desdobram com base na primeira:

- Porque estudantes brasileiros escolheram a China como destino de intercâmbio?
- Como foi a experiência deles neste país?
- De volta ao Brasil, os estudantes aproveitam a experiência do intercâmbio a fim de se dedicar ao aprimoramento da sua formação pessoal?

Objetivo geral

Conhecer e analisar as experiências de estudantes do Rio Grande do Sul no intercâmbio na China. Entender as perspectivas dos participantes sobre a relação entre a experiência de mobilidade acadêmica com a formação da cidadania global.

### Objetivos específicos

- Contextualizar a criação do Programa Ciência sem Fronteiras no âmbito das políticas de incentivo ao intercâmbio universitário e de internacionalização da Educação Superior no Brasil.
- Entender os motivos das escolhas dos jovens brasileiros.
- Perceber aspectos que introduzam as questões de gênero e étnico-raciais que os participantes possam ter identificado durante e/ou depois do intercâmbio no âmbito do Programa.
- Analisar mais profundamente as experiências de quatro estudantes do Rio Grande do Sul que realizaram intercâmbio na China através de entrevistas.
- Conhecer as influências do intercâmbio universitário produzidas na vida destes jovens do Rio Grande do Sul.
- Discutir de que forma essa mobilidade acadêmica entre os dois países emergentes pode consolidar a formação dos alunos universitários do país fundador do Programa.

A perspectiva teórica adotada foi uma escolha inspirada na aproximação com alguns aspectos da teoria do sociólogo Zygmunt Bauman (1998, 2001, 2005, 2012), que apresenta o conceito de uma “modernidade líquida”, analisando várias definições de identidade, de diversidade da cultura e da educação conectadas com todos os âmbitos da sociedade. Esse aspecto é um tópico emergente na formação dos cidadãos globais. Neste contexto, a formação de cidadania global se torna uma aprendizagem essencial para os jovens universitários em relação com a vida política, econômica e social (KILLICK, 2012; RODRIGUES, 2012; MORAIS et al, 2011; TARRANT, 2010). Ao dialogar com a formação de cidadania global, busquei relacioná-la com o desenvolvimento da internacionalização da educação superior, por meio de argumentos apresentados pela investigadora canadense Jane Knight (1997, 1999, 2005, 2008) e demais autores que discutiram a atual internacionalização da educação superior no contexto sino-brasileiro e global. Nesse sentido, ao entender dessas experiências vividas pelos alunos brasileiros na China por meio da mobilidade acadêmica, examinei também as questões de gênero, como um outro assunto que atribui apoio nesse trabalho, pondo em diálogo os relatos dos participantes com algumas leituras como as de socióloga brasileira Heleieth Saffioti (1987) e de filósofa feminista americana Andrea Nye

(1995).

Quanto às escolhas metodológicas, utilizei uma combinação de análise documental, questionário online e entrevistas. Com o intuito de ampliar o entendimento do Programa CsF, a pesquisa documental foi feita consultando os dados do próprio site oficial do Programa assim como o site da CAPES. Através dos dados oficiais do próprio site do Programa CsF, foi possível conseguir o número dos estudantes brasileiros que realizaram intercâmbio na China, a distribuição por gênero e suas universidades no Brasil; localizar quais universidades e cidades chinesas que acolheram esses participantes; conhecer a modalidade da bolsa, a duração da estada na China, etc. Esses dados iniciais, se completam por meio da revisão das pesquisas anteriores sobre o Programa. Para uma primeira aproximação dos participantes do Programa do Rio Grande do Sul que foram para a China, realizei um questionário online composto por perguntas abertas e fechadas que permitiu recolher respostas sobre determinadas questões com que essa pesquisa se preocupa. Desse modo, a grande parte dos participantes puderam compartilhar suas experiências apesar de estar geograficamente distantes ou indisponíveis para realizar entrevista. Por fim, realizei quatro entrevistas com os participantes. Para organizar a compreensão a partir das entrevistas, adotei a análise textual discursiva (MORAES, et al., 2011), porque nesta parte a intenção não é confirmar nem negar hipóteses minhas sobre a experiência deles na China, porém se trata de compreender e reconstruir conhecimentos sobre mobilidade acadêmica com esses casos mais específicos.

### **1.1 O Contexto da Pesquisa**

Este tema se relaciona com a minha própria história de vida, a começar pela trajetória que vivi desde a vinda da China para o Brasil no ano de 2016. Me formei no curso de Licenciatura em Português pela Universidade de Estudos Internacionais de Pequim (ou *Beijing International Studies University BISU*) em julho 2015. Com apenas quatro anos de estudo do português, eu, uma estudante de língua materna chinesa, fiz a seleção do Programa de Pós-Graduação em Educação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Pela primeira vez no processo de ingresso, o PPGEduc fez adaptações para uma candidata que estava em Pequim, a 18.450 km de Porto Alegre. A prova foi realizada à distância, na sala de aula da minha Universidade,

supervisionada pelo professor Amilcar Bettega Barbosa, um gaúcho, escritor e ganhador de vários prêmios na área. Ele foi o principal incentivador da minha vinda para a PUCRS. O exame foi escaneado e enviado por email ao PPGEduc. A entrevista de seleção foi realizada via *Skype*. Estas novas tecnologias, facilitam o processo e ampliam as possibilidades de comunicação. Ao final do processo, fui aprovada e aqui estou, concluindo o mestrado no Brasil.

Essa minha história, que conecta China e Brasil, me inspirou a conhecer os intercâmbios universitários entre os dois países. Já nas primeiras semanas da minha estadia em Porto Alegre, encontrei, por acaso, dois estudantes brasileiros que foram estudar na China por meio do Programa CsF. Um deles, conheci no ônibus, numa conversa rápida, a caminho da universidade. Essa conexão sino-brasileira não só conecta as universidades, como também as pessoas. Esses encontros foram um dos fatores decisivos do meu projeto.

A experiência é primordial na preparação para se tornar um cidadão do mundo, mas para que a experiência seja formativa é fundamental pensar sobre ela, como ensina a socióloga e antropóloga francesa Marie-Christine Josso (1999). Segundo essa autora, as três fases de experiência são: “ter experiência”, “fazer experiência” e “pensar sobre as experiências” (JOSSO, 2004, p. 51). Tanto na minha experiência aqui no Brasil, quanto nas trajetórias dos participantes brasileiros que foram para a China via Programa CsF, o processo de pensar sobre a essa vivência internacional, contribui para nosso autoconhecimento. Acredito que a mobilidade acadêmica é uma porta aberta para diversas oportunidades e realidades. Abrir os olhos e ampliar o horizonte. Isso promove para um entendimento mais abrangente do mundo e um olhar mais imbuído de empatia sobre as diferenças culturais.

A vida, em inúmeros aspectos, é muito diferente na China e no Brasil. E, justamente por esse motivo, as reflexões dos participantes do Programa CsF podem trazer olhares diversos e inspirar o debate em torno das similaridades e diferenças. Por consequência, penso que é importante conhecer as histórias desses participantes e seus pontos de vista sobre suas experiências acadêmicas, de formação de amizades, questões de gênero e suas aprendizagens e vivências na vida cotidiana, tanto na estada na China, quanto no retorno ao Brasil.

A experiência de mobilidade acadêmica dos participantes do CsF é uma trajetória curta em comparação com os longos anos da vida, porém, esse fragmento de história de vida também, como a socióloga e antropóloga Josso (1999, p. 13) apontou, dá “uma sensibilidade

para a história do aprendiz e de sua relação com o conhecimento”. Nesse processo, cada um se torna protagonista da sua experiência pessoal. A fim de “situar esse fascínio pelo singular, a individualidade, o sujeito, o vivido, experimental” (JOSSO, 1999, p. 13), é essencial ouvir as histórias contadas pelos participantes nessa pesquisa.

Segundo Aline Pacheco Silva, et al. (2007, p. 27), “Emolduradas na metodologia qualitativa, as abordagens biográficas caracterizam-se por um compromisso com a história como processo de lembrar, com o qual a vida vai sendo revisitada pelo sujeito”. Essa revisão das experiências dos participantes é valiosa para investigar as trajetórias desses participantes na estada na China e para trazer à tona elementos que foram mais marcantes durante o intercâmbio. A realização de entrevista é pertinente nesse sentido, permitindo uma abordagem que permite aproximar-se dos participantes e conhecer melhor suas experiências. Com base nas leituras de Bauman (1998, 2001, 2005, 2012), entendo que nesse mundo moderno, tudo está em constante mudança, o que, em consequência, provoca uma sensação de insegurança na vida. A fim de enfrentar essa incerteza da modernidade que se desenvolve com alta velocidade, o que não muda é a constante alteração em resposta para a mudança. Por isso, para melhor vivermos nessa “sociedade líquida”, é indispensável entendermos o espaço-tempo no qual estamos e nos adaptarmos a ele. Neste sentido, um tema estudado por Bauman, foram as redes sociais. A tecnologia da internet vêm modificando nossa vida em grande medida. Hoje em dia, a dependência dos produtos eletrônicos nos prende, especificamente os jovens. Assim que a internet falha, a eletricidade apaga e o celular para de funcionar, as relações interpessoais parecem que são difíceis de se manter sem a plataforma virtual. Já a experiência dos participantes do CsF, exige que os sujeitos entrem em contato com as pessoas e com a cultura do país destino não apenas virtualmente, mas se confrontando à diferença cultural de maneira concreta. Como Bauman (2012, p. 34) confirmou, “a história moderna tem sido marcada pelo progresso constante dos meios de transporte, e, portanto, do volume de mobilidade”. A mobilidade acadêmica, assim como outros tipos de mobilidade portanto, também aumentou.

Para melhor compreender a experiência dos estudantes gaúchos na China, é importante considerar essa visão geral dos processos de mobilidade acadêmica. Algumas outras questões de contextualização me parecem ainda importantes de serem apresentadas. Nas sessões seguintes apresentarei, portanto, um breve histórico das relações entre Brasil e

China, o processo de criação e as principais características do Programa Ciência sem Fronteiras e também os trabalhos acadêmicos que se dedicaram ao estudo deste Programa. Por fim, apresentarei a estrutura geral da pesquisa, as perguntas que guiam este trabalho, seus objetivos e a maneira como foi organizado o desenvolvimento da pesquisa.

## **1.2 Uma visão panorâmica sobre cooperações sino-brasileiras**

O Brasil, quanto às relações internacionais, vem se esforçando para se inserir na cena internacional no século XXI. De acordo com Thiago Gehre Galvão (2016, p. 199), especialista em Relações Internacionais brasileiras, existem três grandes fases durante a estratégia de inserção: “construção das bases e alicerces (2000-2008)”; “decolagem e ascensão para a política global (2003-2012)”; e “declínio em espiral, com perda de relevância estratégica (a partir de 2011)”. A estratégia de inserção no palco mundial não só demonstra o desenvolvimento da competitividade nacional abrangente do Brasil, mas também a atitude de se envolver ativamente nos assuntos internacionais. Ao mesmo tempo, os outros países em desenvolvimento e/ou emergentes procuram fortalecer cooperações sul-sul por criações de grupos, a exemplo do Brics, do Mercosul ou da Unasul, nos quais o Brasil se integra. Deste modo, os países geograficamente afastados do Brasil, embora estejam com contextos econômicos e sociais diferentes, podem realizar parceria estratégicas (GALVÃO, 2016, p. 213). Contudo, esse escopo sul-sul, dentro da política de relações internacionais brasileiras, foi uma mudança com intuito de se incorporar no espaço-tempo atual, visto que, conforme o sociólogo Jessé de Souza (2009, p. 33):

Nós, brasileiros, nunca nos comparamos com a Bolívia, com a Guatemala, ou mesmo com a Argentina. Nós nos comparamos obsessivamente com os Estados Unidos - na realidade, a comparação explícita e implícita com os Estados Unidos é o fio condutor de praticamente todas as interpretações da singularidade brasileira no século 20 - porque percebemos que apenas eles são tão grandes e expressivos como nós mesmos no continente americano. Para um país como o Brasil, a comparação com os Estados Unidos se impõe por si mesma. Os Estados Unidos e o Brasil possuem várias similitudes morfológicas e históricas: extensão territorial, tamanho populacional, tempo de colonização, importância da escravidão. A partir dessas similitudes, no entanto, o resultado não poderia ser mais diverso: riqueza e afluência, de um lado, pobreza e marginalidade social em grande escala, de outro. Se o dinamismo social e econômico americano anima a inveja e a admiração dos seus pais europeus - ultrapassados em escala geométrica pelos filhos exilados no novo continente -, o que dizer dos países latino-americanos como o Brasil?

A aproximação das nações sul-americanas e até de países mais distantes (como,

justamente, a China) reflete uma visão do Brasil que valoriza as similaridades dos países situando no contexto parecido e procura cooperações com esses parceiros. Junto com a estratégia de regionalização da economia na América do Sul e a do estabelecimento de parcerias com países emergentes, o Brasil se insere no cenário mundial como um elemento significativo em ascensão. Contudo, por causa da forte interconexão global atual, as circunstâncias internacionais têm impactos fortes no Brasil.

Quando a crise se iniciou nos Estados Unidos em 2007 e espalhou pelo mundo em 2008, a depressão ameaçou a estabilidade econômica e a recuperação do desenvolvimento dos países inseridos na ordem internacional pode levar um bom tempo para acontecer (CARVALHO, 2016). Como o Brasil pode reagir perante esse desafio com base na estratégia de inserção internacional no século XXI? Talvez as cooperações sino-brasileiras possam ser uma opção alternativa.

As relações diplomáticas estabelecidas entre a República Federativa do Brasil e a República Popular da China começaram no início do Século XIX, foram em seguida interrompidas com a revolução na China em 1949 e, em 1974, foram retomadas. No mesmo ano, com o acordo sobre a criação e funcionamento da Embaixada do Brasil em Pequim e a Embaixada da China em Brasília, as relações entre os dois países se estabilizaram. Desde então, as relações se intensificaram e a partir de 2009 a China se tornou o maior parceiro comercial do Brasil, ultrapassando os Estados Unidos da América.

Hoje em dia, os laços bilaterais se reforçam em razão da cooperação sino-brasileira em várias áreas (existem programas de cooperação na esfera econômica, acadêmica, tecnológica, agrícola, entre outros). Conforme o governo brasileiro, os dois países assinaram nove atos em setembro de 2016 que os beneficiarão mutuamente<sup>4</sup>.

Em 2016, segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), foi aprovado pelo Plenário da Câmara dos Deputados, em Brasília no dia 22 de agosto do mesmo ano “o Projeto de Decreto Legislativo (PDC) 492/16, que contém o protocolo complementar para o desenvolvimento do satélite sino-brasileiro CBERS-4A”<sup>5</sup>. Além disso, a matéria já foi aprovada também pelo Senado Federal. O CBERS-4A já é o sexto satélite sino-brasileiro e a

---

<sup>4</sup>Fonte do site do governo brasileiro, disponível em <<http://www2.planalto.gov.br/acompanhe-planalto/noticias/2016/09/china-e-brasil-assinam-acordos-de-investimento-e-cooperacao>>. Acesso em 19/11/2016.

<sup>5</sup> Fonte do site do INEP, disponível em <[http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod\\_Noticia=4260](http://www.inpe.br/noticias/noticia.php?Cod_Noticia=4260)>. Acesso em 19/11/2016.

previsão desta vez é que o processo de construção seja iniciado em 2017 e o lançamento do satélite seja em setembro de 2018. O INPE também revelou que “a construção de mais dois satélites (CBERS-5 e 6) está em discussão no âmbito do Plano Decenal de Cooperação Espacial Brasil-China 2013-2022”. Assim, perante a crise atual, a parceria estratégica sino-brasileira continuou firme em 2016, e isso influenciou, como já mostram os questionários enviados aos participantes do Programa CsF, a decisão de parte deles na escolha de partir para a China.

Desde a assinatura do acordo de cooperação científica e tecnológica, no ano de 1982, o intercâmbio e a cooperação na área de ciência e tecnologia entre o Brasil e a China vem se ampliando e aprofundando progressivamente. Em 1993, foi estabelecida a política de Parceria Estratégica entre Brasil e China (OLIVEIRA, 2004) e em 2004, os dois países em desenvolvimento estabeleceram a Comissão Sino-Brasileira de Alto Nível de Concertação e Cooperação (COSBAN). Seis anos depois, foi assinado o Plano de Ação Conjunta 2010-2014 (PAC) que orienta as relações sino-brasileiras e o mesmo Plano foi atualizado em 2015, com projeções de ações até 2021. Em 2012, os dois governos, em razão de interesses comuns nas áreas de ciência, tecnologia, inovação aeroespacial, energia, recursos naturais, infraestrutura, transporte, cultura, entre outros, construíram o Plano Decenal de Cooperação (2012-2021) e o Diálogo Estratégico Global para incentivar as cooperações entre as duas nações. Frutos dessa cooperação foram, por exemplo, a construção de satélites sino-brasileiros que tem fornecido informações importantes sobre recursos naturais<sup>6</sup>, e os investimentos em infraestrutura como a construção de um gasoduto continental, estradas e trens de alta velocidade.

Segundo a Embaixada da China no Brasil “a cooperação sino-brasileira em pesquisa e fabricação de satélites de recursos terrestres tem sempre sido alvo de alta relevância para dirigentes dos dois governos e foi elogiada como um caso exemplar da cooperação sul-sul.”<sup>7</sup> E o Programa CsF representa uma das cooperações sino-brasileiras no campo educacional. Ademais, a China retratada pelos participantes pode trazer uma troca rica entre os dois países e tornar a China menos desconhecida para os brasileiros, já que “apesar de a China ser nosso maior parceiro comercial ainda sabemos muito pouco sobre o país. Suspeitamos que a China

---

<sup>6</sup> Em 1988 foi construído o primeiro satélite no âmbito deste acordo bilateral. Disponível em <<http://www.canalciencia.ibict.br/pesquisa/0079-INPE-convenio-sino-brasileiro-satelites-sensoriamento-remoto.html>>. Acesso em 25/05/2016.

<sup>7</sup> Fonte do site da Embaixada da China no Brasil, disponível em: <<http://br.china-embassy.org/por/zbqx/>>. Acesso em 25/05/2016.

tenha prestado muito mais atenção ao Brasil do que o Brasil prestou à China” (Dwyer, 2016 p. 141).

### 1.3 O Programa Ciência sem Fronteiras

Para além dos acordos de cooperação estabelecidos em diferentes áreas entre Brasil e China (brevemente descritos acima), no que se refere a intercâmbios com a China, já antes do Programa CsF, haviam estudantes brasileiros realizando intercâmbio neste país (por exemplo em 2002, a CAPES concedeu duas bolsas de doutorado para a China, na modalidade sanduíche). Com a criação deste Programa, o número dos estudantes brasileiros que tinham estudado na China se intensificou e isso contribuiu para a comunicação e cooperação entre os dois países.

O Programa CsF foi construído pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) e o Ministério da Educação (MEC) em 2011, por meio de suas respectivas instituições de fomento – CNPq e CAPES, e Secretarias de Ensino Superior e de Ensino Tecnológico do MEC<sup>8</sup>. Destina-se a concessão de bolsas de estudo para a realização de intercâmbio (um ano para graduação, mestrado e doutorado de modalidade sanduíche; quatro anos para modalidade doutorado pleno<sup>9</sup>), para estudantes das áreas de ciências exatas e medicina. No entanto, diante da mudança política brusca do governo brasileiro em 2016, este Programa está suspenso e, de acordo com a CAPES, haverá novas reformulações para os próximos anos<sup>10</sup>.

O Programa CsF foi criado pelo governo federal em busca de promover a internacionalização da Educação Superior. Lançado em 2011, a previsão de concessão de 101 mil bolsas foi atingida em 2014, com 101.446 bolsas concedidas no total. Até 2016, 92.880

---

<sup>8</sup> Fonte: site do Programa CsF, disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/home>>. Acesso em 26/05/2016.

<sup>9</sup> O programa concede em geral bolsas de um ano, mas no caso da China, por causa do desafio da aprendizagem da língua, as bolsas são de dois anos. O primeiro ano seria nesse caso dedicado à aprendizagem da língua. Essa informação não consta no site do Programa, e me foi dada pelos participantes que responderam ao questionário.

<sup>10</sup> Fonte: site da CAPES, disponível em: <<http://www.capes.gov.br/component/content/article/36-salainpress/noticias/8052-programa-ciencia-sem-fronteiras-tera-novo-foco-com-objetivo-de-beneficiar-alunos-mais-pobres>>. Acesso em 17/03/2017.

bolsas foram implementadas<sup>11</sup>. Seguem detalhadas na tabela abaixo as modalidades destas bolsas:

**Tabela 1** - A distribuição das bolsas implementadas, por modalidades

Modalidade	Número
Graduação Sanduíche	73.345
Mestrado	558
Doutorado Sanduíche	9.680
Doutorado Pleno	3.351
Pós-Doutorado	4.649
Jovens Talentos	504
Pesquisadores Visitantes	775

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações do site da CAPES<sup>12</sup>.

As áreas de concentração e a quantidade das bolsas implementadas estão distribuídas conforme detalhado na Tabela 2:

**Tabela 2** - Áreas de concentração e números das bolsas implementadas

Áreas de Concentração	Número de Bolsas
Engenharia e demais áreas de tecnologia	45,1 mil
Biologia, Ciências Biomédicas e da Saúde	18,3 mil
Indústria Criativa	8,4 mil
Ciências Exatas e da Terra	8,3 mil
Computação e Tecnologias da Informação	6,2 mil
Produção Agrícola Sustentável	3,5 mil
Biotecnologia	2,4 mil
Fármacos	2,1 mil
Biodiversidade e Bioprospecção	1,5 mil

<sup>11</sup> Todos os dados foram encontrados no site da CAPES, disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/36-salainpress/noticias/7933-capes-divulga-numeros-referentes-ao-ciencia-sem-fronteiras>>. Acesso em 17/03/2017.

<sup>12</sup> Fonte: site da CAPES, disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/36-salainpress/noticias/7933-capes-divulga-numeros-referentes-ao-ciencia-sem-fronteiras>>. Acesso em 17/03/2017.

Áreas de Concentração	Número de Bolsas
Energias Renováveis	1,1 mil

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações do site da CAPES<sup>13</sup>.

Até 2016, de acordo com os dados do Programa CsF<sup>14</sup>, 296 alunos das instituições brasileiras de Ensino Superior já realizaram intercâmbio na China. Destes, 280 (95%) concluíram intercâmbio em nível de graduação e 16 (5%) em nível de pós-graduação. Estes estudantes foram recebidos por 42 instituições chinesas do Ensino Superior.

No estado de Rio Grande do Sul, o Programa Ciência sem Fronteiras implementou, desde o início de seu funcionamento, 6.769 bolsas, incluindo as de graduação, de pós-graduação e de outras modalidades<sup>15</sup>. Foram 3.617 alunos e 3.102 alunas<sup>16</sup>, oriundos de mais de quinze instituições, que partiram para estudar no exterior. Deste total de alunos participantes do Programa Ciência sem Fronteiras no Rio Grande do Sul, trinta e seis escolheram ir para a China (nove alunas e vinte e sete alunos).

#### 1.4 O que já foi pesquisado sobre o Programa Ciência sem Fronteiras

Teses e dissertações refletem sob um ângulo interessante o estado da arte das pesquisas feitas em um país sobre determinado tema. Estes trabalhos, que fazem parte da formação acadêmica, são feitos, como sabemos, sob orientação de professores-pesquisadores sênior e estes últimos, vinculam, de maneira geral, as pesquisas de seus orientados às suas próprias linhas de pesquisa. Assim, as teses e dissertações ficam, na maior parte das vezes, bastante ligadas a essas linhas, e por isso são pertinentes para mostrar os grandes traços da pesquisa nacional sobre o tema em questão. Para a busca de teses e dissertações, utilizei as seguintes fontes: o banco de teses e dissertações da CAPES e os repositórios das

<sup>13</sup> Fonte: site da CAPES, disponível em: <<http://capes.gov.br/component/content/article/36-salaimprensa/noticias/7933-capes-divulga-numeros-referentes-ao-ciencia-sem-fronteiras>>. Acesso em 17/03/2017.

<sup>14</sup> Dados publicados no site do Programa CsF, disponível em:<<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em 26/05/2016.

<sup>15</sup> Dados extraídos do site do Programa CsF, disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em 17/03/2017.

<sup>16</sup> Há, muitas vezes, uma incongruência entre os números fornecidos pelos sites da capes e o site do Programa CsF e às vezes dentro do mesmo site. Neste caso, a soma dos participantes por gênero e o total geral de participantes não coincidem no site do Programa, disponível em:<<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>. Acesso em 17/03/2017.

universidades brasileiras com programas de pós-graduação em educação que possuem conceito de seis ou sete na avaliação da CAPES para recolher as teses e dissertações a respeito de Ciência sem Fronteiras. O resultado foi que apenas dezoito tratavam efetivamente do tema. Além das teses e dissertações, busquei, na plataforma Scielo, artigos que discutiram esse tema. Foram encontrados seis artigos.

A partir do entendimento de cada tese ou dissertação escolhida, realizei um agrupamento conforme as concepções temáticas dos trabalhos. Com base na contribuição que estes trabalhos trazem para esse projeto, categorizei-os em dois blocos principais e cinco subcategorias. No primeiro bloco, agrupei as teses e dissertações que pesquisaram sobre a concepção, implementação e avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras. Esse bloco, subdivide-se em três subcategorias: i) conceitos gerais (7)<sup>17</sup>, ii) impactos institucionais (5) e iii) questões referentes aos estudantes bolsistas (2). O princípio dessa classificação foi baseado no conteúdo dos trabalhos. Na subcategoria “conceitos gerais”, mostra-se uma visão panorâmica do Programa de CsF. Os trabalhos ali agrupados tratam de temas como o contexto de fundação do Programa e as influências que o Programa exerce na Educação Superior brasileira e no desenvolvimento da sociedade brasileira. Na subcategoria “impactos institucionais”, as pesquisas foram realizadas em uma universidade brasileira específica, discutindo o desenvolvimento e características do Programa na instituição pesquisada e os impactos dentro dela. Por fim, na subcategoria “questões referentes aos estudantes bolsistas”, estão reunidas teses e dissertações que exibem as perspectivas de estudantes bolsistas participantes do Ciência sem Fronteiras.

No segundo bloco, agrupei os trabalhos que se concentraram numa reflexão linguística sobre o Programa. Este bloco subdivide-se em duas subcategorias: inglês (3) e francês (1). O intuito destas pesquisas é entender o papel das línguas estrangeiras no processo de intercâmbio universitário dos estudantes brasileiros no Programa Ciência sem Fronteiras.

Além do banco das teses e dissertações da CAPES e dos repositórios das universidades, busquei também artigos em periódicos na plataforma Scielo, que tivessem como foco de estudos o Programa Ciência sem Fronteiras. Como no agrupamento das teses e dissertações, organizei os seis artigos encontrados de acordo com a mesma categorização. No primeiro bloco, foram incluídos os artigos que discutiram sobre a concepção, implementação

---

<sup>17</sup> O número se trata da quantidade de trabalhos encontrados durante a pesquisa nas categorias.

e avaliação do Programa Ciência sem Fronteiras. Esse bloco, subdivide-se em três subcategorias: i) conceitos gerais (1), ii) questões referentes aos estudantes bolsistas (2). No segundo bloco, agrupei os trabalhos que se concentraram numa reflexão linguística sobre o Programa com no total de três artigos.

O primeiro ponto a ser levantado considerando o conjunto desses trabalhos e o objetivo da presente pesquisa, é que nenhum deles trata diretamente de questões relacionadas à China. Dentre os vinte e quatro trabalhos, aproximadamente 54% contempla a América do Norte (especificamente os Estados Unidos e o Canadá) e a Europa com relatos de experiência dos bolsistas do Programa e/ou com apresentação de determinados aspectos da Educação Superior dessas regiões. Apenas três dos vinte e quatro abrangem experiências dos participantes ou conteúdos sobre Educação Superior na Ásia (particularmente a Coreia do Sul e o Japão), porém, nenhum incluiu descrições detalhadas sobre a China. Além desses continentes, a Oceânia também aparece em dois trabalhos. Os países que aparecem com mais frequência nesses estudos são do hemisfério norte e de língua inglesa e francesa.

Embora a China não tenha sido o foco desses trabalhos, alguns autores relataram determinadas informações sobre a Educação Superior neste país. Na dissertação da Pereira (2013), ela comparou a Ciência, Tecnologia e Inovação (C,T&I) entre o Brasil e outros países incluindo a China. Ela concluiu que os investimentos da China nessa área são volumosos. A Judd (2014), na sua dissertação, afirmou que a China possui os programas de mobilidade acadêmica estáveis da Educação Superior e que a iniciativa de realizar intercâmbios já está amadurecida. Outro destaque desses trabalhos foi a quantidade dos estudantes chineses estudando no exterior, especialmente nos Estados Unidos (CARVALHO, 2015; CHAVES, 2015; SILVA, 2012). Além disso, vários atores mencionaram o BRICS quando contextualizaram o desenvolvimento da cooperação sul-sul no campo educacional (FELTRIN, et al., 2016; BORGES, 2015; ARCHANJO, 2015; COSTA, 2014).

Dentre os trabalhos encontrados, ressalta-se também argumentação sobre o ensino e a aprendizagem das línguas estrangeiras no Brasil. Em geral, nas escolas (pública e privada) e nos cursos extra-curriculares, as línguas estrangeiras mais procuradas são inglês e francês, e no Programa CsF, os países de língua inglesa e francesa também correspondem aos destinos com o maior número dos participantes (ARCHANJO, 2015, 2016; SARMENTO; KIRSCH, 2016; KOBAYASHI, 2016; NUSA, 2015; VOLTANI, 2015). Esses trabalhos que pesquisam

sobre determinado programa de uma língua específica ou investigam o multilinguismo no mundo globalizado como um todo, contribuem para uma reflexão sobre o ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras no Ensino Superior brasileiro.

O conhecimento de uma ou mais língua(s) estrangeira(s) é “uma resposta ao modelo de sociedade globalizada que se impõe” (ARCHANJO, 2015, p. 650). A mobilidade acadêmica oferece uma oportunidade da aprendizagem da língua tanto no ambiente acadêmico (universidade, institutos) quanto no contexto informal (convivência com colegas, cotidiano, etc.). Assim, os participantes do Programa CsF que foram para China tiveram contato com o mandarim na sua estadia.

Tanto os intercâmbios universitários quanto o ensino e a aprendizagem das línguas estrangeiras ampliam a possibilidade de comunicação com outros intelectuais, o que é ao mesmo tempo uma exigência da globalização e contribui para uma produção de conhecimento globalizada. Isso requer a diversidade, a multiplicidade e a capacidade de diálogo intercultural na formação dos cidadãos mundiais. A educação, sobretudo no nível superior está incumbida da atribuição de formação desses cidadãos. E o Programa Ciência sem Fronteiras é um passo importante da internacionalização da Educação Superior do Brasil, promovendo e financiando intercâmbios estudantis, e transformando as estratégias das IES do Brasil para se inserirem num movimento acadêmico mundial. Assim, as trajetórias de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa de Ciência sem Fronteiras podem fornecer elementos que ajudarão a entender o papel do intercâmbio universitário Brasil-China na internacionalização da Educação Superior do Brasil e fornecer uma ponte de comunicação entre os dois países emergentes no processo de globalização.

Por esse motivo, a presente pesquisa visa conhecer as experiências dos participantes do Programa CsF e analisar a relação entre formação da cidadania global e a mobilidade acadêmica no processo de internacionalização da Educação Superior do Brasil. A fim de realizar essa pesquisa, foi construído um questionário como primeiro levantamento para conhecer os sujeitos que foram para China via CsF.

### **1.5 O uso do questionário online como introdução para a entrevista**

Um questionário foi utilizado como primeira sondagem com o intuito de realizar uma

aproximação inicial dos participantes do Programa Ciência sem Fronteiras do Rio Grande do Sul que foram para a China. Utilizei a ferramenta “*Google drive*<sup>18</sup> - Formulários *Google*” e enviei o *link* do questionário por e-mail, acompanhado de um pequeno texto de apresentação para os participantes. De acordo com a Resolução nº 510, em nenhum momento nessa presente pesquisa está usando os nomes dos informantes. Por isso, foi esclarecido no texto adicionado no e-mail o uso anônimo das informações obtidas no questionário.

O questionário, que se intitulou “Intercâmbio Universitário Brasil-China: estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa de Ciência sem Fronteiras”, foi formado por perguntas abertas e fechadas. Organizei-o em oito blocos de temas para conhecer a experiência dos participantes, que são: Dados Pessoais, Perguntas Iniciais, Hospedagem, Vida Universitária, Experiência Profissional, Perspectiva e Desejos Futuros, Gênero e Pergunta Final. No bloco Dados Pessoais, elaborei perguntas sobre o percurso acadêmico do aluno (Universidade e curso, no Brasil e na China), algumas perguntas que permitam auferir a condição socioeconômica de suas famílias (a escolaridade e a profissão dos pais), bem como experiências prévias com viagens internacionais<sup>19</sup>. Em seguida, as Perguntas Iniciais serviram para entender o motivo deles escolherem a China como país de destino, a preparação antes de partida e as informações gerais sobre a mobilidade acadêmica deles. O terceiro bloco tratou da Hospedagem. O quarto, da Vida Universitária. Pretendi ali compreender a rotina escolar deles e as diferenças nos ambientes universitários entre China e Brasil. Com as respostas do bloco Experiência Profissional, tentei entender como a diferença cultural influencia a prática profissional. Na parte Perspectivas e Desejos Futuros preparei perguntas com o intuito de apreender os pontos de vista desses participantes após o seu retorno ao Brasil: compreender como essa experiência os influenciou, quais ligações e contatos guardaram com chineses e se continuam mantendo esses contatos, se têm planos de voltar para a China, e se sim, com que atividade. O próximo bloco, sobre Gênero, teve objetivo de informar as entrevistas pessoais que serão realizadas posteriormente. Por fim, a Pergunta Final Aberta foi um espaço aberto que permitiu aos participantes descreverem uma experiência que os marcou durante a estada na China. A intenção de aplicar este questionário antes de realizar as entrevistas foi de simplesmente conhecer a trajetória desses alunos e tentar compreender as diferentes

---

<sup>18</sup> Google Drive é um serviço de armazenamento e sincronização de arquivos, apresentado pela Google em 24 de abril de 2012. E abriga agora o Google Docs, um leque de aplicações de produtividade, que oferece a edição de documentos, folhas de cálculo, apresentações, e muito mais. (Google, 2016)

<sup>19</sup> Ver apêndice I o questionário.

perspectivas, visto que não seria possível entrevistar todos os participantes mas buscou-se incluir o máximo possível de elementos dessas histórias.

Em vista disso, as respostas dos estudantes do Programa mostraram alguns aspectos das três fases (antes da partida, durante a estada na China e depois do retorno ao Brasil) deste intercâmbio sino-brasileiro e deram também um panorama geral das experiências. Conforme os dados que constam no site do Programa Ciência sem Fronteiras<sup>20</sup>, desde a sua criação, 296 bolsas foram concedidas aos brasileiros que foram para a China em 2018. Deste total de 296 bolsas, trinta e sete foram concedidas a estudantes do Rio Grande do Sul. Com os nomes completos destes trinta e sete participantes, procurei-os na Plataforma Lattes e no *Facebook* e encontrei trinta e quatro contatos, dos quais consegui sete endereços de e-mail e vinte e sete contatos via Facebook (quatro ainda não aceitaram o convite de amizade). Elaborei então o questionário “Intercâmbio Universitário Brasil-China: estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa de Ciência sem Fronteiras” com a ferramenta do google-questionários e enviei a estes trinta e quatro participantes. Até o momento, obtive vinte respostas. As respostas foram analisadas por bloco perguntas, conforme descrito abaixo.

### **1.5.1 Dados Pessoais**

A faixa etária dos vinte participantes que responderam é de 20 à 35 anos de idade, sendo a idade média de 25 anos. A grande maioria (dezoito pessoas) são estudantes de graduação, dois apenas eram doutorandos (um realizou doutorado integral de cinco anos na China e outro uma bolsa “sanduíche” por um ano). Dentre os vinte respondentes, seis são mulheres e quatorze homens. Quanto à escolaridade dos pais (cf. tabela 3 abaixo), vemos que aproximadamente 74% não teve acesso ao Ensino Superior, sendo os filhos a primeira geração da família a frequentar esse nível de ensino. Vemos também que as mães, nesta pequena amostra, tem uma escolaridade superior à dos pais.

---

<sup>20</sup> [http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsistas-pelo-mundo?p\\_p\\_id=mapabolsistasportlet\\_WAR\\_mapabolsistasportlet\\_INSTANCE\\_Y7eO&p\\_p\\_lifecycle=0&p\\_p\\_state=normal&p\\_p\\_mode=view&p\\_p\\_col\\_id=column-2&p\\_p\\_col\\_count=1&siglaPais=CHN&nomePais=China&codigoArea=&tituloArea=Todas&siglaModalidade=&nomeModalidade=Todas](http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/bolsistas-pelo-mundo?p_p_id=mapabolsistasportlet_WAR_mapabolsistasportlet_INSTANCE_Y7eO&p_p_lifecycle=0&p_p_state=normal&p_p_mode=view&p_p_col_id=column-2&p_p_col_count=1&siglaPais=CHN&nomePais=China&codigoArea=&tituloArea=Todas&siglaModalidade=&nomeModalidade=Todas)

**Tabela 3** - Escolaridade e Profissão dos pais<sup>21</sup>

Escolaridade	Pai	Mãe	Profissões
Ensino Fundamental	4	3	operario/a, dona de casa, autonomo/a, comerciante, agricultor familiar
Ensino Médio	8	7	policia municipal, dona de casa, técnico/a em eletrodomésticos, telefonista, autônomo/a, técnico/a em suporte de redes, comercíario/a, funcionário/a público/a, recepcionista
Ensino Superior	5	7	policia militar, gerente rural, professor/a, tesoureiro/a, técnico/a em enfermagem, pedagogo/a, advogado/a, psiquiatra, política, técnico/a em manutenção geral
Pós-Graduação		2	Funcionário/a público/a federal, professora, assistente social

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

Um outro item que pode permitir inferir que, nesta amostra, a maioria das famílias vem de classe média ou média-baixa, é o fato de que um pouco menos da metade dos participantes (45%), já haviam realizado alguma viagem ao exterior<sup>22</sup>. Dentre os nove participantes que realizaram viagem ao exterior, quatro viajaram uma vez, dois viajaram duas vezes, dois deles mais de dez vezes e um participante viajou sete vezes. Além disso, 25% dos participantes que responderam já haviam realizado outros intercâmbios internacionais com destinos como os Estados Unidos, Europa, Tailândia e Espanha<sup>23</sup>.

Com relação à universidade e curso que frequentavam no Brasil, metade dos participantes cursavam em universidades em Porto Alegre ou nas cidades do entorno e a outra metade cursava em universidades no interior do estado; treze deles vêm de universidades públicas e sete de privadas<sup>24</sup>. Com relação às áreas de conhecimento, a distribuição

<sup>21</sup> Obs: 1. No caso dos pais, um participante escreveu: não tem relação com o pai e um participante não respondeu; 2. Dos participantes que responderam, só tem um pai não concluiu ensino fundamental; 3.

Escolaridade média: ensino médio 15/38 e superior 14/38; 4. As mães receberam mais educação do que os pais.

<sup>22</sup> Além disso, conforme resposta obtida no bloco de “perguntas iniciais”, antes da viagem para a China, 55% (11 pessoas) já haviam proficiência em alguma outra língua além do português.

<sup>23</sup> Dos 5 estudantes que afirmaram ter realizado intercâmbio no exterior, um deles não informou o destino.

<sup>24</sup> UNIPAMPA(5), UFPEL(3), UFRGS(3), FURG(2), IBGEN(1), UNISINOS(2), UNIVATES(2), ULBRA(1), UNILASALLE(1).

encontrada foi a seguinte: onze de Engenharia e demais áreas tecnológicas; três de Computação e Tecnologia de Informação; um de Produção Agrícola (Agronegócio); um de Ciência da Saúde (Medicina); um de Ciência da Terra (Geologia); um de Química; um de Direito e um de Arquitetura e Urbanismo.

### 1.5.2 Perguntas Iniciais

No que se refere à escolha a China como país destino, os participantes evocaram os motivos listados abaixo para justificar sua escolha<sup>25</sup> :

**Tabela 4** - A razão de escolher a China

Razão	Número
Curiosidade/Interesse pela cultura	10
Aprendizagem da língua (mandarim)	6
Se distinguir profissional e/ou academicamente (“Oportunidades comerciais e/ou acadêmicas, pelo fato de poucos brasileiros terem alguma experiência com o idioma e cultura chinesa”)	5
Curiosidade sobre método de ensino e nova tecnologia	4
Há ligação entre a China e o tema de pesquisa/curso do participante	4
Em função de laços econômicos fortes entre Brasil e China	3
Desafio e crescimento pessoal/profissional	2
Interesse pelo exótico(“lugares diferentes”)	1
Pela não necessidade de realizar prova de proficiência	1

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

Vemos assim, que, nesta pequena amostra, a curiosidade ou interesse pela cultura chinesa e pelo aprendizado do mandarim, são fatores determinantes na escolha. A busca pela distinção acadêmica, profissional aparece como muito importante também. Apesar de mencionar o interesse pela língua, uma minoria (quatro pessoas) apenas já haviam realizado algum tipo de curso de mandarim antes da partida, mas todos seguiram cursos da língua estando na China<sup>26</sup>. Além disso, 80% dos participantes estudaram em duas universidades diferentes durante a estada na China, permanecendo no país por dois anos<sup>27</sup>. Este fato parece

<sup>25</sup> Encontrei nove razões diferentes nas respostas, sendo que um mesmo estudante indicou muitas vezes vários motivos. Contabilizei todas as razões indicadas, por isso a somatória das respostas nas categorias é superior a 20.

<sup>26</sup> Conforme as respostas da pergunta “Você tinha aulas de mandarim na China?” no bloco Vida Universitária.

<sup>27</sup> Além disso, um estudante de doutorado permaneceu cinco anos (doutorado integral na China).

ter relação com a aprendizagem da língua, pois, em geral o primeiro ano é dedicado a aprendizagem do mandarim e o segundo ano para o estudo na sua área específica de conhecimento.

No que diz respeito às instituições que acolheram os estudantes brasileiros, as universidades ficam principalmente nas cidades da zona norte (nove estudantes ficaram em Beijing e sete em outras cidades da zona norte), da zona central (dez estudantes ficaram em Wuhan), e da zona sudeste (sete em Shanghai e três em outras cidades da zona sudeste)<sup>28</sup>. Considerando que estudantes diferentes foram acolhidos, por vezes, na mesma universidade, a distribuição das universidades frequentadas por estudantes desta amostra é a seguinte: sete em Beijing e três em outras cidades da zona norte, três em Wuhan da zona central, e duas em Shanghai e três em outras cidades da zona sudeste.

No que se refere à maneira pela qual os participantes souberam do Programa CsF, 50% deles ficaram sabendo “Por informações na universidade”; 25% “Pela propaganda da TV”; 15% “Através de colegas e/ou amigos” e 10% “Pela internet”.

### **1.5.3 Hospedagem**

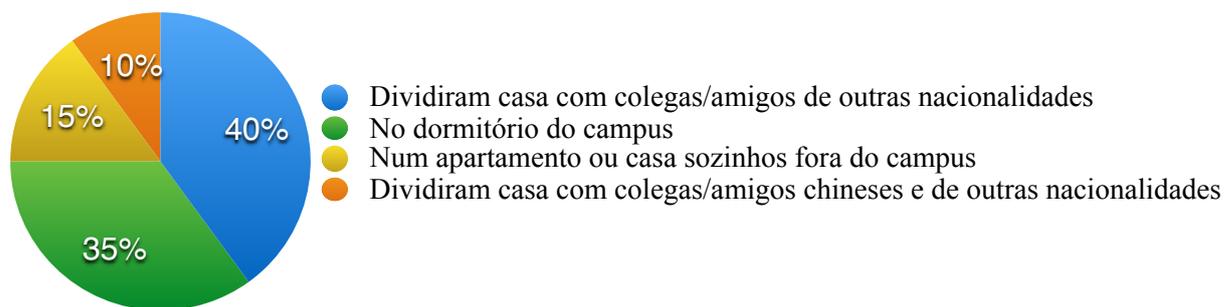
Nos primeiros dias da chegada, 50% dos brasileiros ficaram no dormitório das universidades chinesas e 50% ficaram em hotel ou *hostel*. Depois dos primeiros dias, 70% mudaram para outro lugar e 30% ficaram no mesmo local. Quanto à dificuldade, 90% responderam que não foi difícil achar um novo lugar para morar e apenas duas pessoas acharam difícil.

No final, entre esses vinte alunos brasileiros, 40% dividiram casa com colegas/amigos de outras nacionalidades, 35% permaneceram no dormitório do campus, 15% num apartamento ou casa sozinhos fora do campus e 10% dividiram casa com colegas/amigos chineses e de outras nacionalidades.

---

<sup>28</sup> O número total de estudantes é maior que vinte pois muitos deles frequentaram duas universidades.

**Gráfico 1 - Modos de moradia**



Fonte: elaborado pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

No entanto, sendo estudante, a minha experiência de procurar um quarto para alugar no Brasil tem, ao contrário, bastantes barreiras. Há muito mais fatores a considerar. Na China, a própria existência de dormitório nos campus das universidades facilita bastante a procura de moradia, especialmente para estudantes estrangeiros que não dominam o meio de comunicação e não conhecem o ambiente à volta. Os dormitórios localizam-se dentro ou perto da universidade, com todas as instalações necessárias e têm um preço acessível. Geralmente, as universidades separam os estudantes chineses e os estrangeiros, considerando a diferença cultural e os estilos de vida. Deste modo, os dormitórios dos estudantes estrangeiros possuem mais elementos que lembram um hotel do que os dormitórios convencionais, tendo por finalidade facilitar a organização pessoal de acordo com as necessidades dos estrangeiros. Quando chegam as férias ocidentais como o Natal, os dormitórios são decorados, por exemplo.

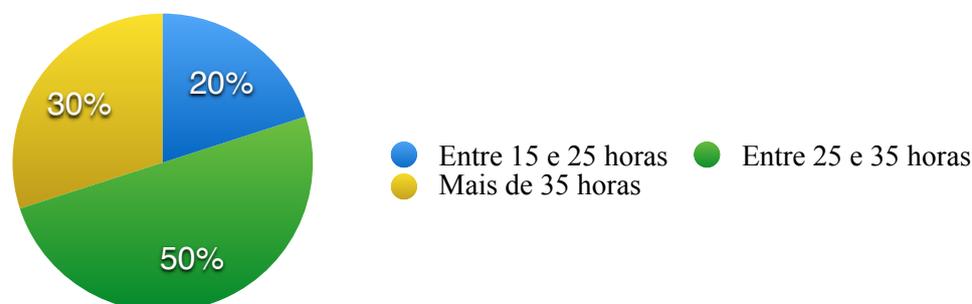
Além disso, as cantinas universitárias oferecem vários tipos de comida, principalmente pratos especiais de todas as regiões da China, mas também comida internacional: japonesa, coreana, italiana, etc. Muitos campus possuem mercados de produtos de necessidade cotidiana, frutas, entre outros. Por isso, não surpreende que 35% dos estudantes que responderam ao questionário, escolheram continuar a ficar no dormitório do Campus. Dentre os participantes que mudaram, a maioria não teve dificuldades em achar outros lugares para morar, provavelmente devido às distintas vantagens de alugar uma boa moradia na China. Por exemplo, com a segurança no espaço público, na maior parte das cidades chinesas e a facilidade de transporte público, pessoas não precisam prestar tanta atenção à localização como aqui no Brasil, pois a segurança é garantida e a locomoção é rápida e fácil. O preço de ônibus e metrô é acessível e estudantes possuem descontos na tarifa do ônibus. Em relação ao

aluguel do apartamento, os valores dependem da localização, quanto mais perto do centro comercial, mais caro. Porém, graças à quantidade de oferta, o valor mensal normalmente fica razoável para estudantes (só como exemplo, em Pequim, na região do entorno da universidade - *BISU* - não é difícil achar um apartamento de dois quartos por aproximadamente mil e quinhentos reais mensais). Além disso, a documentação exigida para aluguel de imóveis é menor na China do que no Brasil. Os donos dos imóveis pedem um depósito de valor equivalente a um à três meses de aluguel e cópia de documento de identidade com assinatura, mas não há necessidade de fiador, o que muitas vezes é uma condição indispensável para conseguir alugar no Brasil (e muitos estudantes encontram dificuldades em cumpri-la). Mais uma vantagem é que a moeda oficial da China (Renminbi) era (e ainda é) mais barata que o Real<sup>29</sup>, este câmbio favorecia assim os estudantes brasileiros. Passados os primeiros dias da chegada, 65% dos participantes aproveitaram essas oportunidades morar fora do campus, em sua maioria dividindo a moradia com outras pessoas.

#### 1.5.4 Vida Universitária

Apresenta-se aqui, rapidamente, algumas informações gerais sobre a vida universitária que estes participantes do CsF tiveram na China. Em primeiro lugar, para dar uma ideia da carga horária de trabalho acadêmico, vemos que 50% dos participantes tiveram uma carga horária semanal de aulas entre 25 e 35 horas, 35% tiveram mais de 35 horas semanais e 20% entre 15 e 25 horas.

**Gráfico 2** - Carga horária nas universidades na China



Fonte: elaborado pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

<sup>29</sup> O câmbio consta no site foi 1 REAL BRASIL/BRL (790) = 2,1673169 RENMINBI IUAN/CNY (795) Fonte disponível em: < <http://www4.bcb.gov.br/pec/conversao/conversao.asp>>. Acesso em 27/12/2016.

Em relação às disciplinas, me interessou saber se houve alguma disciplina que os participantes frequentaram na China e não frequentavam no Brasil. Para essa pergunta, obtive quinze respostas, dentre as quais apenas três afirmam não terem frequentado nenhuma disciplina diferente e doze listaram as novas disciplinas no quadro abaixo.

### Quadro 1 - Novas disciplinas na China

Novas disciplinas na China
“Energia Química, Tecnologias limpas e etc..”
“Disciplinas de planejamentos e projetos”
“Tecnologia de displays LED, LCD e sistemas TFT”
“Scientific writing, Chinese agricultural economics, Chinese agricultural History”
“多媒体技术(multimedia technology), Wireless Network”
“Fundamentos em medicina chinesa, história da medicina chinesa, meridianos e pontos de acupuntura, tuina, moxibustao”
“Disciplinas de GPS”
“Todas as que cursei não constavam no currículo obrigatório Brasileiro”
“Matérias obrigatórias relacionadas a chinês e cultura da China”
“A maioria das disciplinas não foram aproveitadas, porque estudei disciplinas que minha universidade não possui. Dei preferência para disciplinas que a China tem alto conhecimento tecnológico e o Brasil não possui”
“Todas de direito chinês”
“ Disciplinas específicas para novas tecnologias para fontes de energias renováveis”

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

No que diz respeito a integrar um grupo de estudantes com mesmo interesse extra-escolar, como futebol, desenho animado, música, etc. (“shè tuán 社团”), 35% (sete pessoas) participaram desses grupos, com os seguintes temas de interesse indicados nas respostas: “SICA<sup>30</sup> exposições e visitas”, “taichi e kungfu”, “viagens”, “taichichuan”, “rhythmic games, danças, mandarim e viagens”, “natação” e “kendo”.

Durante o intercâmbio nas universidades chinesas, vemos que a maioria dos participantes não aproveitaram as atividades extra-escolares organizadas pelas uniões dos estudantes com mesmos interesses, enquanto na China, de acordo com minha experiência, a

<sup>30</sup> Students International Communication Association

participação nos grupos universitários é uma parte importante da vida escolar no campus. Além de conhecer novos amigos que compartilham determinados hobbies, tornando a adaptação ao novo ambiente acadêmico mais acessível e solidária, a frequência a esses grupos permite desenvolver as habilidades de certos esportes, de trabalho em equipe e obter novos conhecimentos e novas experiências. Nas instituições de Educação Superior no Brasil, não é tão comum a existência desses grupos “por interesse”. É possível que seja por esse motivo que os alunos brasileiros não tenham aproveitado essa oportunidade de se incluir na vida universitária dos chineses. Não posso afirmar que tais grupos não existam em universidades brasileiras, mas, pela minha experiência até o momento neste país, me parece que eles são menos difundidos ou menos populares que na China. Lá, todas as universidades organizam grupos assim e a grande maioria dos estudantes integra pelo menos um.

Uma explicação possível da falta do fenômeno dos grupos “por interesse” nas universidades aqui no Brasil é que na rede privada e às vezes na rede pública também, os alunos não só estudam mas trabalham em tempo integral ou parcial. Eles não possuem tempo e energia para lidar com esse tipo de união estudantil durante os estudos. Enquanto na China, a maioria dos estudantes só estudam, ou eles fazem trabalho ou estágio de curto prazo, e permanecem bastante tempo no campus.

No entanto, voltando à experiência dos estudantes gaúchos na China, todos os participantes que responderam ao questionário, aproveitaram a estadia para viajar e conhecer muitas cidades da China<sup>31</sup>.

Com relação às dificuldades, a principal delas encontrada pelos vinte participantes na vida universitária na China, foi, sem dúvida, a língua. As respostas indicam dificuldade de: "comunicação com os chineses" (onze pessoas), "entendimento dos termos técnicos das disciplinas em mandarim", "no início compreendia quase nada que o professor ensinava", entre outros. Em seguida, vemos todas as dificuldades listadas na tabela abaixo:

---

<sup>31</sup> Essa pergunta foi feita nas últimas duas perguntas no mesmo bloco Vida Universitária, conforme questionário em anexo.

**Tabela 5 - A principal dificuldade**

<b>A principal dificuldade</b>	<b>Número</b>
Língua	11
Relacionamento com os colegas de classe	3
Comida	2
Comunicação entre Brasil e as universidades chinesas/falta de preparo das universidades chinesas para um intercâmbio temporário	2
Adaptação à carga horária de trabalho na universidade chinesa	1
Diferença cultural	1
Falta de oportunidade de permanecer	1
Método de estudo (“foi um pouco complicado, o ensino é bem mais focado em livros, aulas sempre eram acompanhadas com um livro em mãos, enquanto no Brasil o livro é mais para apoio”)	1
Nenhuma	1
Preconceito racial	1
Salas de aula lotadas	1

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

A última pergunta deste bloco, indagava sobre uma descoberta ou um ponto forte da experiência universitária que os participantes do CsF tiveram na China. Obtive dezessete respostas dos estudantes compartilhando suas reflexões com as suas próprias palavras, que apresento no quadro abaixo.

**Quadro 2 - Uma descoberta ou um ponto forte da experiência na China**

<b>Relate por favor uma descoberta ou um ponto forte da sua experiência universitária na China.</b>
“Venci muitos medos, repensei muitas coisas.”
“A experiência cultural de hábitos, tipos de serviços oferecidos e as formas que são fornecidos. diferenças x similaridades”
“Disciplinas muito bem estruturadas e planejadas, tornando-se fácil o acompanhamento.”
“Cooperação com colegas.”
“Disciplina. Devido a dificuldade em frequentar as aulas em mandarim, tive que me organizar para conseguir estudar grande parte do conteúdo por conta própria.”
“Devido à pressão em aprender chinês hoje sei que consigo conquistar coisas que antes não sabia.”
“Independência.”

<b>Relate por favor uma descoberta ou um ponto forte da sua experiência universitária na China.</b>
“Aqui é um mundo completamente diferente, me ensinou a valorizar o que tenho e perceber que nosso forma tradicional de pensar pode ser completamente estranha em outros lugares. Isto ajuda a entender e abrir a mente para novas ideias, muda conceitos básicos como por exemplo o papel de cada membro na família, enfim, tudo que havia aprendido não se aplica muito bem na China.”
“Adaptação foi um ponto forte.”
“Aprender mandarim e uma nova cultura.”
“As semelhanças e as diferenças do sistema de ensino.”
“O ritmo de estudo dos alunos chineses, eles estudam com muita dedicação, leem muito, o que me influenciou bastante nesses anos.”
“Características da corrupção na China.”
“O estudo era diferente, mais rigoroso.”
“Estudantes só tem energia elétrica até 22:00.”
“A China é um país muito acolhedor para estrangeiros.”
“Seria difícil descrever, mas resumindo, o principal ponto desta experiência magnífica foi viver em um mundo tão diferente, e aprender com pessoas tão diferentes. Em termos de como ver o mundo, de ser mais esforçado, mais metódico, etc.”

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

Como vemos, os descobrimentos e as experiências variam bastante, mas poderíamos destacar que o confronto com a diferença foi percebido como um desafio, mas um desafio positivo, fonte de importantes aprendizagens e conquistas pessoais (vencer medos, ganhar independência, aprender nova língua e cultura, autoconfiança).

### **1.5.5 Experiência Profissional**

Com relação à experiência profissional, já no Brasil apenas cinco dos vinte participantes declararam trabalhar em paralelo aos estudo e na China esse número desceu para três participantes que realizaram estágio ao mesmo tempo em que estudavam. Os três afirmaram que a experiência de estágio foi bastante positiva, um dos participantes que explicou o que aprendeu sobre os diferentes modos de se comportar no trabalho na China e no Brasil “Foi ótimo, o fato de ser estrangeiro ajuda na forma que você é tratado. Porém chinês não brinca em trabalho, trabalho de forma árdua e séria, no começo foi difícil acostumar, mas depois você pega o jeito”. Além disso, um dos participantes se lamenta por ter perdido essa oportunidade de realizar estagio pela falta de informações disponíveis sobre a questão: “tivemos que aos poucos ir descobrindo o que podia e o que não podia fazer. Perdi a chance

de pegar estágio com o professor de disciplina de display, pois o tempo era muito curto quando consegui descobrir que podia fazer o estágio.”

Na volta para o Brasil, 70% dos participantes afirmam manter os contatos profissionais ou acadêmicos que fizeram na China. Entre esses quatorze participantes, para manter esses contatos, além de meios de comunicação conhecidos em todo o mundo (*Facebook*, E-mail, *Skype*), dez participantes afirmam utilizar um aplicativo chinês equivalente ao *WhatsApp* (*WeChat*<sup>32</sup>).

### 1.5.6 Perspectivas e Desejos Futuros

No que diz respeito às perspectivas e desejos futuros, vemos que a grande maioria gostaria de concretizar a manutenção do vínculo criado, convidando chineses para vir ao Brasil. 70% dos participantes afirmam querer convidar mais de duas pessoas na China para vir ao Brasil, 10% têm vontade de convidar uma à duas pessoas e apenas 20% não imaginam convidar ninguém.

Todos os participantes que responderam a essa pergunta<sup>33</sup> disseram ter vontade de voltar para a China e todos disseram querer desenvolver alguma atividade profissional ou de estudos relacionada com a China, conforme detalhado no quadro abaixo:

#### Quadro 3 - Qual atividade para desenvolver na China?

Caso tenha vontade de desenvolver alguma atividade profissional ou de estudos relacionada com a China e, caso você já saiba, qual seria essa atividade?
“Trabalho ou Mestrado”
“Gostaria de ser representante de vendas Brasil-China”
“Algo ligado a língua”
“Tenho interesse em juntar parceria com a China para desenvolver estudos nanotecnológicos”
“Mestrado em medicina chinesa”
“Mestrado” (2 respostas)
“Professor de mandarim”

<sup>32</sup> WeChat (chinês: 微信, Wēixin, tradução literal: “micro mensagem”) é um serviço multiplataforma de mensagens instantâneas desenvolvido pela Tencent na China. É um dos maiores aplicativos de comunicação por usuários ativos.

<sup>33</sup> Provavelmente o vigésimo participante não respondeu essa pergunta por esquecimento, já que ele respondeu a pergunta seguinte, precisando o tipo de atividade que gostaria de desenvolver na China.

<b>Caso tenha vontade de desenvolver alguma atividade profissional ou de estudos relacionada com a China e, caso você já saiba, qual seria essa atividade?</b>
“Vou estudar Medicina na China”
“Alguma área voltada para meu curso de graduação(Engenharia de Produção)”
“Gostaria de estudar mais o mandarim e quem sabe trabalhar na área de Engenharia”
“Gostaria de desenvolver pesquisas sobre as energias renováveis na China, acredito que a China possui muitas tecnologias e know-how que poderiam ser aplicados aqui no Brasil. Também gostaria de passar um pouco da experiência cultural que tive na China para os brasileiros, muitos deles não conhecem nada sobre a China atual”
“Assessoria Política”
“Pós-Graduação”
“Engenharia Química”
“Importação/Exportação”
“Prospecção de negócios da China no Brasil”

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

### 1.5.7 Gênero

Em relação à questão do gênero, dez participantes dos participantes afirmaram que na turma que frequentou na universidade chinesa havia mais rapazes que moças, 45% afirmaram ter frequentado uma turma com número equilibrado de moças e rapazes e apenas um participante respondeu ter frequentado uma turma com mais moças que rapazes. Tratando-se de cursos de ciências exatas, essa distribuição era esperada. Tanto no Brasil quanto na China, pelo que eu percebi, as meninas são, por costumes arraigados ou por preconceito, direcionadas para área de ciências humanas em vez de exatas. Com relação ao gênero das pessoas com quem os participantes mais fizeram amizades na China, 60% dos participantes afirmam ter estabelecido vínculos amizade tanto moças do que com rapazes, 25% com mais moças do que rapazes e 15% com mais rapazes.

Quando separamos os casos de rapazes e moças, vemos que (cf. tabela abaixo) a maior parte dos participantes, tanto rapazes quanto moças, fizeram amizade com os dois gêneros durante o intercâmbio. Já que nas respostas dos blocos apresentados acima a diferença cultural aparece como uma presença forte no cotidiano dos participantes, seria interessante entrevistá-los e conhecer a experiência relacionada ao gênero no dia a dia do ambiente acadêmico na China: se o relacionamento que os participantes travavam com chineses foi muito diferente do relacionamento travado com as chinesas, se eles perceberam algum

preconceito ou não em relação ao gênero, se existe muita distinção na maneira como a questão de gênero é vivida no Brasil e na China.

**Tabela 6** - Questão de gênero

<b>Gênero</b>	<b>Amizade</b>	<b>Número</b>
<b>Rapaz (14 participantes)</b>	Com mais rapazes	2
	Com mais moças	4
	Tanto rapazes quanto moças	8
<b>Moça (6 participantes)</b>	Com mais rapazes	1
	Com mais moças	1
	Tanto rapazes quanto moças	4

Fonte: elaborada pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

### 1.5.8 Pergunta Final Aberta

A pergunta final do questionário era uma pergunta aberta, pedido aos participantes que descrevessem uma experiência que os tivesse marcado durante o intercâmbio. No quadro abaixo, apresento as dezenove respostas que obtive:

#### Quadro 4 - Uma experiência marcante no intercâmbio

<b>Descreva, por favor, uma experiência que te marcou mais nesse tempo de intercâmbio.</b>
“Curso de Mandarim e morar no dormitório.”
“Facilidade de Acesso a produtos e serviços.”
“A proximidade com os professores da língua chinesa, nos tratavam como filhos.”
“O que mais me marcou na China foi a segurança, demorei para acostumar com isso, e como eu prezo muito pela segurança, morar na China foi a melhor experiência da minha vida.”
“Pessoas muito queridas, muito mesmo.”
“O cuidado que os professores tinham com os intercambistas. Eles mostravam que se importavam conosco e que se precisássemos de ajuda, eles estavam à disposição independente do horário. Algumas outras experiências marcantes foram diferenças culturais fortes mas também semelhanças que pude notar.”
“A infraestrutura do país foi o que mais me marcou. Mesmo nas cidades do interior, encontra-se um bom transporte público como ônibus e metrô. A China é retalhada por trilhos de trem, facilitando o deslocamento. Além disso, as ruas são largas e bem mantidas.”
“O fato de ser o centro das atenções pelos chineses. Todos queriam tirar fotos e saber de onde você era, saber muitas coisas sobre sua vida. Isso não é algo comum que você vê no Brasil mas foi legal e importante para fazer vários amigos.”
“Notar que o meu nível de mandarim estava subindo e assim ter minha total independência.”

<b>Descreva, por favor, uma experiência que te marcou mais nesse tempo de intercâmbio.</b>
“Quando uma família Chinesa de 8 pessoas me convidaram para jantar e fizeram comida suficiente para 50 pessoas, além de bebida para suficiente para 100 pessoas. São um povo muito amigável e gostam de passar uma boa impressão, nunca rejeite um convite, não irá se arrepender!”
“Acredito que o momento em que apresentei um trabalho em sala de aula sobre a criação de ônibus movidos a hidrogênio com tecnologia brasileira.”
“A diferença de postura e maturidade dos estudantes chineses para os brasileiros.”
“O interesse e curiosidade dos chineses com os estrangeiros, pedindo para tirarem fotos conosco e elogiando.”
“Uma experiência marcante foi um dia que eu estava em um trem, daqueles comuns, indo para Shenzhen, e quando entrei no vagão, aos poucos juntou uma roda de pessoas ao meu redor e começaram a conversar, perguntar de onde eu vinha, foi incrível como eles se impressionaram com um estrangeiro no meio deles, me fizeram sentir-me como uma celebridade. Esse tipo de experiência, comum na China, dificilmente terei em outros países.”
“Dentre várias experiências, a mais marcante foi realizar meu doutorado sobre corrupção em um tópico considerável sensível pelo governo chinês.”
“Ter estudado cultura chinesa.”
“A cultura.”
“São tantas que não posso descrever, me desculpe.”
“As experiências foram várias, listando citaria duas, a melhor e a pior. Começando por aquela que não sou feliz em dizer, mas após dois anos de convivência diária com chineses comum do dia a dia, ainda acho um povo muito repreendido, sem liberdade de expressão, e um tanto alienado, e com tudo isso ainda é um povo alegre, prestativo, etc. Como ponto positivo cito a experiência de ter conhecido pessoas incríveis que me ajudaram a quebrar paradigmas que tinha comigo, descobri que pessoas podem ser extremamente bem sucedidas, capazes, responsáveis, etc, e não perder a simplicidade, não ser achar uma pessoa melhor do que as outras.”

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações dos dados recolhidos do questionário.

Vemos que as experiências variam muito. Porém, as dezenove respostas mostram, quase todas, uma impressão positiva sobre a experiência na China. Além da proximidade que ganharam com cultura chinesa, que mostra um mundo bastante diferente do Brasil, os participantes também descreveram a diferença cultural que apareceu em muitos aspectos da vida. Falam também da impressão do desenvolvimento socioeconômico da China que permite uma sociedade segura e uma vida com qualidade e facilidade. Vemos também nas suas respostas como os participantes valorizam as conquistas pessoais que eles obtiveram com essa experiência. E por último, mas não menos importante, vemos destacada a hospitalidade, a curiosidade, a atenção e o cuidado dos chineses que os participantes receberam durante a estada.

As experiências novas como “morar no dormitório” e “a diferença de postura e maturidade dos estudantes chineses” trazem outro olhar à vida acadêmica para os alunos brasileiros. Em relação à circulação em espaços públicos, a sociedade brasileira em geral é

bastante violenta, por isso não é recomendável sair da casa com valores, andar sozinho à noite na rua, etc. Contudo, na China, essas preocupações não ocupam tanto espaço. Nos espaços públicos e privados a segurança efetiva e, portanto, a sensação de segurança, são bem maiores. As pessoas, no dia a dia, normalmente não se preocupam muito com a violência nem com crimes ou assaltos.

Ademais, as infraestruturas e os transportes públicos (dentro da cidade ou entre cidades) como ônibus, metrô e trem, tornam o deslocamento fácil. Como disse um participante “A China é retalhada por trilhos de trem, facilitando o deslocamento. Além disso, as ruas são largas e bem mantidas.” E muitas experiências no trem foram apresentadas nas respostas.

Muitos participantes destacaram também a hospitalidade e gentileza dos chineses. De fato, a maioria dos chineses estudam a filosofia confuciana, que ensina a tratar bem “de quem vem de longe”, como mostra a frase deste pensador, muito popular na China, “*How happy we are, to meet friends from afar!*”<sup>34</sup>. O povo deste país asiático sempre considera a gentileza no tratamento de quem vem de fora uma virtude. Não só os professores que tratavam os participantes “como filhos”, e “mostravam que se importavam” com eles e que se os estudantes precisassem de ajuda, “eles estavam à disposição independente do horário”, como também há relatos de pessoas desconhecidas que “queriam tirar fotos” e “elogiavam” os participantes, querendo “saber muitas coisas sobre sua vida”. Dentro do trem “se impressionaram com um estrangeiro no meio deles”, deixando o brasileiro sentir-se “como uma celebridade”. Há ainda o relato de família chinesa que fez comida de quantidade exagerada para o convidado, e o estudante avisou “nunca rejeite um convite, não irá se arrepender!”.

Os chineses realmente ocuparam um espaço especial deste intercâmbio dos participantes. “Pessoas incríveis que me ajudaram a quebrar paradigmas que tinha comigo, descobri que pessoas podem ser extremamente bem sucedidas, capazes, responsáveis, etc, e não perder a simplicidade, não ser achar uma pessoa melhor do que as outras.” Esse comentário sobre o povo chinês foi um grande elogio não apenas às qualidades das pessoas, mas também sobre a cultura e educação da China que em geral se importam com os outros e

---

<sup>34</sup> “有朋自远方来，不亦乐乎”， citação de Analectos de Confúcio(论语, Lún Yǔ), também conhecidos como Diálogos de Confúcio. O livro serve como doutrina mais importante do confucionismo e é composto por uma selecção de textos feito a este pensador chinês e aos seus alunos.

apreciam os visitantes estrangeiros. Sempre querem conhecer o mundo de fora, passar uma boa impressão e mostrar a amizade.

Lendo as palavras dos participantes, podemos imaginar que, embora tivessem dificuldades e desafios, depois desse tempo de intercâmbio, com as aprendizagens de língua, cultura e as realizações nas aulas e no cotidiano, as trajetórias na China deixaram uma marca positiva de um país tão diferente do Brasil nas vidas desse grupo de alunos.

Essas primeiras impressões foram coletadas por via de questionário, e apesar de conter perguntas com respostas abertas, é evidente que o tema necessita uma exploração mais profunda e com mais tempo. Por isso foram realizadas as entrevistas pessoais para explorar com profundidade as experiências individuais.

## **1.6 As entrevistas e os caminhos para fazer a análise**

Depois de passar na comissão científica e comitê de ética da PUCRS, realizei quatro entrevistas individuais com cinco participantes do CsF. Os critérios de escolha foram: 1) acessibilidade (distância de onde se encontra o participante em relação à Porto Alegre); 2) equidade na distribuição de gênero dos entrevistados (tentei, na medida do possível, entrevistar número equilibrado de mulheres e homens); 3) terem sido participantes do questionário respondido e que estavam dispostos a realizar a entrevista. De acordo com a Resolução nº 510, em nenhum momento nessa presente pesquisa utilizei os nomes dos informantes. Entretanto, a fim de mostrar individualmente as experiências desses entrevistados<sup>35</sup>, utilizei a letra inicial capital da pronúncia dos nomes chineses para referir os

---

<sup>35</sup> Durante o período de pesquisa, conforme os dois critérios da escolha: acessibilidade e equidade da distribuição do número de homem e mulher, combinei realizar entrevistas com dois participantes homens e duas mulheres, no entanto, duas participantes convidaram suas amigas para compartilhar as experiências nas entrevistas. Entretanto como uma amiga convidada não foi estudante de uma instituição do RS, ela não foi escolhida para a análise. Por isso, o número total dos entrevistados ficou cinco. E todos os nomes chineses aqui foram informados pelos entrevistados mesmos, entre eles, os quatro entrevistados: 高琳 (mulher), 皮瑞 (homem), 西利亚 (mulher), 瑞卡 (homem); e duas convidadas surgidas durante a pesquisa: 阿曼达 (mulher) e 卢安娜 (mulher). A entrevistada 西利亚 convidou a amiga dela 卢安娜 para a entrevista. A 卢安娜 que estuda numa instituição de educação superior do RS também foi para China via CsF e tinha respondido o questionário antes. A entrevistada 高琳 também convidou a amiga 阿曼达. A 阿曼达 foi para China via CsF porém, não foi aluna do Estado RS.

participantes na escrita<sup>36</sup>.

Para iniciar a sessão de entrevista, solicitei cada participante para trazer uma foto, digital ou em papel, tirada durante a estadia na China, a fim de os auxiliar a reavivar as memórias do intercâmbio e introduzir as suas experiências. De acordo com Squire (2014, p. 273):

As vidas se desenvolvem no tempo, e assim o fazem o ouvir ou ler histórias, e a capacidade das histórias de andar paralelamente ao curso da vida nesta dimensão muitas vezes é entendida como determinante do valor delas. Mas apenas porque elas acontecem no tempo, isso não significa que o tempo seja seu principal princípio organizador. Afinal, elas também acontecem no espaço, e os pesquisadores de narrativas muito mais raramente gastam tempo explorando os paralelos entre as dimensões espaciais de corpos e vidas, e a extensão espacial de vozes, da escrita, da imagem. Além disso, a não linearidade de narrativas aparentemente dispostas temporalmente também é reconhecida como altamente significativa na teoria literária e cultural.

Os objetos, nesse caso as fotos, apresentam um conjunto de informações sobre o tempo e o espaço da experiência dos participantes. A maioria dos participantes ficaram dois anos na China, por causa disso, pode ser difícil para eles resumirem suas vivências na hora de entrevista. Com a escolha de uma foto, os participantes selecionaram um momento mais marcante para relatar. Como a autora afirmou: “Muitas vezes se afirma que objetos e imagens geram, mais provavelmente do que materiais verbais, leituras narrativas cambiantes ou fragmentadas mediante sua ‘abertura’ – isto é, através do conjunto muito maior de significantes a que cada significado se conecta em potencial (SQUIRE, 2014, p. 275)”. Deste modo, a imagem deu o “ponta-pé” inicial para o fluxo da narrativa. As fotos, encarnam uma história sem matéria verbal.

Na perspectiva teórica da reconstrução narrativa de trajetória de vida, a entrevista teve somente uma pergunta inicial: me conte sua experiência durante a estadia na China. Seguindo o fluxo e sequência narrativa do próprio entrevistado. Levantei, quando foi necessário, mais perguntas tentando abordar temas relacionados com os blocos já propostos no questionário. No entanto, essas perguntas (que estão descritas no apêndice II) foram acionadas em função da fala do entrevistado. O princípio da entrevista, segundo essa perspectiva, é deixar o sujeito abordar a formação da sua narrativa do seu ponto de vista. As perguntas<sup>37</sup> preparadas pela entrevistadora foram utilizadas quando o entrevistado teve dificuldade de narrar o assunto ou

---

<sup>36</sup> Os cinco entrevistados são 西利亚(Xi Li Ya, referida como X); 卢安娜(Lu An Na, referida como L); 高琳(Gao Lin, referida como G); 皮瑞(Pi Rui, referido como P); 瑞卡(Rui Ka, referido como R).

<sup>37</sup> As perguntas estão no apêndice II e serão alteradas ao longo da pesquisa.

não soube o que mais contar. Porque a técnica de narrativa sobre trajetória da vida tem como objetivo incentivar o entrevistado a contar sua experiência a partir do seu ponto de vista e da sua lógica. E a intervenção do entrevistador nas narrativas “deve ser mínima” (MUYLAERT et al., 2014, p. 194). Portanto, durante uma entrevista, é importante manter o equilíbrio do relacionamento entre o entrevistador e o entrevistado. De acordo com o sociólogo e historiador norte-americano Richard Sennett (2004, p. 55):

O entrevistador não pode ser friamente impessoal; ele tem de dar algo de si mesmo para merecer uma resposta sincera ... a questão não é conversar como se faz entre amigos. O entrevistador também descobre frequentemente que ele ofendeu o entrevistado, transgredindo uma linha que somente os amigos ou íntimos podem atravessar. A habilidade consiste em calibrar as distâncias sociais sem deixar o entrevistado se sentir um inseto sob o microscópio.

Se os dois ficam formais demais, o entrevistado sente a indiferença do entrevistador, por consequente, o entrevistado pode perder a vontade e o prazer de contar sua história. Por outro lado, se os dois têm uma interação como amigos íntimos, o entrevistado pode sair do assunto, o que, muitas vezes, prejudica a qualidade da entrevista. Por isso, como estratégia, o entrevistador precisa se preparar antes do encontro com o sujeito. Antes da realização da mesma, elaborando um roteiro com base nos objetivos da pesquisa, bem como conhecer um pouco das características e contexto do entrevistado para elaborar uma abertura informal e aprazível, se apresentando e aproximando ao sujeito e, ao mesmo tempo, esclarecendo a ideia principal da pesquisa e o objeto geral da entrevista. Enquanto isso, o entrevistador precisa também prestar a atenção à escolha da data e do local de realizar a mesma, combinando com o sujeito com adequada antecedência. Pois, a conversação flutuante e o espaço confortável permitem o entrevistado ficar à disposição para relatar sua trajetória da vida e desse modo, a entrevista adquire a espontaneidade do conteúdo como também a formalidade necessária para sua realização (GONÇALVES; LISBOA, 2007 p. 90). Durante a entrevista, o entrevistador deve escutar a narrativa do sujeito com concentração, reage de acordo com a mudança de emoção do sujeito e conduz a entrevista na direção planejada.

Enquanto a análise das entrevistas realizadas, adotei a análise textual discursiva (MORAES, et al., 2011) para organizar a compreensão a partir das entrevistas. Se trata de compreender e reconstruir conhecimentos sobre mobilidade acadêmica com esses casos mais específicos. Trabalhei com categorias emergentes a partir das falas dos entrevistados que foram a fonte para a análise.

De acordo com os processos de organização para a análise textual discursiva, explorei primeiramente as transcrições separadamente em unitários. Segundo os autores, esse primeiro ciclo é fundamental para o desenvolvimento da análise e para a captação nova da pesquisa. No segundo passo, foram estabelecidas relações entre as quatro entrevistas, agrupando os tópicos semelhantes comparando com base nas falas dos participantes. As categorias foram oriundas do conteúdo dos dados coletados. Foram articulados o método intuitivo e o método dedutivo no momento do agrupamento a fim de construir categorias criativas que promove a futura compreensão e análise (*ibid.*, p. 24). Terceiramente, construí nessa fase meus entendimentos adquiridos dos processos anteriores, elaborei argumentos e dialoguei com teorias da revisão bibliográfica. E por último, realizei uma auto-organização da análise, combinando a desconstrução do material, a comunicação entre as entrevistas e as novas percepções sobre as experiências na China dos alunos do RS. Isso possibilitou uma compreensão penetrada do material e por conseguinte uma visão criativa e profunda do fenômeno pesquisado (*ibid.*, p. 41).

### **1.7 A aprendizagem sobre as relações de gênero como auxílio para a análise desse estudo**

Entendemos os estudos de gênero dentro de uma perspectiva da hermenêutica feminista, fortemente relacionados com a epistemologia feminista (EGGERT; PAIXÃO, 2011, p. 13). Biologicamente, os corpos de homens e mulheres são distintos e cada grupo social investe na educação de ambos de modos diferentes. A questão central dos estudos de gênero é analisar que, para as mulheres há uma educação que investe em controlar seus corpos. Essa foi uma aprendizagem culturalmente ensinada e aprendida em praticamente todas as sociedades no ocidente e no oriente. Segundo a historiadora francesa Michelle Perrot (2005, p. 447), “o corpo das mulheres não lhes pertence” e as experiências delas foram silenciadas na história. A interpretação da diferença física vem produzindo, em vez de respeito mútuo à diversidade, um tratamento desequilibrado em relação ao gênero na sociedade. Contudo, a aprendizagem sobre as relações de gênero não trata somente dos prejuízos às mulheres, pois a equidade entre homens e mulheres é primordial para os dois.

No contexto do Brasil, o sociólogo Jessé Souza (2009) afirma que as mulheres “da ralé” brasileira vivem um drama social, por exemplo, com imensa dificuldade de viver

experiências amorosas bem sucedidas. Pertencer a classes populares e ser mulher seria, para esse autor, razão para aumentar a dor e o estigma. As vivências dos homens e das mulheres são elementos fundamentais das preocupações sociais em busca da equidade. Não importa se o não reconhecimento é grande ou pequeno, mas sim o ato de não desvalorizar a dignidade e humanidade com a desculpa de que o gênero mulher vale menos, ou é inferior. E na China, além das similaridades compartilhadas com o Brasil, como o território enorme, simultaneamente, devido às suas circunstâncias específicas, a cultura chinesa demonstra suas particularidades diferentes daquelas do Brasil.

Durante os dois primeiros semestres, li nos textos da socióloga brasileira Heleieth Saffioti (1987, p. 8) que, “a vida de mulher varia segundo a classe social dos elementos do sexo feminino”. E no romance da jornalista Jung Chang (1994), baseado nas histórias reais sobre as três gerações da sua família com foco nas vidas das mulheres - a história da autora, da sua mãe e da sua avó, a narrativa do livro traz as mudanças sociais radicais desde os últimos dias da dinastia Qing até a época da reforma e abertura da China como também as influências dessas mudanças para a vida das mulheres chinesas.

A discussão sobre classe e gênero chamou minha atenção em algumas aulas que cursei aqui no Brasil. Com os diálogos que tive nas aulas, pude observar e analisar que, na China, a diretriz principal sobre gênero, é a teoria do Maoísmo, baseado nas adaptações da teoria de Marxismo que foi introduzido durante a guerra civil na primeira metade do século XX. Mulheres possuem os direitos pela constituição que foi aplicada em 1949. À vista disso, as chinesas não tiveram a equidade antes da fundação da República Popular da China, teórica e praticamente. Com base no Marxismo, a emancipação das mulheres têm um princípio: a liberdade dos humanos. E nessa questão fundamental vem primeiro a emancipação da política que visava a revolução (de 1949) por meio da luta contra as classes sociais opressoras, especialmente a luta contra monocracia feudal e a burguesia. Depois começa a autonomia econômica e por último, a emancipação ideológica. Além de descrições na teoria, a desigualdade entre os gêneros é uma realidade a ser constatada no cotidiano chinês. Nas aulas, compartilhamos argumentações e pensamentos críticos sobre o tema de feminismo dentro da teoria de Marxismo, e isso me abriu uma porta para poder refletir sobre as circunstâncias das mulheres na China no passado e no presente.

Não foi e não é fácil desconstruir as regras da sociedade machista que trata as

mulheres como pertencentes aos homens, como objeto e não um ser humano igual. Na China a poligamia, a prática de enfaixar os pés de mulheres para que estes cresçam menos, o casamento totalmente decidido pelos pais, a total subserviência em casa como qualidade essencial, a missão de parir filhos homens e o quanto mais, melhor, eram exigências naturalizadas antes da revolução. Embora seja difícil eliminar todas as opressões às mulheres, a vitória do Partido Comunista, como Chang (1995) indicou para as mulheres chinesas a crença que o triunfo foi também delas. Depois de tomar posse, o Partido liberou o mercado de trabalho para mulheres, anulou muitas regras antigas que prendiam a liberdade e a vontade delas, estabeleceu a monogamia e restaurou o sistema jurídico que protege os cidadãos em geral. Contudo, as tradições culturais de dominação sobre as mulheres não foram totalmente eliminadas com o novo regime. Como Andrea Nye (1995, p. 62) ilustrou, “havia obstáculos teóricos à emancipação feminina desde o início”, a situação da China foi parecida com a da Rússia, “onde uma revolução socialista parecia ter sido realizada, a questão das mulheres não se resolveu tão facilmente como as feministas marxistas esperavam” (NYE, 1995, p. 58). A plena igualdade na China entre homens e mulheres também não foi atingida ainda. A esperança e a realidade nem sempre estão em equilíbrio e há um longo caminho em realizar a equidade entre os gêneros.

Por isso, nessa pesquisa, as experiências dos participantes do Programa CsF que foram para China do Brasil podem enriquecer as discussões em geral tanto para o Brasil como para a China e também para mim sobre as questões em relação com o gênero nos diversos ambientes - nas salas de aula das universidades, nas convivências com os amigos e/ou colegas desses dois países, e nas vivências com as diferenças culturais no cotidiano.

### **1.8 A internacionalização do Ensino Superior e a formação de cidadania global como estudo e auxílio para as análises**

Nesta sessão serão apresentadas leituras realizadas acerca do processo de internacionalização da Educação Superior e sobre estudos de cidadania global durante o meu percurso formador no mestrado. Essas leituras trouxeram aspectos relacionados ao tema deste projeto e contribuíram para ampliar meu conhecimento do mesmo. Pois a internacionalização muda o mundo do Ensino Superior e a globalização muda o mundo da internacionalização

(KNIGHT, 2008).

A fim de enfrentar os desafios da globalização, as tentativas de reforma da Educação Superior na América Latina começaram nos anos 80 e mais notadamente nos anos 90 (WIT, et al., 2005, p. 341). E agora no século XXI, sob a orientação de organizações mundiais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e na sequência da tendência de desenvolvimento econômico da globalização, a internacionalização continuará a ser uma força central no Ensino Superior (ALTBACH, et al., 2007, p. 303). Dentro dessa perspectiva, fala-se muito, por exemplo, em “cidadania global”. A UNESCO identificou a Educação para a Cidadania Global (ECG, 2014-2017) como um processo que:

[...] equipa estudantes de todas as idades com valores, conhecimento e habilidades que, ao mesmo tempo, baseiam-se em e incutem o respeito por direitos humanos, justiça social, diversidade, igualdade de gênero e sustentabilidade ambiental, além de empoderar os aprendizes para que se tornem cidadãos globais responsáveis.<sup>38</sup>

O objetivo é capacitar os estudantes (de todas as idades) a assumirem papéis ativos para enfrentar e resolver desafios globais e se tornarem contribuintes proativos para um mundo mais pacífico, tolerante, inclusivo e seguro. A presente pesquisa se insere, assim, num pensamento sobre a função do intercâmbio universitário na constituição de uma cidadania global para os jovens estudados.

A concepção de cidadania global abrange muitas dimensões, entretanto, diversos autores possuem certos consentimentos. Em geral, ser um cidadão global se trata de obter responsabilidade social, competência global e engajamento civil global (MORAIS, et al., 2011; OXLEY, et al., 2013; KILLICK, 2012; TARRANT, 2010). É essencial que a nossa universidade visa em formar cidadãos que participem nos assuntos mundiais mais proativamente e nutram uma mente mais aberta enfrentando a diversidade do mundo. E nossa educação pode contribuir para o bem-público por meio da formação de cidadãs e cidadãos com consciência cultural, responsabilidade civil e capacidade de se integrar numa economia global orientada pelo conhecimento (MORAIS, et al., 2011, p. 447). Na perspectiva dos universitários, a modalidade mais diretamente conectada com a formação da cidadania global se refere a mobilidade acadêmica e uma das razões nucleares é a possibilidade de desenvolver a competência global (TARRANT, 2010, p. 434). Como a pesquisadora portuguesa Joana Gomes Rodrigues (2012, p. 41) apontou:

---

<sup>38</sup> UNESCO, disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/global-citizenship-education/>>. Acesso em 17/03/2017.

Entendo cidadania sob três vertentes: política, econômica e social. Neste sentido, ser cidadão é cumprir deveres e, conseqüentemente, ter direitos, sempre com a consciência de que se pertence a uma comunidade e de que, como tal, é necessário assegurar o seu bom funcionamento, intervindo sempre que possível com sentido de responsabilidade. Ser cidadão é respeitar o outro, partilhar e ajudar, reconhecendo e aceitando possíveis diferenças. É assumir uma atitude responsável e autônoma, é ser capaz de representar múltiplos papéis e, como tal, ser capaz de se adaptar às circunstâncias diversas que vão surgindo, é saber expressar ideias e opiniões e trabalhar em grupo.

Para uma formação de cidadania global os graduandos precisam ficar atentos à complexidade da nossa sociedade, e abraçar os desafios da conquista de competência global nas suas trajetórias. A fim de realizar essa conquista dentro dessa dimensão de cidadania global, a comunicação intercultural se destaca como um elemento significativo (MORAIS, et al., 2011, p. 460). E falar uma língua estrangeira serve como a chave para a comunicação durante a experiência de mobilidade acadêmica.

Entretanto, a mobilidade acadêmica é apenas uma das modalidades da internacionalização da educação superior. Quanto ao termo internacionalização, para diferentes pessoas, o significado pode variar muito. E, muitas vezes, a globalização pode parecer uma palavra sinônima. Por isso, é complicado dar uma só definição a esse termo. Não obstante, a dificuldade de descrever a internacionalização em uma palavra também mostra a riqueza da concepção e do conteúdo desse termo. O foco dessa pesquisa não é comparar em detalhes todas as diferenças e similaridades de todas as definições. Durante meus primeiros dois semestres de mestrado, as obras da Jane Knight foram a referência mais importante referência na compreensão da internacionalização no campo educacional. À vista disso, utilizei as teorias dela como o recurso principal e os artigos de outros autores sobre o tema como materiais suplementares com intenção de apresentar o conceito de internacionalização da Educação Superior nessa pesquisa. Para Knight (1997, p. 6):

Em um país, a sua própria história, sua(s) cultura(s) indígena(s), seus recursos, suas prioridades, etc., definem suas respostas para os outros países e seus relacionamentos às outras nações. Assim, a identidade e a cultura nacional são fundamentais para internacionalização. A homogeneização da cultura, frequentemente, é citada como uma consideração crítica das influências da globalização; A internacionalização, por respeitar e talvez até reforçar as prioridades locais, regionais e nacionais e a cultura, é, portanto, vista como um conceito muito diferente.

Em razão disso, o fator mais crítico para entender esse processo de internacionalização, na perspectiva defendida por Knight, é a importância de não se perder, mas ao contrário, reafirmar as identidades culturais dos sujeitos envolvidos nesse processo. Perante a globalização, é essencial ter em conta as preocupações da sociedade em

transformação, e estimular os alunos a terem sua identidade cultural nacional e, ao mesmo tempo, serem capazes de estabelecer uma identidade intercultural internacional. A autora enfatizou também que, “a internacionalização está modificando o mundo da Educação Superior, e a globalização está modificando o mundo de internacionalização” (KNIGHT, 2008, p. 1).

A internacionalização ocupa um lugar importante no desenvolvimento do Ensino Superior e tem suas origens séculos atrás. De acordo com Dr. Sir Rick Trainor, Reitor do Exeter College (*Oxford*)<sup>39</sup>, o processo de internacionalização da Educação Superior remonta aos séculos XII e XIII. Com suas funções básicas de ensino e pesquisa, “o conhecimento não sofre com fronteiras, por exemplo, estudiosos como Erasmus puderam divulgar estudos e pesquisas acadêmicas e deram palestras em toda a Europa”, em função disso, as universidades europeias “continuaram a preparar seus alunos para o emprego, bem como a cidadania” na época medieval<sup>40</sup>. Atualmente, o ensino e a pesquisa continuam sendo as principais missões das universidades. Portanto, quando promovemos a internacionalização, estamos tentando fazer “a realização de padrões acadêmicos internacionais para o ensino e a pesquisa” (KNIGHT, 1997, p. 11) e “a preparação de graduados que têm um forte conhecimento e uma base de habilidades nas relações e comunicações interculturais” (*ibid.*, p. 11). A pesquisadora Knight, em um artigo publicado com colegas sublinhou que “a internacionalização é vista como uma forma concreta de responder e desenvolver a crescente natureza multicultural e as necessidades interculturais do ambiente de aprendizagem”<sup>41</sup> (KNIGHT et al. 2005, p. 9). A autora também afirmou que “a dimensão internacional é um fator-chave, moldando e desafiando o setor de Ensino Superior em países de todo o mundo” (KNIGHT, 2008, p. 3). Seja para instituições da Educação Superior, seja para estudantes universitários, a competição global obriga a adaptação da sociedade internacionalizada. Para a pesquisadora mexicana Gacel-Ávila (2005, p. 121), “este novo contexto é caracterizado por uma relação de interdependência e competitividade crescentes entre nações, modificando o paradigma tradicional das relações interestaduais. Nenhum país escapou a este processo, nem aos desafios inerentes”. Também para a especialista brasileira

---

<sup>39</sup> Informação citada durante sua fala na PUCRS, dia 14 de setembro, 2016, intitulada: "Inovação e Tradição nas Universidades do início do século 21: quão relevante são as origens humanísticas das universidades em uma era de globalização e de tecnologias disruptivas?"

<sup>40</sup> Os trechos citados são ambos da palestra acima referida, foram transcrita do inglês e traduzida por mim.

<sup>41</sup> Tradução livre pela autora desta dissertação.

no assunto, Marília Costa Morosini (2016, p. 61), “a internacionalização é inerente à Educação Superior”.

Nas últimas décadas, a internacionalização tem incentivado mudanças socioeconômicas, culturais e tecnológicas. No campo de educação, com o intuito de formar cidadãos com vantagens competitivas, de acordo com Alda Araújo Castro e Antônio Cabral Neto (2012, p. 70):

O Ensino Superior ganha relevância como estratégia de inserção das pessoas no mundo do trabalho e para o desenvolvimento da cidadania, imprimindo aos governos e aos organismos internacionais a formulação de novas diretrizes nacionais e supranacionais para atender às novas demandas contextuais, decorrentes desse processo de mudanças.

A fim de enfrentar novas exigências, na Educação Superior, a estratégia de expandir a mobilidade acadêmica ganhou destaque na América Latina, embora “o processo de internacionalização pela perspectiva da mobilidade estudantil ainda é bastante embrionário” (CASTRO; NETO, 2012 p. 94). “A mobilidade de estudantes e professores é a razão mais importante para fazer a internacionalização uma prioridade e é o aspecto que cresce mais rápido da internacionalização” (GACEL-ÁVILA, et al., 2005, p. 359). Porém, na América Latina, a mobilidade *outbound*<sup>42</sup> permanece limitada e representa uma porcentagem muito pequena no cenário mundial, segundo os dados de OECD (GACEL-ÁVILA, et al., 2005, p. 360). Segundo os mesmos autores, apesar do Brasil estar em uma fase embrionária da mobilidade estudantil, há indicações que manifestam o aumento de mobilidade *outbound*, por exemplo, o número de estudantes que estudaram no exterior aumentou de 0,7% em 1995 para 1,0% em 2000.

O Programa CsF que foi criado em 2011, foi uma estratégia nacional a fim de promover a internacionalização via mobilidade acadêmica nas áreas de ciência e tecnologia. Já que no Brasil, “a internacionalização da Educação Superior sempre veio acoplada ao desenvolvimento dos programas de pós-graduação” (MOROSINI, 2008, p. 293) e a internacionalização em nível de graduação é ainda baixa (MOROSINI, 2016), o Programa CsF promoveu uma ampliação sem precedentes na mobilidade estudantil neste nível (graduação). O Programa permitiu aos participantes cruzarem as fronteiras. Mas será que também os auxiliou a compreender o mundo globalizado e a construir a sua identidade

---

<sup>42</sup> Mobilidade *outbound* se trata de mobilidade acadêmica externa que os alunos vão para países estrangeiros. Ao contrário, mobilidade *inbound* refere-se a alunos estrangeiros que vêm para o país.

cultural por meio deste intercâmbio? Nessa pesquisa, pretendo analisar, de acordo com as experiências dos participantes gaúchos do Programa CsF, a mobilidade acadêmica na sua relação com a formação da cidadania global.

## 2 A LÍNGUA, OS CURSOS E A CULTURA CHINESA

Neste capítulo, apresentarei recortes das pessoas entrevistadas e as analisarei tendo como pano de fundo a minha experiência de viver na China contraposta com a experiência de viver no Brasil e a análise textual discursiva (MORAES, et al., 2011). Categorizei para esse capítulo a língua e os cursos como as primeiras aprendizagens; a aproximação da cultura chinesa; e os limites da língua que dificultaram a compreensão da cultura.

Na categoria aprendizagem de línguas e cursos, o foco foi a aprendizagem do mandarim e inglês, e dos próprios cursos dos participantes. Na categoria a aproximação da cultura chinesa, apresento a adaptação dos alunos brasileiros ao contexto chinês e as percepções dos mesmos em torno das diferenças culturais. Além disso, demonstro o ponto negativo que os entrevistados mencionaram sobre o intercâmbio, como também os momentos positivos que eles tinham vivido. Por fim, uma reflexão sobre a importância da língua em diversos aspectos durante o intercâmbio, especificamente na compreensão da cultura. No espaço seguinte, apresentarei as considerações sobre as categorias emergentes detalhadas.

### 2.1 A língua e os cursos - as primeiras aprendizagens

Todas as cinco pessoas entrevistadas compartilharam as experiências com as línguas estrangeiras, isto é, o mandarim e o inglês. Pois, nesse caso, todos conseguiram aprender e praticar bastante essas duas línguas. Quando falaram sobre o mandarim, a primeira expressão que veio foi: “puxado”, “complicado”, e “difícil”, visto que todos chegaram na China sem **nenhum** conhecimento ou contato com a língua chinesa. E isso já foi possível constatar também no questionário de que a dificuldade principal foi a língua. Entretanto, os participantes atingiram um nível razoável de mandarim para se manter na China e todos passaram a prova HSK4<sup>43</sup>. O começo foi bastante desafiador, não apenas por se tratar da complexidade dessa língua oriental, como também da ansiedade e da angústia de não conseguir utilizar a língua como veículo de comunicação e expressão. Como a participante G compartilhou, saber falar a língua num ambiente estrangeiro é fundamental para uma

---

<sup>43</sup> HSK 4 (teste de proficiência em língua chinesa nível 4). Os testadores de nível 4 podem conversar em chinês com um leque amplo de tópicos e são capazes de comunicar com os falantes nativos de mandarim fluentemente.

necessidade de se sentir bem, no começo da estadia dela, “Como eu não falava nem inglês, nem mandarim, nem nada, eu queria me expressar, mas na hora as coisas não saiam assim, aí eu ficava meio triste assim”, e depois de aprender o mandarim, “Era tão bom poder ir num lugar e se comunicar e falar as coisas que a gente queria, e consegui comprar assim, foi bem legal”. A necessidade promoveu a aprendizagem da língua chinesa e para alguns participantes, a vontade de comunicação com os chineses também os incentiva, por exemplo, o R tinha uma namorada chinesa e nenhum dos dois falavam muito inglês, ele comentou, “Eu tive um objetivo a mais para estudar porque eu queria me comunicar cada vez mais com ela”. Quanto à língua inglesa, o amplo contato com outros estudantes estrangeiros (não chineses) e práticas frequentes na comunicação (tanto com chineses quanto com outros estrangeiros) foram fatores essenciais para o aprimoramento dessa língua. Como os participantes comentaram:

“Falava com a turma, com outras pessoas da escola, com outros estrangeiros. Quem mais me ajudou no inglês foi essa última namorada francesa” (R);

“A gente tinha muito contato com os estudantes de outros países também e aí, a forma de comunicar no começo era mais fácil pelo inglês” (X);

“Voltei falando inglês. Foi mais de usar assim na verdade” (G).

Embora a língua como veículo de comunicação seja vital em criar relações com os outros, os participantes do CsF, falantes de língua portuguesa, durante a estadia na China, desenvolveram amizades, relacionamentos amorosos e outros laços. Isso demonstra que a língua franca não se limita em uma determinada língua, a linguagem corporal, o entendimento mútuo, a empatia ou até as ações das pessoas podem resultar em uma troca melhor, como vimos na fala do entrevistado P “Eu criei amizades e eu, e mesmo eu não entendo muito bem chinês na época”; ou da experiência da participante G “Tipo para a gente saber falar, para a gente entender a cultura, tipo, eles já davam outro tratamento para a gente né”.

Nas pesquisas em torno do programa CsF encontradas durante a construção desse trabalho, embora ninguém tenha discutido especificamente sobre o mandarim, autoras como Gisele Gasparelo Voltani (2015), Bruna Duarte Nusa (2015), Rovênia Amorim Borges (2015) e Eliana Kobayashi (2016) realizaram discussões com a questão de línguas estrangeiras do programa. Um destaque comum desses trabalhos revela que no Brasil, ser proficiente em línguas estrangeiras, especialmente em inglês, ainda é um privilégio de uma pequena porção da população (KOYABASHI, 2016; BORGES, 2015; NUSA, 2015). Como os entrevistados apontaram também, eles voltaram da China falando duas línguas - o mandarim e o inglês. E

antes de ir para China, o nível de inglês foi “um pouquinho” ou não tinham conhecimento dessa língua. De modo geral, esses participantes se beneficiaram com a oportunidade da aprendizagem das línguas estrangeiras. Como Nusa (2015, p. 149) apontou na sua pesquisa, mais da metade dos bolsistas aproveitaram o intercâmbio e melhoraram a proficiência em inglês.

Aprimorar o inglês foi um aspecto muito positivo, levando em conta o escasso do ensino da língua inglesa no Brasil (NUSA, 2015; BORGES, 2015; KOBAYASHI, 2016). O inglês como a língua franca no palco mundial tem sido um ganho, perante a crise econômica do país. As instituições podem desfrutar da aprendizagem desses participantes do CsF que retornaram com duas línguas estrangeiras mais aperfeiçoadas (KOBAYASHI, 2016, p. 151). No caso dos estudantes que escolheram a China como país destinatário, uma delas, a participante G, abriu um curso de mandarim na sua universidade no Brasil para divulgar o conhecimento linguístico como também a vivência da cultura chinesa. Além disso, o CsF ofereceu uma experiência internacional para estudantes que puderam usufruir uma formação de cidadania diferente em outro país na sua juventude. Todos entrevistados fizeram amizade com pessoas de diversas nacionalidades e superaram barreiras de língua e limites da própria cultura. Conseguiram enfrentar dificuldades na hora de aprender o mandarim e abraçaram a cultura chinesa mesmo sendo muito distinta da brasileira. Isso coincide com a ideia do ensino de uma outra língua que permite ao aprendiz obter uma liberdade de conhecer um mundo hegemônico e uma oportunidade para a inclusão global (BORGES, 2015, p. 178). A importância de falar línguas estrangeiras é evidente na formação para a cidadania global nas falas dos entrevistados. Os laços entre saber uma língua e fortalecer a cidadania são inseparáveis.

O ensino de português nas universidades chinesas vem testemunhando grande esforço em investimento do governo chinês e acelerada ampliação na quantidade das instituições do Ensino Superior nesse país oriental. Devido à história de colonização de Macau, a língua portuguesa sempre teve presença na China desde o século XVI quando os portugueses desembarcaram. O português mantém uma das duas línguas oficiais da Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) até hoje. Além das escolas e universidades que utilizam português como veículo de comunicação em Macau, ainda no território chinês há 23 universidades chinesas que ensinam a língua portuguesa atualmente, de acordo com uma

reportagem recente do BBC<sup>44</sup> Brasil. A expansão do ensino de português está estreitamente ligada com os interesses estratégicos da China nos países lusófonos. Usufruindo dos cursos de português nas instituições de Ensino Superior, a China promove a formação dos professores, pesquisadores, tradutores, intérpretes e diversas especialistas com habilidade de utilizar português como ferramenta de comunicação a fim de liderar as cooperações com os países de língua portuguesa da Europa, América do sul e África.

Com a expansão do ensino de português na China, eu consegui estudar a língua portuguesa por quatro anos na China, inclusive um ano de intercâmbio em Macau. No curso de licenciatura, senti muita falta do conhecimento profundo das culturas e histórias de Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Contudo, depois de chegar para Brasil, a familiaridade com o português foi uma chave da articulação com a sociedade brasileira. Eu consegui me aproximar bastante com a diversidade cultural do Brasil quando compreendi as falas das pessoas, as leituras nas salas de aula e as informações sobre os assuntos no dia a dia. Como consequência, o complexo contexto político, social e cultural do Brasil começou a fazer mais sentido para mim do que um trecho de introdução no livro didático de português na faculdade.

Embora com defeitos, nesse contexto globalizado, o apoio que o governo chinês oferece para as universidades atingirem excelente desempenho nos cursos de português demonstra o reconhecimento da importância da formação das pessoas com proficiência nas línguas estrangeiras, nesse caso em especial o português, em relação à realização das estratégias nacionais, como também a urgência do aprimoramento desses cursos e da formação dos universitários de hoje. Entretanto no Brasil, além dos dez Institutos Confúcio<sup>45</sup>, apenas a Universidade de São Paulo (USP) oferece o Curso de Letras – Habilitação em Chinês<sup>46</sup>.

Em relação à língua portuguesa com a formação de cidadania, o professor Paulo Coimbra Guedes (1997) do Instituto de Letras da UFRGS argumentou que a língua portuguesa exerce um papel importante de inclusão dos cidadãos na sociedade brasileira, pois a língua é o instrumento mais eficaz da participação escolar, vida cultural e política do país. A

---

<sup>44</sup> Disponível em < <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-41022424>>, último acesso em 03/09/2017.

<sup>45</sup> O Instituto Confúcio é uma organização educacional pública sem fins lucrativos vinculada ao Ministério da Educação da República Popular da China.

<sup>46</sup> Informações detalhadas disponíveis em site oficial da USP < <https://sistemas.usp.br/jupiterweb/listarGradeCurricular?codcg=8&codcur=8051&codhab=1302&tipo=N>>, último acesso em 14/12/2017.

pesquisadora portuguesa Joana Gomes Rodrigues (2012, p. 41) também descreveu a concepção de cidadania em relação com a língua na sala de aula no seu relatório de estágio:

Entendo cidadania sob três vertentes: política, econômica e social. Neste sentido, ser cidadão é cumprir deveres e, conseqüentemente, ter direitos, sempre com a consciência de que se pertence a uma comunidade e de que, como tal, é necessário assegurar o seu bom funcionamento, intervindo sempre que possível com sentido de responsabilidade. Ser cidadão é respeitar o outro, partilhar e ajudar, reconhecendo e aceitando possíveis diferenças. É assumir uma atitude responsável e autônoma, é ser capaz de representar múltiplos papéis e, como tal, ser capaz de se adaptar às circunstâncias diversas que vão surgindo, é saber expressar ideias e opiniões e trabalhar em grupo [...] a literatura permite o contacto com novas realidades, abrindo horizontes face ao conhecimento já adquirido. Neste sentido, a sua relação com a cidadania é inegável pela transmissão e construção de valores, de modos de ser e de estar que pautam o confronto com a nossa própria realidade, potenciando a reflexão sobre as nossas relações e vivências.

Além da sala de aula, a cidadania, a língua e a linguagem indicam possibilidade de parcerias em vários aspectos. E na nossa sociedade globalizada, diversos autores já refletiram sobre as correlações entre a língua materna e a língua estrangeira no que diz respeito à identidade e subjetividade que também são elementos chave na cidadania. Conforme a professora linguista Maria José Coracini, as línguas adicionais são veículos de comunicação que constroem uma ligação entre o sujeito e o exterior, o que muitas vezes se complementa com a função da língua materna: “A língua, portanto, que sabemos é a chamada língua materna, aquela que fala de nós, a que conhecemos é a língua estranha, a língua do outro, que compreendemos a partir da primeira, que nos constitui enquanto sujeito” (CORACINI, 2014, p. 7). A aprendizagem das línguas estrangeiras não impede a aquisição da língua materna, ao contrário, com a experiência de saber uma língua alheia se torna o sujeito um cidadão beneficiado com a sua subjetividade. De modo semelhante, a investigadora linguística brasileira Michele Andreza Teixeira Passini (2010, p. 5) também afirmou a positividade da aprendizagem das línguas estrangeiras:

[...] entrar em contato com uma língua estrangeira, não se reduz a apreensão de um código linguístico diferente daquele da língua materna ou a memorização de determinados sons. Ao operarmos com a noção de sujeito de linguagem, para o qual a língua(gem) tem caráter determinante em termos de subjetividade, o contexto de aprendizagem de línguas torna-se um momento privilegiado de deflagração da movência da identidade desse sujeito.

Falar uma língua estrangeira, nesse contexto, fortalece a subjetividade dos alunos, e ao mesmo tempo, estimula a formação da identidade cultural dos mesmos de acordo com os contrastes nas expressões de linguagens. Como a professora de francês da UFRN Renata Archanjo (2015, p. 652) comentou:

A globalização é um fato e o domínio de uma ou mais línguas estrangeiras é uma

competência necessária. Dadas as ambições do país, é hora do Brasil avaliar suas próprias políticas e prover condições para que as transformações aconteçam sobre bases planejadas e não sobre alicerces adicionados ao sabor dos acontecimentos.

Ao me debruçar sobre o ensino e a aprendizagem das línguas estrangeiras para esses estudantes, penso que eles não apenas contribuem para a formação acadêmica e profissional com qual aprimoram a formação da cidadania global dos alunos, como também servem como uma estratégia política para uma inserção internacional do Brasil via investimento nas políticas linguísticas. Ainda como a professora-pesquisadora Archanjo (2016, p. 537) afirmou:

[...] políticas educacionais e políticas linguísticas que, porventura, ampliem o fosso das diferenças entre espaços de produção do conhecimento científico devem ser analisadas criticamente à luz dos interesses (políticos, governamentais, sociais e históricos) do lócus onde são produzidas. A democratização do ensino e da cultura é um princípio que interessa a todos. Se isso constitui uma meta de ação em termos de política pública, seja ela educacional ou linguística é preciso que ela seja pensada para todos. Afinal, um projeto de sociedade é, ou deveria ser, em princípio, para todos.

O ensino de língua representa muito além de alfabeto e gramática. A língua está presente em todos aspectos na vida moderna dos cidadãos. As políticas educacionais interferem diretamente a formação de cidadania dos alunos, não apenas se trata do currículo linguístico, como também o sistema educacional como um todo.

## 2.2 A aproximação da cultura chinesa - os pequenos grandes espantos

Para os entrevistados, o amor pela cultura chinesa não aconteceu à primeira vista, pois as diferenças culturais foram tão distintas que muitas vezes eles não conseguiram uma adaptação rápida. Entretanto, a admiração pela cultura oriental se destacou nas falas desses participantes depois da imersão nos cotidianos na China. Houveram muitas distinções, desde o “cheiro” da cidade (L) e “o fogão só tem duas bocas” (X) até a roupa que chineses usam e os seus estilos de vida. Contudo, o fato de terem se aproximado da cultura e de conseguirem participar nas atividades cotidianas que as pessoas locais faziam foi um ponto forte nas narrativas dos entrevistados. Nos primeiros meses: não conseguia pegar ônibus, se estranhava com a comida, ficava perdido no metrô, não entendia a questão de *Fengshui* (風水)<sup>47</sup>, não identificava qual vegetal era no mercado, esses obstáculos causaram certo desconforto.

---

<sup>47</sup> Fengshui, tradução literal é vento e água, na cultura chinesa, se trata de um conhecimento das forças da natureza ou objetos que se for aproveitado de maneira correta pode conservar as influências positivas e modificar as negativas a fim de beneficiar os desfrutadores no seu espaço físico.

Entretanto, depois de se adaptarem, além de usufruir um conforto maior e mais facilidade de viver na China<sup>48</sup>, todos falaram com um tom muito orgulhoso sobre a aprendizagem na vivência. Todos contaram suas conquistas cotidianas:

“Hoje eu vou lá, eu não me perco em lugar nenhum... Consigo falar, consigo comprar o chip do celular, consigo usar o *Baidu*<sup>49</sup>, consigo usar o *Didi*<sup>50</sup>, consigo usar *Taobao*<sup>51</sup>. Então, consigo fazer quase tudo que um chinês faz” (R);

“Quando a gente descobriu o *Taobao*, eu não saía mais de casa para comprar” (G);

“Mas depois [o metrô] era o melhor jeito de andar” (X);

“Eu comecei a comer de tudo” (L);

“Eu conseguia identificar o que que era. Roupa a gente comprou em *Taobao*. Eu me acostumei com, com os doces de feijão, né” (P).

E o quão é diferente a cultura chinesa nos olhos desses entrevistados? A palavra “diferente” apareceu 127 vezes no total nas falas deles. A cultura chinesa além de absorver a riqueza histórica de mais de cinco mil anos, vem sofrendo também grandes mudanças socioeconômicas e políticas depois da abertura e reforma do governo chinês, resultando também em modificações profundas na educação superior (GAO, 2016, p. 43). Mesmo com a presença ampliada da cultura ocidental nas universidades na China, os alunos brasileiros ainda lidaram com circunstâncias específicas da cultura escolar chinesa. Por exemplo, os participantes - L e P - mencionaram o desconforto nos dormitórios chineses dentro do campus: “No dormitório tem todas as regras né, de convivência”; “Era bem rígido. Nós não tínhamos a privacidade... Se o professor quisesse entrar em qualquer momento no nosso quarto, eles tinham a chave, eles entram”. Como numa universidade chinesa ainda há mais controle de estudantes do que numa instituição brasileira, as regras e a falta de privacidade foram experiências únicas para muitos desses brasileiros.

---

<sup>48</sup> Para muitos, a China é um país de contradições complicadas, pois ela é um país socialista e ao mesmo tempo é a segunda maior entidade econômica no mundo. A política nacional segue a diretriz comunista, no entanto a economia mantém muitas características capitalistas. No mercado chinês, vemos grandes quantidades de ofertas de mercadorias, como também a forte supervisão do governo chinês para manter o funcionamento e o desenvolvimento estável da economia do país. E depois da política de reforma e abertura em 1978, a China abriu sua porta para participar nas atividades econômicas mundiais. No entanto, ainda existem algumas barreiras para certas empresas estrangeiras para ocupar seu espaço na China, tais como *Google*, *Facebook* e entre outros. Os participantes mencionaram que precisavam usar *VPN* para acessar alguns sites na internet. Por isso, para os leitores pode ser estranho por ser um país fechado, a China possui tantas plataformas de consumo.

<sup>49</sup> Baidu 百度, empresa chinesa de internet que oferece motor de busca e outros muitos serviços tecnológicos.

<sup>50</sup> Didi 滴滴, empresa chinesa que oferece serviço de transporte privado por aplicativos e outros serviços de tecnologia.

<sup>51</sup> Taobao 淘宝, empresa chinesa que oferece sua plataforma para as empresas venderem mercadorias e outros serviços na área de *online shopping*.

Muitas vezes, na percepção chinesa, a falta de privacidade não significa que os chineses estão vigiando os estrangeiros, e sim mostrando hospitalidade e carinho, porém, atrás do ato de entrar no quarto sem permissão se reside uma diferença cultural, e isso é considerado falta de respeito na cultura ocidental. Isso já aconteceu também no espaço fora do campus universitário. A participante G teve experiência semelhante no apartamento alugado com colegas brasileiros. O dono do apartamento entrava com a chave sem avisá-los e sempre os convidava para sair e jantar quando os via. Embora nenhum assalto ou roubo tenha acontecido com as invasões do dono, quando ela relatou esse pedaço do intercâmbio, ficou incômoda e ao mesmo tempo achou engraçado. Entrar no apartamento alugado para outras pessoas não é um fenômeno comum na China. Entretanto o caso que a entrevistada comentou pode refletir um aspecto do contexto sociopolítico chinês que a privacidade pessoal não é muito bem respeitada e as pessoas vigiam o uso e a condição das suas propriedades.

Não foram poucos os momentos relatados que revelaram contrastes diferentes. Três participantes reclamaram que os taxistas chineses tiravam vantagem dos estrangeiros, esse tipo de vantagem/investidas dos taxistas lá, lembrou a realidade brasileira, porém o Brasil possui muito mais violência tanto para passageiros como para taxistas.

A poluição da China (G; P; R); “batedores de carteira” (P); o “costume de buzinar” (P); a situação de “não oferece lugar para os idosos no metrô” (R), e entre outros pontos negativos irritavam e estressavam bastante os alunos brasileiros durante o intercâmbio. Entretanto, sendo estrangeiros na China, momentos de “privilégio” também foram mencionados:

“Eles [chineses] tendem te ajudar mais assim, se tu é estrangeiro do que se tu for chinês” (R);

“Eles [chineses] são bem acolhedores... Eles [chineses nos bares] nos davam bebida para a gente ir numa festa” (G);

“É muito diferente como o estrangeiro vive na China. A gente tem uma liberdade muito maior do que chinês” (X);

“Estrangeiros eram muito paparicados, davam bebidas de graça para nós, então assim, a gente se sente especial” (L);

“Como a gente é estrangeiro lá, acho que no segundo ano eu vi isso que eles até flexibilizavam mais as coisas para nós. Assim, ah não vou obrigar WaiGuoRen (外国人, estrangeiro) a saber tudo e rodar [a prova]. Vou passar ele em uma disciplina... Estrangeiros se sentem mais livres morando fora [do dormitório]. Até porque os estrangeiros são muito diferentes, gostam de sair pros lugares depois levar pessoas para casa... Os chineses olhavam para o brasileiro e falavam, ai, estrangeiro né, ai, deixa que é estrangeiro” (P).

Os extremos nos tratamentos dos chineses representam certo aspecto dos valores

reforçados na sociedade chinesa depois da reforma e abertura da China desde 1978. Com as grandes mudanças que decorreram em toda a China, o contexto socioeconômico influenciou bastante a escolha dos valores dos chineses, representando um estado moral instável na sociedade. A geração de filho único<sup>52</sup> já é reconhecida como a geração de pequenos imperadores - tanto os meninos quanto as meninas, de comportamentos rebeldes, características incompreensíveis e mentalidades frágeis, consequência de ser o único centro de atenção e prioridade na família. Embora essa geração demonstre mais flexibilidade para mudanças, mais acessibilidade à internet e mais facilidade em lidar com o mundo exterior, o declínio moral dessa geração é um fenômeno que sofre bastantes críticas e preocupações na China (SPOSITO, et al., 2016).

Essa política pública modificou muitos aspectos da desigualdade entre filho homem e filha mulher de ampla escala em toda a China, pois, com uma única oportunidade de ter um filho só, tanto filho homem quanto filha mulher é a única opção que os pais chineses possuem de manter a ascendência da família que é um dos elementos mais importantes na cultura familiar chinesa (FONG, 2004). Junto com a mudança de dar mais importância para filhas mulheres, é possível reparar mais investimento na educação para as meninas que antigamente nem podiam entrar na escola porque a prioridade foi dada para os irmãos homens. Apesar do histórico e da existente desigualdade de gênero, de acordo com os dados da UNICEF<sup>53</sup>, a China alcançou a igualdade de gênero no ensino fundamental e não há diferença significativa na taxa de matrícula de meninos e meninas nas escolas primárias. Depois de três décadas de funcionamento, o governo chinês liberou em 2016 a política<sup>54</sup> de ter dois filhos para cada casal, a fim de equilibrar o desenvolvimento populacional e enfrentar o desafio do envelhecimento da população. Em relação à política do filho único, na comunidade global existem diversas opiniões. De certa maneira, esta política providenciou mais oportunidade para as filhas mulheres em sociedade chinesa do que antigamente, entretanto, impactos negativos também foram criticados tais como aborto seletivo de sexo (fazer aborto quando

---

<sup>52</sup> Geração de filho único, se trata dos chineses que nasceram depois da execução da política do filho único que foi aprovado em 1980 na China.

<sup>53</sup> Dados estatísticos sobre o ingresso das crianças chinesas no ensino fundamental de 1993 até 2013 de acordo com a UNICEF. Durante esses vinte anos, a taxa de ingresso dos meninos subiu de 98.5% para 99.7% e a taxa das meninas aumentou de 96.5% para 99.7%. Detalhes no site da UNICEF, disponível em: <<http://www.unicef.cn/cn/index.php?m=content&c=index&a=show&catid=202&id=19724>>. Acesso em 15/01/2018.

<sup>54</sup> Disponível em site de Xinhuanet: <[http://news.xinhuanet.com/english/2015-10/29/c\\_134763645.htm](http://news.xinhuanet.com/english/2015-10/29/c_134763645.htm)>, último acesso em 15/12/2017.

souber o bebê fosse de sexo feminino), relações sociais distorcidas e entre outros<sup>55</sup>. A política do filho único é uma questão complexa cujas influências decorrem em vários aspectos na sociedade chinesa, portanto deverá ser discutida com profundidade em outras oportunidades para não fugir do assunto principal dessa dissertação.

As observações e reclamações desses participantes do programa CsF revelaram um pouco mais sobre a parte da cultura chinesa que não foi familiar para a sociedade brasileira. Apesar de os entrevistados terem vivenciado um contraste cotidiano relacionado à sua identidade estrangeira, eles mantiveram uma atitude positiva e estavam dispostos a se aproximar da cultura chinesa, assimilando os pontos positivos e criticando os aspectos negativos. Contudo, os alunos brasileiros conseguiram se adaptar ao contexto chinês num tempo relativamente curto e demonstraram o aperfeiçoamento pessoal em diversas áreas. Isso foi uma influência positiva desta experiência de mobilidade. De acordo com as falas dos entrevistados:

“Eu tenho assim, um sentimento que eu sou um pouco chinesa sabe? Eu não tenho mais esse sentimento que eu sou só brasileira, tenho sentimento de que a China é meu país também” (L);

“Tem que ser a pessoa que vai se mudar no país, que vai entender a cultura do país e tentar assimilar o mais possível para conseguir conviver na sociedade” (P).

Vemos, por meio dessas narrativas que, “A globalização viabiliza e naturaliza a diversidade e a multiplicidade, mas exige, em troca, capacidade de adaptação” (ARCHANJO, 2015, p. 650).

### **2.3 Os limites da língua que dificultaram a compreensão da cultura**

O nosso mundo está cada vez mais conectado e os cidadãos globais estão superando ou tentando superar as diferenças nacionais, sociais e linguísticas. Ao cruzar as fronteiras culturais, o idioma é a ferramenta mais importante a fim de realizar a compreensão mútua, ampliar as oportunidades de carreira e educação, fornecer a troca de idéias e informações e introduzir a beleza de outras culturas.

Nas experiências desses entrevistados, a língua foi o maior problema, e

---

<sup>55</sup> Críticas extraídas em The Guardian, disponível em < <https://www.theguardian.com/world/2015/oct/29/china-abandons-one-child-policy>>, último acesso em 15/12/2017.

consequentemente, a chave principal de interação com os outros enquanto estavam na China. Sem o conhecimento ou a proficiência do mandarim, como a entrevistada G relatou, “eu queria me expressar mas na hora as coisas não saiam”, é difícil comunicar-se com as pessoas, apresentar sua identidade cultural e manter os laços interpessoais. Aprender o mandarim é como conhecer o sistema chinês cultural e social, com referências ao estilo de vida, à geografia, à história, às artes, à economia e às práticas socioculturais contemporâneas, incluindo dialetos regionais e diversidades, estilos de roupas e práticas culinárias dentro do país destinatário onde a língua é falada.

O escritor e filósofo alemão Johann Wolfgang von Goethe uma vez confirmou que “Aquele que não sabe nada de línguas estrangeiras, sabe nada sobre si”<sup>56</sup>. A aprendizagem do idioma local, tanto na minha própria experiência de mobilidade acadêmica fora da China quanto nos relatos desses entrevistados, é essencial e permite ao indivíduo expressar os seus sentimentos e pensamentos para os outros além de contribuir para a experiência de imersão cultural durante a estada no país destinatário. A língua pode ser uma fonte de muitos mal-entendidos especialmente quando a comunicação acontece devido às distintas diferenças culturais. O domínio da língua é crucial e possibilita que os sentimentos se transformem em palavras, caso as pessoas queiram compartilhar suas emoções, pedir ajuda ou descrever suas preocupações. Uma palavra pode ter mais de um significado e é desafiador para um aprendiz de uma língua estrangeira escolher a palavra certa para expressar o seu desejo ou a sua necessidade. O mandarim possui bastantes diferenças se comparando ao português em termos de pronúncia, escrita, gramática, formação de frases, entre outros. E o português não é uma língua amplamente falada e compreendida na China, e da mesma forma, no Brasil o mandarim é conhecido como uma das línguas mais distantes e difíceis.

As barreiras linguísticas dificultam o entendimento. Tanto do mandarim quanto do português, o processo de aprendizado de uma língua estrangeira é uma descoberta sobre a cultura e a linguagem de um local específico, com base nas comparações com as nossas próprias línguas e culturas. Ao realizar tais comparações, refletimos sobre as semelhanças e diferenças entre nossa língua materna e a língua estrangeira, exigindo o aprimoramento das nossas capacidades cognitivas. Muitas vezes, devido à falta da proficiência linguística, a

---

<sup>56</sup> “Those who know nothing of foreign languages know nothing of their own.” Frase extraída do livro *Maxims and Reflections* do Johann Wolfgang von Goethe.

ignorância e o medo podem impedir o melhor aproveitamento da experiência no exterior.

Em 2011, chamou muita atenção entre os falantes e aprendizes da língua chinesa uma música que foi elaborada pela banda de rock *Transition*, composta por três ingleses. A música se chama “Meu chinês não é bom”<sup>57</sup> e conta os momentos constrangedores gerados pelo mal entendimento ou uso errado do mandarim pelos estrangeiros que tentam falar essa língua. Como o mandarim tem quatro tons e quando muda o tom, modifica a palavra e/ou o significado, a banda relatou que uma vez eles queriam comprar *dumplings* - que se pronuncia *shuǐ jiǎo* com as duas palavras de terceiro tom, entretanto, em vez de pedir a comida eles falaram dormir - que se pronuncia *shuì jiào* com as duas palavras de quarto tom. Desse modo, as pessoas ficaram confusas ao escutar as falas deles, apesar de que no final eles conseguiram a comida e consideraram a experiência de errar palavras uma história interessante e uma aprendizagem rica. Casos como esse não foram raros para os aprendizes estrangeiros da língua chinesa. E os desconfortos causados pelos mal-entendidos variam muito. Dependendo dos usos e significados das palavras, muitas vezes o mal-entendido pode ofender as pessoas também. E no caso do português, por exemplo, o uso do vocabulário básico pode causar confusão: como na minha universidade (*BISU*) o estudo do português de Portugal era a parte principal do currículo, eu me acostumei a usar a palavra “rapariga” para referir ao que os brasileiros costumam chamar de “moça”, e a palavra “rapariga” possui outro significado no Brasil, por isso já sofri algumas ocasiões constrangedoras no início por falta do conhecimento do uso local da língua portuguesa.

Entretanto, a convivência com as pessoas nativas é uma aprendizagem enriquecedora para praticar a língua, adquirir conhecimento sobre os costumes do povo do país destinatário e compreender os aspectos mais profundos da cultura. Diferente de uma viagem turística curta, um intercâmbio de longo prazo permite que os estudantes mergulhem de fato nas maneiras diferentes de pensar e olhem para o mundo mediante o contato com as pessoas do cotidiano no país de destino. Pois, qualquer língua tem sua base de conhecimento distinto e a própria língua é a ferramenta direta para acessá-lo.

O domínio do mandarim contribuiu para satisfazer as necessidades emocionais e estabelecer boas relações com os chineses de acordo com as narrativas dos participantes. Ser

---

<sup>57</sup> O nome da música traduzido pela autora dessa dissertação. O nome original é *Wo De Zhong Wen Bu Hao* (我的中文不好).

capaz de transmitir as suas mensagens - pensamento, emoção, desejo - para os outros entenderem possibilita que os estudantes brasileiros aproveitem melhor a sua estada, falem por si e divulguem a cultura brasileira na China. Ao mesmo tempo, a iniciativa de conversar com chineses em mandarim oferece oportunidades para muitos benefícios, tais como novas amizades, ganhos de descontos, respeito, conforto do cotidiano, entre outros, pois as palavras expressam o respeito e o interesse em comunicação e trocas desses brasileiros com os colegas, professores e vendedores chineses que já deram tratamentos diferentes ao escutar o mandarim (G, P, R). A língua introduz a trajetória do país e da cultura dos falantes nativos para os aprendizes. Sem o domínio do mandarim, os entrevistados teriam mais dificuldade de realizar todas as atividades que eles experimentaram durante o intercâmbio.

As palavras formam os pensamentos de um povo determinado e sem a comunicação fluida e o conhecimento da cultura local, o desempenho de raciocínio, a flexibilidade, a criatividade e a subjetividade são prejudicados. Com a proficiência em mandarim, os entrevistados conseguiram uma compreensão suficiente dessa língua o que facilitou o ato de usufruir da autonomia de experiências como comprar no mercado e online (G, P, R), mudar de casa (G, P, R, X), participar nas organizações estudantis com interesses comuns das universidades (P, R), namorar com pessoas de outra nacionalidade (L, R). Além disso, eles conseguiram também descrever uma China com o próprio entendimento vivenciado: o povo em geral receptivo (G, L, P, R, X), a falta de privacidade no apartamento alugado e no dormitório do campus (G, L, P), o ritmo intenso nas faculdades (G, P, R), a vergonha das mulheres chinesas em termos de sexo (G, P), entre outros. A conquista do mandarim não apenas possibilitou que os participantes aproveitassem mais profundamente seu intercâmbio, como também aumentou sua autoconfiança e valorizou seus esforços. A partir de um conhecimento completo da língua, todos esses entrevistados confirmaram que como o mundo fica mais interligado, é uma vantagem para enfrentar o cenário global equipado com a competência linguística. Podemos inferir que a falta de conhecimento de línguas estrangeiras, estreita o caminho de desenvolvimento e a visão do mundo dos universitários.

### **3 A VISÃO DE QUEM É ESTRANGEIRO(A) DEPOIS QUE RETORNA AO SEU PAÍS**

Neste capítulo, continuarei a discutir sobre os tópicos emergidos das entrevistas: os chineses na visão dos brasileiros e a vida desses participantes depois do CsF. Na categoria os chineses na visão dos brasileiros, aponto as observações desses participantes sobre o povo chinês e as suas relações com os colegas, amigos, professores e namoradas/os chineses. Por último, na categoria a vida depois do CsF, os participantes argumentaram suas críticas sobre os problemas encontrados durante o intercâmbio, contaram as mudanças na vida pós-CsF e sintetizaram a influência de um programa de mobilidade acadêmica na perspectiva dos estudantes universitários.

#### **3.1 Os retratos dos chineses na visão dos brasileiros**

Um momento que me marcou durante as entrevistas foi quando os participantes compartilharam as suas observações sobre o povo chinês. Porque depois de dois anos de convivência com os chineses, os estudantes brasileiros conseguiram perceber a diversidade dentro desse povo oriental e não mais mencionaram apenas o estereótipo chinês. Eles apontaram diversos detalhes dos comportamentos e características dos chineses e das chinesas, o qual eu como uma chinesa muitas vezes não reparava enquanto vivia na China. As conversas com eles me encorajaram a refletir sobre minha própria identidade e desenhar um retrato do chinês com outro olhar.

O chinês em geral é curioso, receptivo, disposto a ajudar os estrangeiros e sempre quer praticar inglês com os estrangeiros. O povo chinês tem uma curiosidade de “saber como é que é e começa a investigar” (P), e os estrangeiros foram investigados com perguntas tais como: “como que é o país; o que é que tu faz; o que tem de legal lá; que que é a diferença” (R). Tantas perguntas surpreenderam os brasileiros pois antes de chegar à China, eles já pensavam que esse povo ia ser muito fechado (R; G; X; P), porém essa curiosidade parece não corresponder com o famoso estereótipo. O chinês é receptivo, e um exemplo mais comum é brigar para tentar pagar a conta por todos. Eles “sempre querem levar para jantar e para pagar muita comida assim” (G) e “quando ele te convida para sair, ele tem costume de pagar tudo” (P). Embora tenha sido fechado e não tenha muito conhecimento sobre a cultura

brasileira, quando a G chegou à China, “o pessoal já começou a ajudar achar alojamento” e a entrevistada X também relatou, “Chinês, se tu parar na rua para pedir ajuda para alguém, qualquer pessoal vai te ajudar...em qualquer coisa que ele puder te ajudar, ele vai te ajudar”.

Outra ênfase das observações desses participantes foi a ansiedade dos chineses em geral de praticar inglês com os estrangeiros, inclusive, isso, na visão dos brasileiros, revela um preconceito existente nos chineses de que todo estrangeiro fala inglês (R; G). De acordo com as descrições dos participantes, o povo chinês demonstra virtudes como a hospitalidade, cordialidade e solidariedade que enraízam na cultura chinesa milenar. De outro lado, ao longo do desenvolvimento socioeconômico e da aceleração da globalização, os chineses, mesmo com a reputação de ser um povo fechado, se manifestam com curiosidade sobre o que vem de fora e com uma necessidade de se inserir na comunidade global utilizando o inglês como veículo de comunicação. Percebemos que na visão dos chineses, a língua inglesa como língua franca está ligada intimamente com a busca da cidadania global. Por que o inglês se destacou sobre os chineses na visão dos participantes? Eles explicaram:

“O chinês que busca aprender inglês, ele já tem uma visão mais aberta assim. O chinês que fala inglês, tu consegue ter uma relação mais rápida com ele. Acho que o chinês dificulta um pouco” (L);

“Os [chineses] que moravam fora, eles eram mais flexíveis. Tinham uma maneira de resolver as coisas diferentes sabe. Eles tinham já, uma malícia diferente, um jeito de olhar as coisas e pensar de maneira diferente dos chineses normais” (P).

À vista disso, a aprendizagem de línguas estrangeiras na China - mandarim e inglês, beneficia os alunos brasileiros a amplia os horizontes e olhar de maneiras diferentes para as suas vidas.

Além do povo chinês como um todo, os participantes do CsF também comentaram sobre a diversidade dentro desse coletivo na sociedade, sendo esses: as chinesas, namorados chineses, os universitários chineses, professores chineses e os colegas e amigos chineses.

Quanto à chinesa, a palavra-chave foi vergonha segundo os entrevistados. Embora a chinesa pareça mais receptiva (X), ela é “envergonhada” (P), alguns exemplos:

“Não imagino fazendo alguma piadinha em relação ao sexo... Talvez seja tabu essa questão [menstruação] assim e talvez lá não tenha movimento feminista” (G);

“É difícil de tu tentar conversar mais [com a chinesa], já com um chinês às vezes ele consegue entender que era brincadeira e consegue interagir um pouco mais de boa... A chinesa é mais quieta. Eu diria assim, mais calma assim, mais quietinha assim” (P).

A feminidade chinesa é composta de multiplicidade e as experiências das mulheres

chinesas são multicamada e diversificadas. A concepção de gênero - diferente de concepção de sexo biológico - foi introduzida pela primeira vez para China em 1995, na Quarta Conferência das Nações Unidas sobre as Mulheres ocorrida em Pequim (XU, 2009). Devido da abertura dessa conferência, os intelectuais dos estudos femininos começaram a participar nas ONGs, desenvolvendo projetos e dialogando com intelectuais internacionais. Com o atraso de tocar nos tópicos relevantes em comparação com os países mais desenvolvidos, se tratando de questões de gênero, de equidade e de feminismo, os chineses ainda estão buscando soluções que se adaptam às circunstâncias chinesas via discussões dentro da China e com a comunidade internacional. Isso pode ser evidenciado pelo fato que não se pode fazer piada relacionada ao sexo com as chinesas, como a participante G relatou.

O estudo do feminismo é um resultado tanto da história da China quanto da interferência ocidental. Porém, o desenvolvimento dos movimentos feministas da China apresenta muito a particularidade sociopolítica chinesa (ANGELOFF, et al., 2012). A identidade feminina estabelece-se com base na realidade chinesa e exibe diferenças epistemológicas e culturais. Numa pesquisa comparativa sobre os jovens universitários brasileiros e chineses, os pesquisadores concluíram, “No universo investigado, as jovens brasileiras e chinesas são mais sensíveis às desigualdades de gênero, indicando a importância das recentes transformações observadas no acesso ao sistema escolar, assegurando maior participação das mulheres” (SPOSITO, et al., 2016, p. 261).

A desigualdade de gênero na China vem sofrendo a cultura patriarcal durante muitas dinastias. O acontecimento de incentivar as mulheres para trabalhar fora de casa e participar na produção social apenas ocorreu na governança do Partido Comunista da China (JI, et al., 2017, p. 767). E o direito de equidade para as mulheres apenas foi escrito pela primeira vez na constituição em 1954 (ANGELOFF, et al., 2012, p. 20). Não obstante, mesmo com o direito de trabalhar, o sistema de salário e benefício ainda não se sincronizam com o dos homens. Horas e horas de trabalho de casa ainda não é reconhecido como trabalho (JI, et al., 2017, p. 773), isso é semelhante com a situação no Brasil (LOPES, 2014).

Entretanto, apesar das heterogeneidades das realidades sino-brasileiras, as observações dos participantes do programa CsF podem oferecer uma oportunidade para os jovens de ambos países a pensar sobre as situações atuais das mulheres e a equidade de gênero. Como a filósofa e feminista argentina María Lugones (1987) aconselhou, podemos utilizar a técnica

de “*world-travelling*” a fim de compreender o mundo de outro, trocar experiência com os outros baseando na empatia, guardar memórias e divulgar o amor. Através da realização de “*world-travelling*”, os alunos podem aproveitar o conhecimento e a experiência para aprofundar sua formação de cidadania global.

Quanto ao relacionamento amoroso, os entrevistados mencionaram que o povo chinês não demonstra muito carinho no espaço público, por exemplo, o que os brasileiros repararam muito foi que os chineses não beijam muito na rua. E um dos participantes até teve experiência de namoro com chinesas. O entrevistado R contou uma situação constrangedora que ocorreu entre ele e as suas namoradas chinesas:

“Para a família chinesa aceitar um estrangeiro, em todos os casos, todas as que eu conheci lá, três meninas chinesas que eu me relacionei assim, a gente namorou um pouquinho. E nenhuma delas, a família delas podiam, só uma delas assim que a mãe dela sabia de mim assim. Que a gente tava namorando. Mas as outras não”.

Não obstante, segundo os outros entrevistados, foi mais frequente de ver brasileiros com namoradas chinesas durante o tempo de intercâmbio do que brasileiras com namorados chineses (G; L; P). Na perspectiva dos brasileiros, a causa desse fenômeno foi a cultura:

“Acho que o chinês ficava meio assustador [com estrangeira]... E a mulher [chinesa] que ela é fechada, tudo bem para homem. Mas na nossa cultura, o homem tem que começar, mostrar o interesse” (L);

“É que a mulher brasileira é diferente da mulher chinesa. Tem costumes diferentes. E a mulher, acho que mais por causa da cultura. Não sei te dizer o porquê. Brasileiro vai em cima até e, sabe. Os guris eles iam mais com essa vontade de ficar, as gurias não queriam. Acho que é por isso, acho que a mulher não, a brasileira não está nem aí. Os guris não, vamos ficar com chinesas e tudo mais, e investem mais” (P).

Vemos que, apesar de que existam diversas diferenças culturais, a sociedade tanto chinesa quanto brasileira impõe uma cultura passiva para as mulheres e encoraja os homens para assumir o comando da iniciativa de namoro. E as vivências desses participantes nos alertam que perante o amor, as mulheres podem e devem aprender tomar a iniciativa por si em vez de aguardar o homem a adotar medidas. Além de barreiras nas relações amorosas, as mulheres, pelo que eu observei aqui no Brasil, ainda carregam muito a manutenção de família nos ombros. Não obstante, na pesquisa cooperativa pelas professoras brasileiras Marília Pontes Sposito e Marilena Nakano junto com a professora universitária chinesa Chen Chen, as autoras argumentaram (2016, p. 236):

As mulheres jovens no Brasil situam a família como muito mais importante do que seus pares, os universitários. Essas diferenças talvez tenham sentido, também, no fato de as mulheres jovens ainda considerarem que o cuidado com seus pais e o seu bem-estar estejam no horizonte de seus valores, com maior intensidade do que os rapazes, exprimindo, ainda, diferenças de gênero nas relações familiares.

Além das convivências com os chineses no cotidiano, a vida universitária também foi um ponto forte nas experiências desses participantes do CsF. Para os brasileiros, os universitários chineses “não viviam” (R), porque “chegavam em casa, ficavam nos livros no caderno, escrevendo, decorando assim, enlouquecidamente” (R). O estilo chinês de estudo para os brasileiros foi “puxado” (P), entretanto, alguns participantes conseguiram aproveitar o jeito diferente de estudo, por exemplo o P adotou a maneira de estudo dos colegas chineses de ficar isolado estudando na biblioteca, segundo ele, “esse é um hábito fascinante”. As estudantes brasileiras relataram mais observações dos perfis e estilos de vida dos estudantes chineses nas universidades: “As pessoas que estavam na universidade na China, eram mais ingênuas, tipo do que as pessoas no Brasil... Meninas da universidade não saem para festa, não comemoram...Pessoal ficava muito no celular dentro da sala de aula” (G); “Os chineses não saem muito” (X); “A vida no dormitório era bem assim limitada assim” (L). O chinês é conhecido pelo mundo pelo seu estilo disciplinar até talvez um pouco quadrado de comportamento e pela sua longa jornada de estudo. Os estudantes universitários chineses na visão dos brasileiros encaixam muito bem nesse modelo de vida comportado.

Além disso, outros pesquisadores que investigaram especificamente sobre as atividades adotadas pelos universitários chineses e brasileiros afirmaram as diferenças nas escolhas de lazer pelos dois grupos de jovens. O diretor do Instituto de Pesquisa de Direito da Juventude e Infância da China do Centro de Pesquisa de Juventude e Infância da China Kaiyuan Guo junto com os seus colegas publicaram um capítulo analisando os valores que os universitários chineses e brasileiros possuem atualmente. Os resultados da pesquisa quantitativa constataram que durante o tempo livre, os brasileiros (60% dos alunos pesquisados) manifestaram mais interesse em sair - viajar, ir a festas, sair para conversar e entre outros (GUO, et al., 2016, p. 245), enquanto mais de metade dos alunos chineses, especialmente os homens escolheram ficar em casa acessando a internet como lazer principal (*ibid*, p. 227). Os autores também examinaram a relação de balancear o tempo para estudo e trabalho dos jovens universitários desses dois países (*ibid*, p. 199):

Na China, o sistema de Ensino Superior parece ser bem menos adaptado à realidade de um jovem trabalhador do que o brasileiro, e por ser mais exigente em termos de carga horária, diminui muito a possibilidade de os universitários chineses compatibilizarem estudo e trabalho, pelo menos os com cargas horárias mais extensas. Considerando todos os estudantes pesquisados, cerca de 92% dos jovens chineses afirmam estudar em turno integral, frente a apenas 23% dos brasileiros. No Brasil, a maior parte dos jovens universitários diz estudar em apenas um turno, especialmente no noturno (40%) e no matutino (35%).

No questionário desta dissertação (no item 1.5) os participantes já responderam sobre a carga horária semanal durante o intercâmbio na China que 50% deles passaram de 25 até 35 horas nas universidades. Além disso, nas entrevistas, os alunos brasileiros também afirmaram que poder estudar na China e aproveitar o tempo livre para realizar atividades que lhe interessam foi uma experiência muito “bacana” (X; L). Porque quando estavam no Brasil, eles sempre precisavam trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Assim, a realização desse intercâmbio auxiliou os participantes a experimentarem um ritmo diferente de vida universitária. Desse jeito, a formação desses alunos inclui um contexto cultural chinês, pelo qual a empatia acontece quando eles conseguem perceber as diferenças e as abraçam.

Ainda nas universidades chinesas, outro fator importante na aprendizagem dos brasileiros foi o professor. Quanto aos professores chineses, os participantes mencionaram principalmente a diferente relação professor-aluno entre a China e o Brasil. Em relação com o dever de casa, os professores chineses normalmente “davam 作业 (ZuoYe, dever de casa) gigantesco” (R), e quando os alunos brasileiros não faziam o trabalho, “ela (a professora) chegava enlouquecida, chegava e discutia, batia a boca, tem que fazer, tem que fazer” (P). No que concerne ao respeito nas relações com professores na China, os participantes relataram muitas diferenças:

“Tipo, então, por exemplo, tinha que pedir para ir no banheiro para, no meio da aula... Uma coisa mais distante do que a gente tem aqui. Não se brinca com o professor” (G);

“Os professores ficavam muito né, achavam tudo muito estranho no corredor os brasileiros se abraçavam... Aqui pelo menos as minhas aulas aqui a gente tem mais como uma troca de, de experiência. E aí lá, é muito professor, fala toda aula o professor né” (X).

Esses exemplos dados apresentaram que varia muito o sistema educacional entre os dois países, desde a dinâmica na aula até a quantidade do dever de casa. Numa sala de aula brasileira, os estudantes podem discutir com professores quando tiverem argumentos, enquanto na China, os estudantes preferem ficar calados e quando tiverem argumentação, precisam levantar a mão e esperar a permissão do professor. A disciplina é um elemento essencial nas classes na China. De um lado, a cultura na sala de aula chinesa demonstra mais respeito para os professores e auxilia a realização da atividade de ensino; de outro lado, restrições e regras rígidas impedem as discussões e a autonomia se desenvolverem.

Uma vez que o ambiente de sala de aula fica desanimado em uma universidade

chinesa, parece que fazer amizade com os colegas chineses se torna um pouco mais difícil para os brasileiros também. Perguntei sobre a situação na sala de aula com os colegas chineses, os participantes mencionaram que quase não tinham laços de amizade e eles deram algumas opiniões sobre a causa disso:

“E com os colegas, eu não tive tipo amigos assim, chineses, bem pouco contato. Mas eu tive contato mas não assim muito profundo, não assim de, que nem eu tenho com os brasileiros aqui... Os interesses são diferentes. Ai a gente não consegue criar um vínculo. Tipo eram visões muito diferentes eu acho de mundo assim, não sei, de assuntos” (G);

“Mas com colegas chineses era mais difícil né. Os meus colegas chineses quase ninguém sentava perto de mim. Se eles tinham medo, ou sei lá, receio de conversar. Ninguém se aproximava muito de ninguém, ninguém sentava muito perto... Eu acho que era o jeito deles, daí, eu respeitei então o espaço deles” (X).

O que seria o jeito dos universitários chineses em relação de fazer amizades? E onde os brasileiros costumam conhecer novos amigos? Algumas respostas podemos encontrar na leitura de outras pesquisas. De acordo com a pesquisa cooperativa das professoras brasileiras Marília Pontes Sposito e Marilena Nakano junto com a professora universitária chinesa Chen Chen, os universitários chineses prestam mais atenção à participação em grupos estudantis dentro da universidade como meio de conhecer amigos, por exemplo, “união de estudantes, bandas de música, grupos de dança, grupos de mesmo interesse (hobbies), uniões de pessoas da mesma origem, encontros de alunos da mesma especialização, do mesmo ano de curso” (SPOSITO, et al., 2016, p. 241).

Além disso, com a ampla utilização da tecnologia, os chineses aproveitam também as redes sociais para aumentar o círculo social dentro desses grupos estudantis (*ibid.*, 2016, p. 241). Entretanto, no Brasil, não é comum encontrar com esse tipo de organização nas universidades, por isso, na pesquisa dessas autoras os brasileiros não o consideram como uma alternativa de desenvolver amizade. No entanto, os brasileiros também possuem certo jeito de conhecer novos amigos que os chineses não se acostumam, por exemplo, “no Brasil, 17,9% das jovens e 12,0% dos jovens fazem amigos na igreja; escolha praticamente inexistente entre os estudantes chineses” (*ibid.*, p. 241). Em relação à religião, os autores chineses Kaiyuan Guo, Shoujian Yang, Chen Chen e Peng Wang (2016, p. 228) demonstraram o resultado da pesquisa:

Há uma nítida diferença ao se tratar da religião. Entre os universitários chineses, somente 14,6% possuem religião. Vale ressaltar que na maior parte a crença é direcionada ao budismo (57,6%), seguido do cristianismo (29%), do islamismo (6,5%) e do taoísmo (2,9%). Já entre os universitários brasileiros, 75,7% deles possuem religião. Dos universitários brasileiros 56,2% são católicos e 17% são protestantes.

Visto que o contexto socioeconômico, histórico e cultural representa muitas diferenças entre o Brasil e a China, os jovens universitários se comportam de jeitos distintos e apresentam sua particularidade aos seus pares estrangeiros. Podemos concluir que ter interesse em comum é um dos fatores mais importantes em fazer amizade para os universitários chineses e brasileiros. Devido à diferença cultural muito ampla, muitas vezes os jovens chineses não se divertem com as diversões que os brasileiros gostam nem adotam mesma estratégia em ação, e vice-versa.

### **3.2 A Vida Sem Fronteiras - depois da China, eu posso me adaptar em qualquer outro lugar**

Ao retornar para o Brasil, uma atitude que os entrevistados mostraram foi que as fronteiras geográficas jamais irão determinar os limites das suas imaginações e dos seus desejos. Com a aprendizagem e a experiência do intercâmbio, os entrevistados conseguiram realizar determinadas atividades direta ou indiretamente relacionadas com a sua experiência, tais como palestras (X; P), artigo publicado (X), aulas de mandarim (G) ou empregos (R; L). Além das atividades já ocorridas, durante a entrevista, foi declarado como um futuro plano comum entre os participantes o desejo de voltar novamente para a China, inclusive dois entrevistados já voltaram para o país oriental nesse tempo pós-CsF. A vontade de sair do Brasil para visitar outros países também foi mencionada como um dos planos futuros nos relatos desses participantes. Além de relatar todas as experiências vivenciadas na China, os entrevistados sintetizaram os seus crescimentos pessoais e criticaram o Programa CsF com base nos problemas encontrados durante a realização do intercâmbio.

Na perspectiva desses participantes, quando relembrou das memórias na China, a experiência de ter passado dois anos em um país geográfica e culturalmente distante foi uma conquista pessoal muito marcante. Os entrevistados citaram vários pontos positivos que surgiram nas suas vidas provenientes dos ganhos obtidos durante o intercâmbio. Em relação ao conhecimento das línguas estrangeiras e à adaptação da cultura chinesa, a experiência favorece o aperfeiçoamento pessoal e profissional desses estudantes. Com uma visão diferente do mundo, os participantes quebraram paradigmas e mostraram amadurecimento na sua forma

de pensar e agir. Segundo os relatos dos entrevistados:

“Essa experiência fora assim foi, como eu disse assim, abriu horizonte assim. Foi fantástico para, para saber que a gente tem mais capacidade para conquistar as coisas, para conseguir as coisas né. Me abriu muito mais alternativas. Ahhh, se, se eu tô cansado do Brasil, não quero mais essa graduação, eu sei que, ahhh, vou fazer tal coisa agora. Acho que o fato de ter uma experiência no exterior já, já te deixou com alguns, algum ponto a frente de outros, que outras pessoas que estão buscando uma vaga por exemplo. E o fato de falar inglês e mandarim, acho que é um ponto mais um ponto positivo, bem importante” (R);

“CsF para mim, tipo foi mais uma experiência de aprender a cultura e a língua do que, do que coisa (curso). Só de aprender mandarim e tipo de conhecer assim, cultura, conhecer o país assim. Foi um crescimento pessoal e eu acho que conta bastante assim para meu currículo. Porque é um diferencial, tipo eu vou saber duas línguas a mais, eu já tive uma vivência tipo, talvez seja mais aberta... Eu vejo a universidade com uma outra maneira assim. Me amadurecei” (G);

“Tem uma perspectiva completamente diferente de viver no mesmo lugar sempre sabe? Tu sabe o quanto tem um mundo para conhecer, quanta coisa tu pode conhecer, e isso de pensar que vou daqui o resto da vida, trabalhando e morando isso para sempre. Não é uma coisa que eu quero mais, entendeu? Tem tanta coisa para conhecer ainda, tanto lugar para, diferente, cultura diferente para conhecer... Tudo tem uma outra visão de, hmmm, de como as coisas acontecem. Então tu não vai mais pensar só do jeito que a gente pensa aqui sabe... A gora se a gente for para qualquer lugar, eu acho que a gente vai se adaptar bem, porque se adaptou a uma das culturas mais diferentes da nossa” (X);

“Venci muitos medos, medo de falar com as pessoas. Até falar com pessoas de outra língua, isso foi um medo que eu perdi. Ir nos lugares e perguntar informação, isso até é a hora de perder um pouco de orgulho né, de não ter aquela vergonha né, de pedir ajuda. Respeitar o outro. De lidar também com a dificuldade que aparecem. Tu não te abala mais tão fácil com as coisas, os problemas que vão aparecendo, tu leva mais de boa... Tu aprende que nem tudo como é preciso ser daquele jeito” (L);

“O intercâmbio contribuiu mais para minha formação pessoal assim, para pessoa que eu sou. O intercâmbio me permitiu viajar. E viajando tu percebe que tem mais flexível para algumas coisas e rígido para outras” (P).

Vemos que, de modo geral, a experiência desse intercâmbio realizado na China pode ser considerada positiva. Vale ressaltar que a aprendizagem dos cursos específicos pesa muito pouco nas avaliações dos participantes, entretanto, a aquisição do mandarim e o conhecimento do inglês, que também foi adquirido na China, contribuem bastante para o currículo profissional desses participantes. Eles apontaram também que o conhecimento dessas línguas secundárias influenciou de forma positiva na busca por emprego. A aprendizagem de língua estrangeira ocupou novamente uma parte importante durante a mobilidade. A pesquisadora Archanjo, que investigou questões relacionadas ao CsF, também afirmou repetidamente que no mercado moderno, a língua é poder (2016, p. 519): “A globalização é um fato e o domínio de uma ou mais línguas estrangeiras é uma competência necessária” (2015, p. 636); e “Línguas, por conseguinte, adquirem valores de mercado, para além de seu valor como um bem cultural” (2016, p. 517).

Ao se aproximar da cultura chinesa, a vivência distante do Brasil permitiu aos participantes obterem uma visão mais ampla do mundo, da academia e do mercado de trabalho, ofereceu um espaço-tempo para os estudantes construírem sua própria formação pessoal com base nos conhecimentos sobre diferenças culturais, relacionamentos interpessoais, línguas estrangeiras, organizações financeiras e autodisciplina, permitindo que os entrevistados buscassem independência, respeito e maturidade. Isso coincide com os relatos evidenciados nas outras pesquisas de seus pares brasileiros que realizaram intercâmbios em diversos países do exterior (GUSKUMA, et al, 2016, p. 990; PEREIRA, 2013, p. 95; CARVALHO, 2015, p. 65; LAGE, 2015, P. 120).

Tanto na avaliação dos entrevistados dessa dissertação quanto na avaliação dos bolsistas das outras pesquisas, em sua grande maioria, a experiência dos participantes do Programa CsF foi positiva e satisfatória. No entanto, os estudantes brasileiros revelaram certas falhas em diversos aspectos do Programa. Os pontos mais mencionados foram a desorganização do próprio programa, a falta de comunicação entre o governo brasileiro e as IES chinesas, a ausência de oportunidade de estágio, o despreparo da recepção da universidade chinesa, o aproveitamento dos créditos cursados na China nas instituições brasileiras e a mal divulgação de informações sobre o país destinatário:

“Porque eles [IES chinesa] têm os programas para receber o pessoal para fazer universidade inteira lá né. E como a gente chegou e a gente só ia fazer um, um período, tipo eles não tinham um programa como se fosse para nós. Então a gente não tinha matérias. Tipo a gente teve que pegar matérias da metade do nosso curso sendo que nosso mandarim não era para esse nível. Aí nesse sentido foi, eles não, eu acho que ahh, como é que é, o contato, entre pessoal que organizava CsF que, CsF aqui e a universidade de lá... Aí, ahh, daí a gente precisava tipo dum, um comprovante das matérias que a gente fez lá. Aí eles não sabiam dizer o que, tipo eles não entendiam o que é que a gente precisava assim. Tipo o que a gente ia trazer para cá para comprovar o que a gente fez. Aí a gente teve que fazer à mão, tipo um em chinês, outro em inglês. A gente mesmo teve que fazer. Porque, porque eles não sabiam que que a gente queria, aí eu fiz um em inglês, e aí uma guria que estudava comigo em chinês meio que traduziu, acho que foi, não lembro direito assim. E eles só assinaram assim, tipo, mas, daí se resolveu meio dessa forma. E chegando aqui, o pessoal até aceitou. Eu estava com medo mas, mas não era uma coisa assim que a universidade dava assim... Porque tipo a gente tinha que fazer como se fosse um estágio. A maioria dos brasileiros que foram para os EUA tinham programa que depois eles ficavam mais quatro meses acho que só para fazer o estágio para empresas assim, coisas assim. Eu lembrei que a gente foi falar com coordenador lá da universidade, ele falou ahh, isso não tem aqui. Tipo não tem” (G);

“As universidades nem sabiam como receber a gente sabe. Aí chegaram os brasileiros que iam ficar só um tempo e aí não tinham muitas, acho que a gente poderia ter aproveitado muito mais a questão profissional se tivesse uma organização maior sabe... Eu acho, o único problema do programa foi essa, desorganização, assim. Porque ninguém nunca tinha ido. A gente foi na primeira chamada. Então eu acho que isso poderia ter sido mais organizado, talvez tivesse mais relação com as universidades da China né, com o segundo ano. Porque o primeiro ano funcionou super bem... Eu acho que poderia melhorar isso, das

parcerias com as universidades sabe, dos professores saberem para que os brasileiros estão indo. Acho que agora não tem mais chamada né. Acho que isso seria importante e programar já estágios para as pessoas sabe. Estágios ou bolsa de pesquisa” (X);

“Eu acho que a gente foi os primeiros que fomos né. Tava pouco desorganizado. Eu acho que o primeiro ano de chinês foi bom. Mas no segundo ano, foi desorganizado. Porque a gente queria fazer estágio, não tinha uma parceria de estágio... Não entendiam o nosso problema. Então, eles tinham planejado para quem vai fazer toda a faculdade, não intercambistas... Fazer algum estágio numa empresa chinesa, acho que isso ia aproximar muito mais sabe” (L);

“Na época que eu fui, a minha sensação que eu tive, é que muita coisa que a CAPES pedia era desnecessário, tipo agora, pensei em mandar um comprovante de que não saí do país durante os dois anos, tipo eu não saí do país durante esses dois anos. Não tem, eu tenho que ir para polícia federal e ver isso. E o que me deu uma experiência do tipo foi que a CAPES foi muito desorganizada em mandar os alunos para lá, sem estudar, ver o que a gente estudar, de repente eles podiam, ah vão estudar isso, isso, isso, isso, assim, assim, assim. E entrar em acordo definitivo com as faculdades. Quem entrou em contato com as faculdades, querido, fomos nós. Nós não, é assim, é assim, daí depois disso, o governo vinha, a CAPES vinha, e falaram não, é isso mesmo. Que eu senti foi que nessa chamada foi muita falta de organização. Em outros países era mais organizado. Ali, a gente teve um problema de organização bem nítido. Tanto que mudou muito depois na outra chamada, foi muito diferente do que para nós. Por vários problemas que nós tivemos né. Mas é um programa bom, é um programa bom, só, é meio mal organizado, algumas, alguns quesitos, mas é um programa muito bom” (P).

É possível notar que as reclamações concentram-se em torno da questão de organização do Programa CsF e da comunicação entre o Brasil e a China - tanto do governo brasileiro quanto das IES de origem com a universidade de destino. Vários autores que investigaram sobre o Programa CsF já apontaram problemas parecidos com os citados acima (CARVALHO, 2015; LAGE, 2015; PEREIRA, 2013).

Quanto às oportunidades de participação nas pesquisas da graduação na China, um bom exemplo brasileiro que as universidades chinesas podem aprender é a Iniciação Científica (IC). A IC inclui diversos programas no Ensino Médio e no Ensino Superior que incentivam os jovens a participarem nos estudos e pesquisas que abrangem distintas áreas acadêmicas, desse modo, eles adquirem conhecimentos, aprendem realizar pesquisas e familiarizam com a carreira de um cientista, professor ou pesquisador. Três entrevistadas da presente pesquisa tiveram experiência de participação na Iniciação Científica na faculdade no Brasil. Portanto na minha experiência acadêmica na China, não existe um programa parecido com a IC que põe importância na inclusão científica dos estudantes nacionalmente. Durante os quatro anos de graduação, eu tive muito pouca experiência com a pesquisa científica e durante os estudos de mestrado não consegui me aproximar rápido. Entretanto muitos colegas brasileiros de mestrado já possuem bom conhecimento para se adaptarem facilmente com base nas

aprendizagens anteriores de IC. A realização de pesquisa científica em universidades chinesas, na sua grande maioria, acontece no nível de pós-graduação, como a entrevistada G relatou:

Eu lembrei que a gente foi falar com coordenador lá da universidade. Ele falou ahh, isso não tem aqui. Tipo não tem. Eu falei ahh mas algum professor que faça alguma pesquisa ou alguma coisa. Ele falou não, isso tem mas é só para quem faz mestrado.

Os entrevistados lamentaram o fato de não poderem aproveitar mais profundamente a oportunidade de inserir-se no mercado de trabalho enquanto estavam na China. Na visão desses participantes, muitos problemas encontrados durante o intercâmbio poderiam ter sido evitados ou diminuídos caso houvesse uma organização mais personalizada para os estudantes brasileiros em especial e uma comunicação mais eficaz entre os dois países e as suas instituições do Ensino Superior. Para os participantes que escolheram realizar seu intercâmbio na China, não foi exigida a proficiência da língua - o mandarim antes de sair do Brasil, diferente dos casos encontrados nos países de língua inglesa, francesa e espanhola, em que os estudantes foram obrigados a mostrar certo nível de conhecimento sobre o país destinatário e sua língua na seleção. Nesse sentido, para enviar brasileiros para um país como a China, que possui uma cultura bastante distinta e uma língua considerada difícil de aprender, o Programa CsF poderia oferecer algum curso preparatório ou livreto de apresentação do país destinatário sobre a cultura, a alimentação, os seus hábitos e costumes, as instituições de ensino e demais informações, ao invés de deixar os estudantes saírem sem nenhum conhecimento ou preparação adequada. Um exemplo disso pode ser dado pela reclamação relatada por uma das participantes, depois da entrada inesperada do proprietário no seu apartamento alugado sem pedir permissão:

“A embaixada deveria acho que dar mais acesso, tipo mais suporte para, acho que, é embaixada assim, que deveria tipo ahh, aqui, as coisas funcionam desse jeito. Lá no Brasil vocês estão acostumados assim mas aqui funciona desse jeito mas vocês têm nosso suporte tipo acho que essa coisa assim. Poderia ter mais assim, nesse sentido, para a gente entender melhor né” (G).

Seja a embaixada, seja os outros órgãos responsáveis pelo Programa CsF, disponibilizar informações principais para os participantes é uma maneira de os auxiliar a aproveitar melhor o intercâmbio. Ao preparar tais livretos, além de dar um apoio crucial para os estudantes, as agências financiadoras também podem conhecer melhor os países destinatários e suas IES.

Contudo, um programa de grande investimento e uma meta ambiciosa como o CsF, as reflexões são necessárias a fim de aperfeiçoar o Programa e estabelecer exemplos para os

futuros projetos potenciais.

Destaca-se que durante um período curto, o CsF implementou 92.880 bolsas<sup>58</sup> de todas as modalidades até 2016 quando o Programa entrou em suspensão. Sem experiência prévia no envio de tantos estudantes brasileiros para o mundo inteiro, é possível notar que existiram falhas de organização e de comunicação entre o governo brasileiro e os estudantes, bem como com as IES do exterior. Ao longo desses dois anos de intercâmbio na China, não houve nenhum processo de acompanhamento por parte do governo do Brasil para com os estudantes brasileiros.

Em sua dissertação, a pesquisadora Claudiane Carvalho (2015, p. 66) apontou diversos pontos negativos do CsF, além daqueles que foram relatados pelos próprios participantes que foram para China. Ressaltam-se a “falta de clareza nos procedimentos a serem adotados pelo aluno no decorrer do programa e no processo de escolha da universidade de destino” e a “dificuldade na realização de pesquisas e projetos no exterior bem como publicações”. Já a professora Archanjo (2016, p. 536) criticou a exclusão de diversos cursos não relacionados com as ciências exatas e da saúde, “privilegiar um determinado público que já tem prioritariamente acesso a essas áreas mais prestigiadas e, portanto, mais concorridas da formação universitária”. Não apenas a parte brasileira, mas também a parceria estrangeira foi criticada por falta de preparação de recepção adequada, método de ensino e atendimento ineficiente pelos os estudantes brasileiros (PEREIRA, 2013, p. 93; CARVALHO, 2015, p. 65). Uma outra preocupação que surgiu na pesquisa da Vânia Pereira foi a possibilidade da divulgação dos seus conhecimentos adquiridos na volta para o Brasil e da contribuição para o Ensino Superior brasileiro (PEREIRA, 2013, p. 95).

Mesmo com muitas imperfeições, vale ressaltar que o CsF foi um programa que proporcionou uma oportunidade excelente de ampliar a visão de mundo dos estudantes universitários brasileiros e deixou muitas influências positivas para o Ensino Superior do Brasil, assim como, em certa medida, para o desenvolvimento da equidade na sociedade brasileira. Como os entrevistados afirmaram, o intercâmbio enriqueceu a sua formação pessoal e profissional. De acordo com os dados do CsF, vimos que entre todas as bolsas

---

<sup>58</sup> Dados encontrados no do CsF, disponível em: <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle> >. Acesso em 17/12/2017.

implementadas, cerca de 43,8%<sup>59</sup> foram concedidas para as mulheres. O resultado implicou que essa política brasileira de mobilidade acadêmica prestou certa importância para as questões de equidade de gênero dentro da realidade brasileira.

A continuidade de programas de mobilidade como o CsF é de extrema relevância para a carreira futura de mulheres que atuam em áreas do conhecimento tradicionalmente “masculinas”, e a interrupção de programas de escopo e porte do CsF pode acarretar em distorções nas carreiras de mulheres ao longo de suas trajetórias profissionais (FELTRIN, et al., 2016, p. 32).

No Brasil ainda existe um preconceito muito forte contra as mulheres. Cada vez mais mulheres estão recebendo educação superior e entrando no mercado de trabalho, porém, “ainda recebem menos do que os homens para desempenhar as mesmas atividades e estão mais sujeitas a trabalhos com menor remuneração e condições mais precárias”<sup>60</sup>. Caso uma experiência como o intercâmbio do CsF possa interromper a continuidade da desigualdade de gênero, o Programa já contribuirá para o avanço da sociedade brasileira.

Em relação aos planos para o futuro, os entrevistados manifestaram vontade de visitar a China e muitos querem tentar fazer mestrado ou conseguir um emprego na China ou até em outros países. Nas falas desses participantes, embora todos tenham grandes sonhos, vale destacar também que eles possuem uma consciência muito forte de que a prioridade agora é terminar a graduação.

O Programa Ciência sem Fronteiras realmente auxiliou esses entrevistados a perderem seus medos e a amadurecerem ao longo do intercâmbio. Eles estão dispostos a explorar o mundo de acordo com seus desejos e sonhos. Devido à experiência do CsF, os limites geográficos e as fraquezas psicológicas tornaram-se um incentivo ao invés de medo para realizar os seus objetivos. Os demais autores também confirmaram a influência positiva do CsF. “A experiência de passar algum tempo em um país diferente do seu, em contato com culturas diversas, sendo impulsionado a se adaptar a uma nova realidade, certamente contribui para o amadurecimento do aluno, tornando mais aguçada sua visão de mundo, bem como de sua realidade” (LAGE, 2015, p. 120). “Espera-se que o compartilhamento dessa vivência sirva de encorajamento para aqueles que buscam novos horizontes, com o objetivo de agregar conhecimentos para a vida pessoal e profissional” (GUSKUMA, et al, 2016, p. 990).

---

<sup>59</sup> Percentagem calculada pela autora dessa dissertação com base nos números de bolsas implementadas e de distribuição das mesmas para homens e mulheres encontrados no site do CsF, disponível em: < <http://www.cienciasemfronteiras.gov.br/web/csf/painel-de-controle>>, acesso em 23/12/2017.

<sup>60</sup> Informação extraído no site do governo brasileiro, disponível em: < <http://www.brasil.gov.br/economia-e-emprego/2016/03/mulheres-sao-maioria-em-universidades-e-cursos-de-qualificacao>>, acesso em 23/12/2017.

Na perspectiva dos participantes, apesar de seus muitos defeitos, o Programa CsF contribuiu bastante para a formação de estudantes brasileiros, tanto na formação pessoal quanto na formação profissional. Podemos esperar que dentre todos os participantes do CsF, muitos poderão aproveitar a experiência e a utilizar para realizar suas metas de vida no futuro. E esperamos que as ações e atitudes desses estudantes possam também contribuir para a construção e formação da cidadania dos estudantes universitários brasileiros.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação teve como ponto de partida a pergunta geral: Quais são as experiências de intercâmbio de estudantes universitários do Rio Grande do Sul em suas estadas na China via Programa Ciência sem Fronteiras na formação da cidadania global? Ao longo dessa pesquisa, me aproximei dos bolsistas gaúchos, principalmente dos que responderam ao questionário e daqueles que receberam entrevistas. Escutei-os e discutimos nossas experiências e opiniões com base nas vivências nesses dois países - o Brasil e a China.

No decorrer dessa dissertação, narrei experiências de intercâmbio na China que os participantes compartilharam comigo a fim de demonstrar as vivências e responder à pergunta geral da pesquisa. Com o objetivo de analisar mais profundamente as experiências formadoras, elaborei também perguntas específicas que se desdobraram com base na pergunta geral.

Em relação a essas perguntas, vemos que as respostas desses participantes apresentam muita similaridade mesmo com características pessoais distintas. Quanto à razão de escolher a China como país destinatário<sup>61</sup>, a maioria apontou que a escolha foi por causa da curiosidade e do interesse pela cultura chinesa, da possibilidade da aprendizagem do mandarim e da expectativa de se distinguir profissional e/ou academicamente mediante a experiência de ter vivido na China.

No que diz respeito à experiência no país destinatário, percebemos que de modo geral, o *feedback* foi bem positivo. De acordo com os participantes, todas as aprendizagens contribuíram para o desenvolvimento da maturidade, da independência e da própria formação pessoal e profissional. Entretanto, ao longo da estada de dois anos na China, além de aprendizagem e conquista, surgiram dificuldades, problemas e obstáculos. A maior parte dos problemas narrados tinham relação direta com a língua e o estilo de vida. Contudo, com o amadurecimento pessoal e a solidariedade dos chineses encontrados e os amigos internacionais, todos os participantes concluíram o intercâmbio sem desistência.

Além disso, de volta ao Brasil, todos os entrevistados desenvolveram certas atividades relacionadas com a experiência de intercâmbio. E a maioria dos participantes que responderam ao questionário, declararam que continuam em contato com pessoal na China.

---

<sup>61</sup> As respostas dos participantes foram recebidas pelo questionário, exibidas em detalhes no item 1.5.2 dessa dissertação.

Quanto às atividades dos entrevistados, o ato de compartilhar seus conhecimentos e suas aprendizagens nas práticas escolares ou profissionais, tais como palestras ou empregos, em certa medida contribuiu para a divulgação do seu aprendizado para as outras pessoas. De acordo com os relatos desses entrevistados, é possível perceber as transformações na sua visão do mundo e nas suas perspectivas sobre si a partir dessa experiência de intercâmbio. Perante o mundo globalizado, venceram muitos medos e desenvolveram autoconfiança. Isso contribuiu para a sua formação pessoal em muitos aspectos.

Os dados da pesquisa evidenciaram que nas perspectivas desses participantes universitários do Rio Grande do Sul, as experiências de intercâmbio foram diversas e de modo geral positivas. Realizar um intercâmbio não é a única maneira de complementar a formação de cidadania global para estudantes universitários. Entretanto, durante um programa de intercâmbio, a aprendizagem de comunicação intercultural via línguas estrangeiras, o respeito à diversidade e aos outros, a subjetividade e o engajamento social e entre outros com certeza contribuíram para a aquisição de competências globais que orientarão os universitários a se adaptarem ao mundo globalizado. E uma experiência de mobilidade acadêmica como essa dos participantes do CsF na China, adicionou um ponto forte nos seus currículos por apresentar os seus potenciais de enfrentar mudanças e desafios.

É preciso destacar que, no contexto político do Brasil, a mobilidade acadêmica ainda constitui-se como elemento principal da concepção de internacionalização do Ensino Superior. No entanto, segundo as circunstâncias econômicas da maioria das famílias dos graduandos, a população que consegue sustentar a realização de um intercâmbio no exterior ainda é minoria. Poucas IES brasileiras possuem condições e recursos para executar programas de intercâmbio de excelência. Por esse ângulo, o referido Programa possibilitou que uma grande escala de estudantes universitários brasileiros realizassem intercâmbios que beneficiou a formação dos estudantes, bem como contribuiu para a internacionalização do Ensino Superior do país financiador dessa experiência. Não obstante, o desenvolvimento da internacionalização da educação brasileira ainda necessita de uma inclusão maior dos participantes, o que exige uma forma mais acessível para os estudantes sem condições financeiras para mobilidade acadêmica. Assim, essas circunstâncias indicam que a hipótese de promover a internacionalização em casa pode auxiliar na expansão da internacionalização do Ensino Superior no Brasil. Assim que o processo de internacionalização ocorrer dentro do

país, a inclusão de mais participantes - estudantes, professores e pesquisadores domésticos e estrangeiros - pode contribuir para o desenvolvimento acadêmico e cultural no Brasil.

No que diz respeito sobre a aprendizagem de línguas e cursos, os participantes indicaram a dificuldade de aprender o mandarim, o quão foi difícil participar nas aulas dos próprios cursos em uma universidade chinesa, entretanto, como a conquista linguística facilitou sua vivência cotidiana na China e como a competência linguística se destacou no seu currículo no momento presente. E a aquisição do inglês também foi um ponto forte nos relatos, pois, considerando o papel do inglês como língua franca, a experiência da aprendizagem do inglês foi muito vantajosa para os participantes. Embora exista pouca contribuição do conhecimento específico do seu curso de graduação por causa da barreira linguística e/ou do planejamento do currículo da universidade, a troca de estilo do estudo e de diferente conteúdo enriqueceu a compreensão desses participantes sobre o próprio curso. Como apontado por eles, depois do intercâmbio, foi possível perceber que as coisas podem funcionar de outro jeito e o mundo pode ser visto de diferentes ângulos.

O fato de passar na prova de proficiência de mandarim aumentou bastante a sua autoconfiança pois ele é considerado como uma das línguas mais difíceis de aprender. Além da experiência de enfrentar os desafios encontrados durante o intercâmbio e (se virar sozinho) no país destinatário, esses dois anos testemunharam o amadurecimento e o crescimento desses jovens brasileiros na sua dependência pessoal e na sua visão de mundo. Falar mais línguas não apenas acrescenta a competência linguística, como também amplia o horizonte e introduz os diversos mundos para os estudantes.

Quanto à aproximação e à adaptação dos estudantes brasileiros à cultura chinesa, os participantes demonstraram a sua coragem e capacidade de enfrentar as diversas diferenças culturais, desde a comida, o estilo de vida até o tratamento de relações interpessoais. Antes de partir, a China era uma terra distante e estranha, depois de voltar, os participantes se sentiram brasileiros um pouco chineses. O contato com as pessoas na China e a tentativa de se assimilar com a cultura milenar os beneficiaram em diversos aspectos. Eles descobriram um lado da China que nunca havia sido descrito no Brasil, tais como novas plataformas de compras, novos jeitos de se locomover na cidade, diferentes restrições sobre o acesso à internet, entre outros. É empolgante descobrir cada vez mais sobre esse lugar desconhecido e sobre as suas habilidades desenvolvidas ao longo do tempo. É bom ver que ninguém se

rendeu e desistiu do intercâmbio mesmo afrontando obstáculos e momentos de vulnerabilidade. A compreensão acontece quando os jovens percebem a diversidade e a abraçam. Os medos enfrentados e as habilidades desenvolvidas certamente ajudarão esses participantes a se adaptarem para as outras circunstâncias que se aproximam no futuro.

Em relação à visão dos estudantes brasileiros sobre os chineses, me surpreendi ao ver como as suas observações advindas de ângulos diferentes desenharam os retratos vívidos do povo chinês. Tanto as qualidades apreciadas dos chineses, quanto os pontos que na perspectiva dos brasileiros são questionáveis, complementaram as imagens reais dos chineses: eles sempre estão disponíveis para ajudar os participantes; ficam com muitas curiosidades; se dedicam ao estudo até parecem demais exigentes; são muito respeitosos e receptivos em geral; ficam envergonhados com piadas; assumem que todos os estrangeiros falam inglês; não têm muito contato físico nem se abraçam ou beijam em público; não saem para festas. As convivências dos estudantes brasileiros com os chineses que cruzaram os caminhos nas suas vidas durante a estada na China construíram uma imagem viva desse povo oriental para os entrevistados. Os preconceitos vêm, muitas vezes, devido ao desconhecimento. A enorme distância acrescenta uma visão misteriosa sobre a China para os brasileiros e vice-versa. Devido à experiência de intercâmbio, os estudantes obtiveram mais conhecimento sobre os chineses e entenderam a complexidade desse povo que vai muito além dos preconceitos ouvidos no Brasil.

No que tange aos planos futuros, a autoconfiança e a ambição desses entrevistados sobre os seus objetivos e sonhos demonstraram a influência positiva desse intercâmbio. Para esses jovens brasileiros, a experiência de dois anos na China possibilitou ampliar seus horizontes, acelerar o crescimento pessoal, aprofundar o seu autoconhecimento, vencer medos e aperfeiçoar a formação de cidadania global. Foi um prazer conhecer as trajetórias e escutar os seus planejamentos futuros a fim de aprimorar sua vida acadêmica e profissional e de contribuir para seu país com os aprendizados adquiridos. Embora o Programa CsF teve certos defeitos, tais como a falta de organização e de comunicação eficiente com as IES do país destinatário, o referido Programa enriqueceu a formação desses participantes brasileiros em diversos aspectos. E a troca de estudantes universitários entre o Brasil e a China pode acrescentar as cooperações socioeconômicas, políticas e culturais em virtude de formação dos cidadãos brasileiros que conheçam a cultura chinesa, falem o mandarim e possuam

competências em lidar com os acontecimentos. Ao mesmo tempo, isso pode incentivar a China a ampliar o seu investimento em intercâmbios com as IES brasileiras e demais áreas relevantes.

A presente pesquisa visou demonstrar as experiências dos participantes oriundos do Rio Grande do Sul que realizaram intercâmbio na China via Programa CsF, com intuito de avaliar com os estudantes universitários as suas experiências que contribuíram para a cidadania global e, para auxiliar futuramente na avaliação e na pesquisa de programas de mobilidade acadêmica. Um programa de intercâmbio como o CsF que envolveu uma quantidade grande de estudantes, IES e investimento do Brasil sem história prévia e atingiu um amplo leque de IES no mundo inteiro, possibilita refletir cuidadosamente suas conquistas e seus defeitos. Assim, se espera que o investimento público gere estímulos e contribua para o desenvolvimento do país financiador.

Além disso, ao conhecer a China sob os ângulos dos participantes brasileiros, a presente pesquisa serviu como uma abertura para discussões e explorações sobre as relações sino-brasileiras. A valorização de políticas públicas como o CsF pode também favorecer o entendimento mútuo a respeito das diferenças culturais, a promoção de uma comunicação mais frequente entre os dois países e o incentivo de mais cooperações em diversos setores. Tanto o Brasil quanto a China podem elaborar mais projetos a partir da experiência do referido programa e promover relações estratégicas. Por exemplo, em Porto Alegre recém foi aberta uma unidade da Câmara Brasil-China em razão de atendimento e de acentuada demanda por negócios<sup>62</sup>. É preciso cada vez mais o suporte de intelectuais que participem na construção de cooperações sino-brasileiras. E esses estudantes brasileiros que já viveram na China e obtiveram conhecimento sobre o país oriental podem contribuir para esse processo de desenvolvimento.

Tendo em consideração as possíveis influências descritas anteriormente, a realização dessa dissertação contribuiu além da minha aprendizagem da língua portuguesa e da cultura brasileira, no meu entendimento dos universitários brasileiros e do Brasil. Essa jornada também forneceu uma oportunidade para olhar a experiência de mobilidade acadêmica com uma visão diferente e possibilitou o meu crescimento pessoal e a minha formação da

---

<sup>62</sup> Informação distraída no site de GaúchaZH, disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/marta-sfredo/noticia/2017/12/camara-brasil-china-abre-unidade-em-porto-alegre-cjbp8kndn03jp01p97iyрма01.html>>. Acesso em 07/01/2018.

cidadania global. Através dessa pesquisa, revivi as memórias da minha terra natal segundo os relatos dos participantes, descobri algumas características dos jovens brasileiros e certos pontos de vista que eu não tinha percebido e refleti sobre vários acontecimentos da China junto com os participantes. Depois de dois anos de vivência no Brasil, eu experienciei sentimentos parecidos com os dos estudantes brasileiros de que não sou mais somente chinesa, pois me sinto um pouco brasileira também. Hoje consigo demonstrar mais paciência e empatia para as pessoas que não me conhecem e sinto menos ansiedade quando me encontro em lugares em que não tenho familiaridade, pois essa experiência de intercâmbio me desafiou e me convenceu de que nem o céu é o limite - como os chineses sempre incentivam as pessoas a sonhar grande que nem o céu impede realizar o sonho. As fronteiras geográficas podem parecer assustadoras, entretanto, elas nos amadurecem mostrando a diversidade e provocando o desenvolvimento das nossas competências. Acredito que ao retornar à China, os meus aprendizados contribuirão bastante em apresentar um Brasil mais vívido e complexo para o meu povo e realizar atividades que possibilitem a construção das relações sino-brasileiras..

Devido à barreira linguística, levo em consideração que o português é minha terceira língua que adquiri na faculdade, muitas vezes as expressões escritas em português podem parecer estranhas e esquisitas, que demonstram que eu ainda não passo as informações e sentimentos do jeito mais fiel para os leitores e leitoras nativas. Além disso, em relação ao contato com os trinta e seis participantes, vinte que responderam o questionário e que, por causa das longas distâncias dentro do estado do Rio Grande do Sul e da escassez das informações e também da disposição dos bolsistas do CsF que foram para China, não consegui entrar em contato com todos pessoalmente. E, em virtude do tempo curto de mestrado e do investimento financeiro limitado, apenas executei quatro entrevistas.

Esse trabalho representa a minha trajetória de aprendizagem acadêmica numa instituição brasileira, e apesar de tudo que vivenciei e aprendi nessa jornada, ainda preciso aprimorar meus conhecimentos e minhas competências para que eu consiga refletir com mais profundidade sobre os temas relacionados e possa melhor atingir meus objetivos. E, diferente da minha experiência, que obtive preparação para com a língua português por quatro anos, esses intercambistas voltaram depois de dois anos da China falando duas línguas - o mandarim e o inglês. E antes de ir para China, o nível de inglês era baixíssimo e o conhecimento da língua chinesa inexistente. Desse modo é possível afirmar que os

participantes do CsF, se beneficiaram com a oportunidade da aprendizagem das línguas estrangeiras. Esse talvez seja um elemento linguístico bastante curioso a ser mais estudado. Assim como é possível afirmar que, segundo a percepção dos intercambistas brasileiros na China, a língua inglesa para os chineses como língua franca está ligada intimamente com a busca da cidadania global. Esse aspecto da inclusão de outra língua entendida como língua de comunicação também ainda é um tema pouco debatido nas propostas de ensino da língua no Brasil e pode ainda ser muito explorado como tema de pesquisa.

E, finalmente, ao adotar alguns aspectos da teoria do sociólogo Zygmunt Bauman sobre o conceito de uma “modernidade líquida”, a globalização intensifica as transformações nas relações humanas. O mundo está em constante movimento e em ininterrupta mudança, por conseguinte, os jovens que são capazes de se adaptar ao ambiente novo e ao mesmo tempo manter suas qualidades originais possuem mais competências nesse mundo de fluidez. Percebo que as várias definições de identidade, de diversidade da cultura e da educação estão realmente conectadas com todos os âmbitos da sociedade. Essa é uma formação dos cidadãos globais e eu me incluo nessa experiência. A formação de cidadania global é uma aprendizagem que os jovens universitários brasileiros tiveram com a vida política, econômica e social da China. Busquei relacionar o desenvolvimento da internacionalização da educação superior com autores que analisam a mesma no contexto sino-brasileiro e global. Talvez o que o CsF como um Programa de mobilidade acadêmica não possui é justamente esse retorno que pode ser concretizado com as pesquisas de mestrado e doutorado, como essa que finaliza e outras que encontrei nos diálogos acadêmicos ao longo desse mestrado.

## 5 REFERÊNCIAS

AGUIAR, Vilma. Um balanço das políticas do governo Lula para a Educação Superior: continuidade e ruptura. **Revista Sociologia e Política**, Curitiba, v. 24, n. 57, p. 113-126, mar. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v24n57/0104-4478-rsocp-24-57-0113.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2017.

ALMEIDA, Simone Maranhão Costa. A internacionalização da Educação Superior e suas muitas fronteiras. In: XXI JORNADA DO HISTEDBR E X SEMINÁRIO DE DEZEMBRO, dez. de 2014, Caxias, Maranhão. **Anais**, p. 494-506. Disponível em: <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada12/artigos/2/artigo\\_eixo2\\_319\\_1410835389.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada12/artigos/2/artigo_eixo2_319_1410835389.pdf)>. Acesso em: 16 mar. 2017.

ALTBACH, Philip. G.; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **Journal of Studies in International Education**. v. 11, n. 3-4, p. 290-305, Sept. 2007. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez94.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1028315307303542>>. Acesso em: 25 jun. 2016

ANGELOFF, Tania. et al. Equality, Did You Say? Chinese feminism after 30 years of reforms. **China Perspectives**, n. 4, p. 17-24, 2012.

ARCHANJO, Renata. Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência sem Fronteiras. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 15, n. 3, p. 621-656, jul./set., 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v15n3/1984-6398-rbla-15-03-00621.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Saberes sem Fronteiras: Políticas para as migrações Pós-modernas. **DELTA**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 515-541, mai./ago., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/delta/v32n2/1678-460X-delta-32-02-00515.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012. 325 p.

\_\_\_\_\_. **Globalization: The Human Consequences**. Cambridge: Polity Press, 1998. 136 p.

\_\_\_\_\_. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005. 110 p.

\_\_\_\_\_. **Modernidade líquida**. Tradução de: Plinior Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 258 p.

\_\_\_\_\_. **The individualized society**. Cambridge: Polity Press, 2001. 259 p.

BIDO, Maria Cláudia Fogaça. **Ciência com Fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos**. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Educacional) -

Faculdade de Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2015.

BORGES, Rovênia, Amorim. **Mérito? Gênero, raça e classe no Ciência sem Fronteiras: impactos na língua inglesa.** 2015. 215 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BRASIL, Conselho Nacional de Saúde. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. **DOU** nº 98, seção 1, p. 44-46, 24 de maio de 2016. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>>. Acesso em 23 nov. 2016.

CAPES. <http://www.capes.gov.br/component/content/article/36-salaimprensa/noticias/8052-programa-ciencia-sem-fronteiras-tera-novo-foco-com-objetivo-de-beneficiar-alunos-mais-pobres>

CARVALHO, Claudiane Silva. **Programa Ciência sem Fronteiras na UFV - campus de Rio Paranaíba: êxitos e desafios.** 2015. 123 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão e Avaliação da Educação Pública) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2015.

CARVALHO, Fernando J. Cardim de. É "isso"? O esboço de uma teoria de depressões. Is this 'it'? An outline of a theory of depressions. **Revista de Economia Política**, São Paulo, v. 36, n. 3, p. 451-469, July/Sept. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rep/v36n3/1809-4538-rep-36-03-00451.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

CASTRO, Alda Araújo; NETO, Antônio Cabral. O Ensino Superior: a mobilidade estudantil como estratégia de internacionalização na América Latina. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v. 21, n. 21, p. 69-96, out. 2012. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/rleducacao/article/view/3082>>. Acesso em 18 ago. 2016

CHANG, Jung. **Cisnes Selvagens: Três Filhas da China.** Tradução de: Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia de Letras, 1995. 485 p.

CHAVES, Gerlia Maria Nogueira. **As bolsas de graduação-sanduíche do Programa ciência sem fronteiras: uma análise de suas implicações educacionais.** 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2015.

CORACINI, Maria José. Entre adquirir e aprender uma língua: subjetividade e polifonia. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 4-24, Ago./Dez., 2014.

COSTA, Noelia Cantarino da. **Internacionalização da Educação Superior e o Programa Ciência Sem Fronteiras: um estudo na Universidade Federal Fluminense.** 2014. 164 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

CUNHA, Dileine Amaral da; ROCHA NETO, Ivan. A importância do Programa Ciência sem Fronteiras: o estudo do caso australiano, primeiros resultados e recomendações. **Revista**

**Brasileira de Pós-Graduação**, Brasília, v. 13, n. 30, p. 131-161, jan./abr. 2016. Disponível em: <<http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/view/955/pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

EDITORIAL. O contexto político e a educação nacional. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 37, n. 135, p. 329-334, abr.-jun. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v37n135/1678-4626-es-37-135-00329.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

EDITORIAL. Tempos de desconstrução e resistência. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 37, n. 136, p. 591-597, jul.-set. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v37n136/1678-4626-es-37-136-00591.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

FELTRIN, Rebeca Buzzo. et al. Mulheres sem fronteiras? Uma análise da participação das mulheres no Programa Ciência sem Fronteiras da Unicamp: motivações, desafios e impactos na trajetória profissional. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 48, dez., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n48/1809-4449-cpa-18094449201600480004.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

FERRARI, Mari. A internacionalização dos institutos federais: um estudo sobre o acordo Brasil-Canadá. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 36, n. 133, p. 1003-1019, out.-dez., 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-01003.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

FONG, Vanessa L. Only Hope : coming of age under China's one-child policy. Stanford, California: Stanford University Press, 2004. 242 p.

GACEL-ÁVILA, Jocelyne. The Internationalisation of Higher Education: A Paradigm for Global Citizenry. **Journal of Studies in International Education**. v. 9, n. 2, p. 121-136, June. 2005. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com.ez94.periodicos.capes.gov.br/doi/pdf/10.1177/1028315304263795>>. Acesso em 24 ago. 2016.

\_\_\_\_\_. et al. The Latin American Way: Trends, Issues, and Directions. In: WIT, Hans de. et al. (Ed.). **Higher Education in Latin America**: the international dimension. Washington, D.C.: The World Bank, 2005. p. 341-368.

GALVÃO, Thiago Gehre. Horizontes das relações internacionais do Brasil no século 21, passado, presente e futuro. In: ABRÃO, Janete Silveira (Coord.). **Brasil**: interpretações & perspectivas. São Paulo: Marcial Pons; Madrid: Instituto Universitario de Investigación en Estudios Latinoamericanos - IELAT, Universidad de Alcalá, 2016. p. 199-227.

GIGLIO, Raffaella Aloise. **Impacto do Programa Ciência sem Fronteiras nas competências de seus egressos**. 2015. 63 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Escola de Engenharia, Universidade Federal de Fluminense, Niterói, 2015.

GONÇALVES, Rita de Cássia. et al. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetória de vida. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 10, n. esp. p. 83-92, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v10nspe/a0910spe.pdf>>. Acesso em 20 jun. 2016.

GUEDES, Paulo Coimbra. A Língua Portuguesa e a Cidadania. Documento produzido como parte de uma assessoria desenvolvida dentro do Projeto de Extensão Elaboração de uma Política Didático-Pedagógica para o Ensino de Língua Portuguesa na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre como base para a construção de programas de Língua Portuguesa nas escolas municipais. **Revista do Instituto de Letras da UFRGS**, v. 11, n. 25 1997.

GUO, Kai Yuan. et al. Valores de universitários chineses e brasileiros contemporâneos. In Tom Dwyer. et al. (Org.) **Jovens universitários em um mundo em transformação: uma pesquisa sino-brasileira**. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p. 217-234.

GUSKUMA, Erica Mayumi. et al. Mobilidade acadêmica internacional na formação em enfermagem: relato de experiência. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 69, n. 5, p. 986-990, set.-out., 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v69n5/0034-7167-reben-69-05-0986.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

JI, Ying Chun. et al. Unequal Care, Unequal Work: Toward a more Comprehensive Understanding of Gender Inequality in Post-Reform Urban China. **Sex Roles**, v. 77, n. 11-12, p. 765-778, 2017.

JOSSO, Marie-Christine. **Caminhar para si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. 340 p.

\_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004. 285 p.

\_\_\_\_\_. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 11-23, jul./dez. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v25n2/v25n2a02.pdf>>. Acesso em 15 jul. 2016.

JUDD, Katherine Elizabeth. **101 Mil brasileiros no mundo: as implicações do Programa Ciência sem Fronteiras para o estado desenvolvimentista brasileiro**. 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados sobre as Américas) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

KILLICK, David. Seeing Ourselves in the World: Developing Global Citizenship Through International Mobility and Campus Community. **Journal of Studies in International Education**, v. 16, n. 4, p. 372–389, 2012.

KNIGHT, Jane. An Internationalization Model: Responding to New Realities and Challenges. In: WIT, Hans de. et al. (Ed.). **Higher Education in Latin America: the international dimension**. Washington, D.C.: The World Bank, 2005. p. 1-37.

\_\_\_\_\_. **Higher Education in Turmoil: The Changing World of Internationalization**. Rotterdam, The Netherlands: Sense Publishers, 2008. 256 p.

\_\_\_\_\_. Internationalisation of higher education: a conceptual framework. In: WIT, Hans de. et al. (Ed.). **Internationalisation of higher education in Asia Pacific countries**. Amsterdam, The Netherlands: Editora: European Association for International Education, 1997. p. 5-19.

\_\_\_\_\_. Internationalisation of Higher Education. In: OECD (Org.). **Quality and Internationalisation in Higher Education**. Paris, France: 1999. p. 13-28.

KOBAYASHI, Eliana. **Efeito retroativo de um exame de proficiência em língua inglesa em um Núcleo de Línguas do Programa Inglês sem Fronteiras**. 2016. 187 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

LAGE, Thelma Silva Rodrigues. **Políticas de Internacionalização da Educação Superior na região norte do Brasil: uma análise do Programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Federal do Tocantins**. 2015. 182 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2015.

LOPES, Mônica Sette. O feminino e o trabalho doméstico: paradoxos da complexidade. In BORGES, Maria de Lourdes. et al. (Org.) **Filosofia: Machismos e Feminismos**. Florianópolis, Editora UFSC, 2014. p. 231-252.

LUGONES, María. Playfulness, “World” - Travelling, and Loving Perception. **Hypatia**, v. 2, n. 2 p. 3-19, 1987.

MARTINS, Joira Aparecida Leite de Oliveira Amorim. **Programa Ciência sem Fronteiras no contexto da política de internacionalização da Educação Superior brasileira**. 2015. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2015.

MORAIS, Duarte B. et al. Initial Development and Validation of the Global Citizenship Scale. **Journal of Studies in International Education**, v. 15, n. 5, p. 445–466, 2011.

MOROSINI, Marília Costa. Estado de conhecimento sobre a internacionalização da Educação Superior: conceitos e práticas. **Educar**, Curitiba, n.28, p. 107-124, 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/er/n28/a08n28.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Educação superior e contextos emergentes. In: Maria Estela Dal Pai Franco. et al. (Org.). **Internacionalização da Educação Superior em Contextos Emergentes: Uma Análise das Perspectivas Internacional, Nacional e Institucional**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 61-79

\_\_\_\_\_. Educação superior no Brasil - 10 anos pós-LDB. In: Mariluce Bittar. et al. (Org.). **Internacionalização da Educação Superior no Brasil Pós-LDB: o impacto das sociedades tecnologicamente avançadas**. Brasília: Inep/MEC 2008. p. 285-304.

MOROSINI, Marília Costa; NASCIMENTO, Lorena Machado do. Uma perspectiva metodológica da produção sobre Internacionalização da Educação Superior, em programas de pós-graduação do Brasil. In: VIII Seminário Internacional de Educação Superior: Contextos Emergentes, Anais, Porto Alegre, 2015.

MOROSINI, Marília Costa; SOMERS, Patricia (Org.). **O sonho da Educação Superior nos MBRICS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2015. 171 p.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 48, n. esp 2, dez. 2014. Disponível em: < [http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt\\_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf](http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v48nspe2/pt_0080-6234-reeusp-48-nspe2-00184.pdf)>. Acesso em 21 mar. 2017.

NUSA, Bruna Duarte. **Políticas de ensino de língua inglesa na UNEMAT no contexto do Programa Ciência sem Fronteiras**: reflexão na perspectiva dos sistemas adaptativos complexos. 2015. 102 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso, Cáceres, 2015.

NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1995. 284 p.

OLIVEIRA, Eduardo Mariano de. **Problemas nas “fronteiras”** - um caso para ensino sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. 2015. 71 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas/RJ, Rio de Janeiro, 2015.

OXLEY, Laura. et al. Global Citizenship: A Typology for Distinguishing its Multiple Conceptions. **Journal Of Educational Studies**, v. 61, n. 3, p. 301-325, 2013.

PAIXAO, Márcia; EGGERT, Edla. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: Edla Eggert (Org.). **Processo educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011. p. 13-22.

PASSINI, Michele Andreza Teixeira. A palavra que me faz outro: questões de subjetividade e interculturalidade. **Fazendo Gênero** 9, Diásporas, Diversidades, Deslocamentos 23 a 26 de agosto de 2010.

PEREIRA, Vania Martins. **Relatos de uma política**: uma análise sobre o Programa Ciência sem Fronteiras. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável) - Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou as silêncios da história**. Bauru: EDUSC, 2005. 519 p.

RODRIGUES, Joana Gomes. **Língua e cidadania**: dois conceitos em diálogo. 2012. 48 f. Relatório de Estágio de Mestrado em Ensino de Português e das Línguas Clássicas no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

SAFFIOTI, Heleieth I.B. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987. 120 p.

SARMENTO, Simone; KIRSCH, William. Inglês sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores. **Ilha do Desterro**, Florianópolis, v. 68, n. 1, p. 47-59, jan/mar. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ides/v68n1/2175-8026-ides-68-01-00047.pdf>>. Acesso em 17 mar. 2017.

SAVIANI, Dermeval. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto do MEC. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1231-1255, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2728100.pdf>>. Acesso em 18 mar. 2017.

SILVA, Aline Pacheco. et al. “Conte-me sua história”: reflexões sobre o método de História de Vida. **Mosaico: Estudos em Psicologia**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 25-35, 2007. Disponível em: <<https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344/3154>>. Acesso em 24 set. 2016.

SILVA, José Iranildo Barbosa Sales da. **O Dilema do Samaritano no Brasil**: as percepções, influências, e o comportamento estratégico dos agentes envolvidos no Programa Ciência sem Fronteiras. Estudo de caso na Universidade Federal de Pernambuco. 2015. 116 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Departamento de Engenharia de Produção, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

SILVA, Stella Maria Wolff da. **Cooperação acadêmica internacional na CAPES na perspectiva do Programa Ciência sem Fronteiras**. 2012. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasília, 2012.

SENNETT, Richard. **Respeito**: a formação do caráter em um mundo desigual. Rio de Janeiro: Record, 2004. 189 p.

SOUZA, Jessé. et al. **A Ralé Brasileira**: Quem é e como vive. Belo Horizonte: UFMG, 2009. 483 p.

SPOSITO, Marília Pontes et al. Sociabilidade, percepções e valores: uma comparação entre jovens universitários brasileiros e chineses. In Tom Dwyer. et al. (Org.) **Jovens universitários em um mundo em transformação**: uma pesquisa sino-brasileira. Brasília: Ipea; Pequim: SSAP, 2016. p. 235-264.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? What is narrative? **Civitas**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 272-284, maio-ago. 2014. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/17148/11473>>. Acesso em 28 out. 2016.

TARRANT, Michael Andrew. A Conceptual Framework for Exploring the Role of Studies Abroad in Nurturing Global Citizenship. **Journal of Studies in International Education**, v. 14, n. 5, p. 433-451, 2010.

UNESCO. Disponível em: <<http://www.unesco.org/new/pt/brasil/education/global->

[citizenship-education/](#)>. Acesso em 17 maio. 2016.

VALVA, André. **Ciência sem Fronteira**: análise de dados do Programa Ciência sem Fronteiras como instrumento de Política Social de educação para inclusão de estudantes em um ambiente universitário internacionalizado. 2015. 127 f. Dissertação (Mestrado em Políticas Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Políticas Sociais, Universidade Cruzeiro do Sul, São Paulo, 2015.

VOLTANI, Gisele Gasparelo. **Avaliação e certificação em francês língua estrangeira para a mobilidade internacional de estudantes da Universidade de São Paulo**. 2015. 255 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

WESTPHAL, Angela Mara Sugamoto. **Egresso da primeira chamada do Programa "Ciência sem Fronteiras"**: reflexos no sistema educacional brasileiro (Learning with outcomes). 2014. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2014.

XU, Feng. Chinese Feminisms Encounter International Feminisms - Identity, power and knowledge production. **International Feminist Journal of Politics**, v. 11, n. 2, p. 196-215, 2009.

## **APÊNDICE A - Questionário - Intercâmbio Universitário Brasil-China: estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa de Ciência sem Fronteiras**

### **Dados Pessoais**

1. Qual é o seu nome?
2. Qual é a sua idade?
3. Qual instituição de Educação Superior você está/esteve inscrito/a no Brasil?
4. Qual curso você fez no Brasil?
5. Qual é a atividade profissional do seu pai?
6. Qual é a escolaridade do seu pai?
7. Qual é a atividade profissional da sua mãe?
8. Qual é a escolaridade da sua mãe?
9. E viagens a turismo fora do Brasil, você já tinha realizado ?  
( ) sim ( ) não
10. Caso positivo, quantas vezes?

### **Perguntas Iniciais**

11. Você já teve outras experiências de intercâmbio fora do Brasil (além do intercâmbio na China)?  
( ) sim ( ) não
12. Caso positivo, para onde e por quanto tempo?
13. E para este intercâmbio, porque você escolheu a China?
14. Antes da viagem para a China, você tinha proficiência em alguma outra língua além do português ?  
( ) sim ( ) não
15. Já tinha tido algum contato com o mandarim?  
( ) sim ( ) não
16. Fez curso de mandarim antes de ir para China?  
( ) sim ( ) não
17. Qual universidade/instituição acolheu você na China (caso tenha sido mais de uma, por favor, listá-las)?
18. Qual curso dessa universidade/instituição você frequentou (caso tenha sido mais de um, por favor, listá-los)?
19. Quanto tempo você permaneceu na China?
20. Como você ficou sabendo do Programa Ciência sem Fronteiras?  
( ) Por informações na universidade.  
( ) Através de colegas e/ ou amigos.  
( ) Pela propaganda da TV.  
( ) Pela internet.  
( ) Outro:

### **Hospedagem**

21. Onde você ficou nos primeiros dias na sua chegada, no dormitório do campus ou fora da universidade? (Se for OUTRO, por favor identifique o lugar.)  
( ) No dormitório.  
( ) No hostel ou hotel

- ( ) Outro:
22. Depois dos primeiros dias, mudou-se para outro lugar?  
( ) sim ( ) não
23. Foi difícil achar um novo lugar para morar?  
( ) sim ( ) não
24. No final, você ficou morando como?  
( ) No dormitório do campus.  
( ) Num apartamento ou casa sozinho/a fora do campus.  
( ) Dividindo casa com colegas/amigos chineses.  
( ) Dividindo casa com colegas/amigos de outras nacionalidades.  
( ) Num quarto com uma família chinesa.  
( ) Dividindo casa com colegas/amigos chineses e de outras nacionalidades.

### **Vida Universitária**

25. Qual era sua carga horária semanal de aulas na China?  
( ) Menos de 15 horas.  
( ) Entre 15 e 25 horas.  
( ) Entre 25 e 35 horas.  
( ) Mais de 35 horas.
26. Qual ano da graduação você cursou na China?  
( ) Primeiro ano.  
( ) Segundo ano.  
( ) Terceiro ano.  
( ) Quarto ano.  
( ) Quinto ano.
27. Houve disciplinas que você frequentou na China e que não frequentava no Brasil? (Se for afirmativo, por favor, indique qual.)
28. Você tinha aulas de mandarim na China?  
( ) sim ( ) não
29. Caso positivo, de que forma você estudou mandarim? (Pode marcar mais de uma opção. Se for outro, por favor, descreva.)  
( ) Universidade em que estava realizando o intercâmbio.  
( ) Instituição privada.  
( ) Curso online.  
( ) Outro:
30. Você integrou algum grupo "Shè Tuán" 社团 (grupo de estudantes com mesmo interesse :  
futebol, desenho animado, música, xadrez, etc.)?  
( ) sim ( ) não
31. Caso afirmativo, qual era esse grupo (que atividades realizava)?
32. Qual é a principal dificuldade que você encontrou na vida universitária na China?
33. Relate por favor uma descoberta ou um ponto forte da sua experiência universitária na China.
34. Durante a sua estadia, você viajou pela China?  
( ) sim ( ) não
35. Caso positivo, para onde você viajou?

### **Experiência Profissional**

36. Quando você estava no Brasil, trabalhava e estudava ao mesmo tempo?  
 Só estudava.  
 Estudava e trabalhava ao mesmo tempo.
37. E na China, só estudava ou também fazia estágio?  
 Só estudava.  
 Estudava e fazia estágio ao mesmo tempo.
38. Se teve experiência de estágio na China, como foi?
39. Na volta para o Brasil, você está conseguindo manter os contatos profissionais ou acadêmicos que fez na China?  
 Mantém em contato.  
 Não tem mais contato.
40. Caso tenha mantido os contatos, de que maneira vocês se comunicam( Skype, Wechat, Facebook...)?

### **Perspectivas e Desejos Futuros**

41. Há pessoas na China que você tem vontade de convidar para vir ao Brasil?  
 0  
 1 a2  
 mais
42. Se for positivo, informe por favor o tipo de vínculo que você tem com essa(s) pessoa(s) (amizade, colega de estudos, colega profissional, namorado/a).
43. Você tem vontade de voltar para a China?  
 sim  não
44. Por que razão?
45. Você tem vontade de desenvolver alguma atividade profissional ou de estudos relacionada com a China?  
 sim  não
46. Caso sim e caso você já saiba, qual seria essa atividade?

### **Gênero**

47. Quanto à questão de gênero, na sua turma na China tinha número equilibrado de moças e de rapazes?  
 Mais moças.  
 Mais rapazes.  
 Número equilibrado.
48. Você fez mais amizades com moças ou com rapazes?  
 Moças.  
 Rapazes.  
 Tanto moças quanto rapazes.

### **Pergunta Final**

49. Descreva, por favor, uma experiência que te marcou mais nesse tempo de intercâmbio.

## **APÊNDICE B - As perguntas preparadas**

1. Como foi a experiência de estudar numa universidade chinesa? É muito diferente de estudar numa universidade brasileira?
2. Como foi a experiência da aprendizagem do mandarim na China?
3. Na perspectiva profissional, a sua estada na China durante o intercâmbio é a favor ao seu planejamento da carreira ou ao contrário? Porque?
4. Você já sofreu algumas circunstâncias de vulnerabilidade ou discriminação relacionada com gênero na China?
5. Como foi a sua observação sobre os tratamentos para as mulheres nos dois países? É diferente na China do que no Brasil?
6. Você percebeu muitas diferenças de ser homem/mulher no Brasil na China?
7. Quando terminou o intercâmbio, o que você acha foi a maior aprendizagem ou conquista?
8. Quando terminou o intercâmbio, o que você acha foi a pior parte na sua experiência?
9. Como você avalia o Programa CsF segundo sua experiência na China?
10. Se pudesse escolher um país destino do intercâmbio de novo, você escolheria a China? Porque?
11. A partir dessa experiência de intercâmbio, aconteceu algumas modificações do seu planejamento futuro?

## APÊNDICE C - Os trabalhos encontrados para o Estado do Conhecimento

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Instituição</b>	<b>Ano</b>
Ciência com fronteiras: a mobilidade acadêmica e seus impactos	BIDO, Maria Cláudia Fogaça	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	2015
Mérito? Gênero, raça e classe no Ciência sem Fronteiras: impactos na língua inglesa	BORGES, Rovênia, Amorim	Universidade de Brasília	2015
Programa Ciência sem Fronteiras na UFV - campus de Rio Paranaíba: êxitos e desafios	CARVALHO, Claudiane Silva	Universidade Federal de Juiz de Fora	2015
As bolsas de graduação-sanduiche do programa ciência sem fronteiras: uma análise de suas implicações educacionais	CHAVES, Gerlia Maria Nogueira	Universidade Católica de Brasília	2015
Internacionalização da Educação Superior e o Programa Ciência Sem Fronteiras: um estudo na Universidade Federal Fluminense	COSTA, Noelia Cantarino da	Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2014
Impacto do Programa Ciência sem Fronteiras nas competências de seus egressos	GIGLIO, Raffaella Aloise	Universidade Federal Fluminense	2015
101 Mil brasileiros no mundo: as implicações do Programa Ciência sem Fronteiras para o estado desenvolvimentista brasileiro	JUDD, Katherine Elizabeth	Universidade de Brasília	2014
Efeito retroativo de um exame de proficiência em língua inglesa em um Núcleo de Línguas do programa Inglês sem Fronteiras	KOBAYASHI, Eliana	Universidade Estadual de Campinas	2016
Políticas de Internacionalização da Educação Superior na região norte do Brasil: uma análise do Programa Ciência sem Fronteiras na Universidade Federal do Tocantins	LAGE, Thelma Silva Rodrigues	Universidade Federal do Tocantins	2015
Programa Ciência sem Fronteiras no contexto da política de internacionalização da educação superior brasileira	MARTINS, Jaira Aparecida Leite de Oliveira Amorim	Universidade Federal de Mato Grosso	2015
Políticas de ensino de língua inglesa na UNEMAT no contexto do Programa Ciência sem Fronteiras: reflexão na perspectiva dos sistemas adaptativos complexos	NUSA, Bruna Duarte	Universidade do Estado de Mato Grosso	2015
Problemas nas “fronteiras” - um caso para ensino sobre o Programa Ciência sem Fronteiras	OLIVEIRA, Eduardo Mariano de	Fundação Getúlio Vargas/RJ	2015
Relatos de uma política: uma análise sobre o Programa Ciência sem Fronteiras	PEREIRA, Vania Martins	Universidade de Brasília	2013
O Dilema do Samaritano no Brasil: as percepções, influências, e o comportamento estratégico dos agentes envolvidos no Programa Ciência sem Fronteiras. Estudo de caso na Universidade Federal de Pernambuco	SILVA, José Iranildo Barbosa Sales da	Universidade Federal de Pernambuco	2015
Cooperação acadêmica internacional na CAPES na perspectiva do Programa Ciência sem Fronteiras	SILVA, Stella Maria Wolff da	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2012
Ciência sem Fronteira: análise de dados do Programa Ciência sem Fronteiras como instrumento de Política Social de educação para inclusão de estudantes em um ambiente universitário internacionalizado	VALVA, André	Universidade Cruzeiro do Sul	2015
Avaliação e certificação em francês língua estrangeira para a mobilidade internacional de estudantes da Universidade de São Paulo	VOLTANI, Gisele Gasparelo	Universidade de São Paulo	2015
Egresso da primeira chamada do programa "Ciência sem Fronteiras": reflexos no sistema educacional brasileiro (Learning with outcomes)	WESTPHAL, Angela Mara Sugamoto	Universidade Católica de Brasília	2014

<b>Título</b>	<b>Autor</b>	<b>Ano</b>
Globalização e Multilinguagem no Brasil Competência Linguística e o Programa Ciência Sem Fronteiras	ARCHANJO, Renata	2015
Saberes sem Fronteiras: Políticas para as migrações Pós-modernas	ARCHANJO, Renata	2016
Mulheres sem fronteiras? Uma análise da participação das mulheres no Programa Ciência sem Fronteiras da Unicamp: motivações, desafios e impactos na trajetória profissional	FELTRIN, Rebeca Buzzo; COSTA, Janaína Oliveira Pamplona da; VELHO Léa	2016
A internacionalização dos Institutos Federais: um estudo sobre o acordo Brasil-Canadá	FERRARI, Mari	2015
Mobilidade acadêmica internacional na formação em enfermagem: relato de experiência	GUSKUMA, Erica Mayumi; DULLIUS, Aline Alves dos Santos; GODINHO, Mônica La Salette da Costa; COSTA, Maria Silvana Totti; TERRA, Fábio de Souza	2016
Inglês sem Fronteiras: uma mirada ao contexto de prática pelo prisma da formação de professores	SARMENTO, Simone; KIRSCH, William	2015

## ANEXO A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Prezado(a) participante:

Como participante que foi para China via Programa Ciência sem Fronteiras, você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Intercâmbio Universitário Brasil-China: Trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras”. O objetivo deste estudo são: 1) conhecer e analisar as experiências de estudantes do Rio Grande do Sul no intercâmbio na China e 2) entender as perspectivas dos participantes sobre a relação entre a experiência de mobilidade acadêmica com a formação da cidadania global. No presente recorte do estudo, objetiva-se entrevistar individualmente os participantes para coletar dados a fim de desenvolver a análise.

Para participar deste estudo você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Levando em consideração que em todas as pesquisas que envolvem seres humanos existem riscos, neste caso os riscos possíveis são de ordem psicológica, como por exemplo, um possível incômodo ou cansaço sentido pelo participante em realizar os testes. Contudo, todas as providências serão tomadas para que qualquer tipo de desconforto seja evitado.

você será esclarecido(a) sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se a participar. Poderá retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participação não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador.

Esta pesquisa tem como pesquisador responsável Luoyuan Liu, mestranda orientanda da Profª. Drª. Edla Eggert da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, sob a orientação local onde se dará a coleta de dados. Seu endereço é Avenida Ipiranga, 6681, telefone: (51) 3320.3620 - 3320.3635 (Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Educação).

O pesquisador irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não irá identificado em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. O participante assinará este termo de consentimento em duas vias, sendo que uma cópia fica com o mesmo e outra será arquivada pelo pesquisador responsável, no Programa de Pós-Graduação em Educação na Escola de Humanidades da PUCRS.

Rubrica:

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de Identidade \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos do estudo “Intercâmbio Universitário Brasil-China: Trajetórias formadoras de estudantes do Rio Grande do Sul participantes do Programa Ciência sem Fronteiras”, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas.

Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar.

Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada à oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2017.

Nome/Assinatura do participante

Data

Nome/Assinatura do pesquisador responsável

Data

Em caso de dúvidas com respeito aos aspetos éticos deste estudo, você poderá consultar:

Luoyuan Liu, e-mail: [liu.luoyuan@acad.pucrs.br](mailto:liu.luoyuan@acad.pucrs.br)

Profª. Drª. Edla Eggert, e-mail: [edla.eggert@pucrs.br](mailto:edla.eggert@pucrs.br)



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul  
Pró-Reitoria de Graduação  
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar  
Porto Alegre - RS - Brasil  
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564  
E-mail: [prograd@pucrs.br](mailto:prograd@pucrs.br)  
Site: [www.pucrs.br](http://www.pucrs.br)